

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Como será o amanhã:

Nove Décadas de Samba no Carnaval de Juiz de Fora

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Débora Barbosa Almada

Como será o amanhã:

Nove Décadas de Samba no Carnaval de Juiz de Fora

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito
para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Débora Barbosa Almada

Como será o amanhã:
Nove Décadas de Samba no Carnaval de Juiz de Fora

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de conclusão de curso / Dissertação aprovado (a)
em 12/02/2014 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) – Orientador

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (UFJF)- Convidado

Prof^a. Dr^a. Márcia Cristina Vieira Falabella (UFJF)- Convidado

Conceito obtido_____

Juiz de Fora
Fevereiro de 2014

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pelos momentos de glória mas, principalmente pelos de batalha, pois me deu força para vencê-los e chegar até aqui. Sei que sem Ele, nada seria.

À minha família, pelo apoio dado durante esses quatro anos de faculdade, e principalmente nesse período final. Obrigada a todos!

Ao meu pai, José Almada, o grande Zezé do Pandeiro, a quem dedico esse trabalho.

À minha mãe, Neide Almada. Obrigada por estar ao meu lado. Te amo!

Aos meus amigos, em especial Jéssica Aquino e Rose Maria da Rocha, que tenho a sorte de chamá-las de "irmãs", e aos que fiz durante meu período de faculdade. Obrigada por acreditarem em mim e por acreditarem que esse trabalho se tornaria possível.

Ao mestre Márcio Guerra, que em todo momento me incentivou a realizar este trabalho. Obrigada pelos ensinamentos nos meus tempos de Produtora de Multimeios e principalmente, por ser meu amigo.

Ao Diário Regional, por me mostrar que estou sim na profissão e no caminho certo.

À Eliane, do Setor de Memória da Biblioteca Municipal, pela ajuda dada nas horas de pesquisas.

À minha sobrinha, amiga e irmã, Suellen Moreira, por sempre acreditar em mim e pela paciência para me agüentar, principalmente nessa etapa final. Não sei o que seria de mim sem você na minha vida.

Aos entrevistados para essa monografia, que me fizeram apaixonar por essa bela história do Carnaval de Juiz de Fora.

Aos professores da Facom, que me ensinaram e me mostraram a profissão mais incrível do mundo.

"Se o Brasil ficasse privado de futebol, 'jogo de bicho' e Carnaval (sem falar na caninha), talvez fossemos o país das revoluções. [...] O brasileiro passa sem manteiga no pão, sem feijão no arroz e sem água na torneira. Mas não passa sem o futebol, sem o 'jogo de bicho' e sem o Carnaval." (André Kallas)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar a história do Carnaval de Juiz de Fora, mostrando sua chegada ao Brasil e a cidade, seu desenvolvimento ao longo dos anos, sua época de maior destaque no Estado e no país, para assim, chegar até os dias atuais. Tal relato é baseado em entrevistas com personagens que participaram e ainda participam deste cenário na cidade, além de ter uma grande importância na história do Carnaval de Juiz de Fora; e pesquisas em jornais e revistas antigas, que, diante de um grande apanhado de informações, possibilitará a formação de uma base concisa para a criação do texto. Seu surgimento se dá pelo fato de que tal assunto deve ser passado a população local, possibilitando um conhecimento maior desta festa no município e o entendimento de sua situação atual, para assim, buscar soluções para o cenário encontrado hoje em dia na cidade.

Palavra-chave: Carnaval; história; Escolas de Samba; Juiz de Fora

LISTA DE ABREVIATURAS

FUNALFA - Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage

DAT - Departamento Autônomo de Turismo

DEPROM - Departamento de Promoções

LIESJUF - Liga Independente das Escolas de Samba de Juiz de Fora

ASE - Associação dos Sargentos do Exército

NUME - Núcleo Mineiro de Escritores

LISTA DE FIGURAS

FIGURA A- CORSOS FORMADO POR MULHERES, NA DÉCADA DE 70.....	144
FIGURA B - FOTO DO QUE RESTOU DO CLUBE JUIZ DE FORA, APÓS O INCÊNDIO NA DÉCADA DE 1950.....	145
FIGURA C- DESFILE DA ESCOLA DE SAMBA TURUNAS DO RIACHUELO, EM 1958.....	145
FIGURA D - DESFILE DO RANCHO "NÃO VENHAS ASSIM", EM 1958.....	146
FIGURA E - FOTO DO CLÉRIO PEREIRA DE SOUZA, O PIMPINELA, REI MOMO NO CARNAVAL DE JUIZ DE FORA POR 28 ANOS.....	146
FIGURA F - FOTO DA EQUIPE DA PRB-3 TRANSMITINDO O DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA DE JUIZ DE FORA, NO PALANQUE EM FRENTE AO PARQUE HALFELD, EM 1958.....	147
FIGURA G - EX-PREFEITO ADHEMAR ANDRADE, ENTREGANDO A CHAVE DA CIDADE AO REI MOMO PIMPINELA, EM 1966.....	147
FIGURA H - JOSÉ CARLOS DE LERY GUIMARÃES NO DESFILE DA FELIZ LEMBRANÇA, COM O ENREDO "MASCARADA VENEZIANA", EM 1966.....	148
FIGURA I - BAILE NO SPORT CLUBE JUIZ DE FORA, EM 1958.....	148
FIGURA J - FOTO DO DJALMA DE CARVALHO.....	149
FIGURA K - DESFILE DA FELIZ LEMBRANÇA, NA DÉCADA DE 60.....	150
FIGURA L - NANCY DE CARVALHO E NELSON SILVA.....	150
FIGURA M - NANCY DE CARVALHO E DEMAIS COMPONENTE DA FELIZ LEMBRANÇA, EM DESFILE NA DÉCADA DE 60.....	151
FIGURA N - PRIMEIRO DESFILE DO ZEZÉ GARCIA, NA TURUNAS DO RIACHUELO, EM 1966.....	152
FIGURA O - ZEZÉ GARCIA (AO CENTRO, DE VESTIDO), NO PRIMEIRO DESFILE PELO BLOCO CARICATO, DOMÉSTICAS DE LUXO, EM 1967.....	153
FIGURA P - ZEZÉ GARCIA EM DESFILE NA TURUNAS DO RIACHUELO, EM 1972.....	154
FIGURA Q - ZEZÉ DO PANDEIRO EM DESFILE NA CASTELO DE OURO, EM 1972.....	155
FIGURA R - ZEZÉ DO PANDEIRO NA GRAVAÇÃO DO PRIMEIRO LP DAS ESCOLAS DE SAMBA, EM 1979.....	156

FIGURA S - ZEZÉ DO PANDEIRO NA FESTA DE LANÇAMENTO DO LP DO CARNAVAL DE 1982.....	156
FIGURA T - ZEZÉ DO PANDEIRO PROTESTA SOBRE RESULTADO NO CARNAVAL DE 2005.....	157

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DA MITOLOGIA A IGREJA: A ORIGEM DO CARNAVAL	15
2.1 SURGE O CARNAVAL	15
2.2 FESTAS PAGÃS	16
2.2.1 Antigo Egito	16
2.2.2 Gregos e Romanos.....	18
2.2.3 Sacaea babilônica	20
2.2.4 Purim judaico.....	21
2.3 QUARESMA X CARNAVAL	22
2.4 O CARNAVAL NO MUNDO.....	24
2.4.1 Idade Média	25
2.4.2 Renascimento.....	25
2.4.3 Iluminismo	26
2.4.4 Paris.....	27
2.4.5 Portugal: o Entrudo	29
2.5 O INÍCIO DO CARNAVAL NO BRASIL.....	30
3 CARNAVAL EM JUIZ DE FORA: O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA DE SUCESSO.....	33
3.1 OS PRIMÓRDIOS	33
3.2 DÉCADA DE 20 E O CARNAVAL DE RUA	35
3.3 DÉCADA DE 30 E A PRIMEIRA ESCOLA DE SAMBA DE MINAS GERAIS	37
3.3.1 Turunas do Riachuelo, a primeira escola de Juiz de Fora	39
3.3.2 Feliz Lembrança e a concorrência com a Turunas	41
3.4 - DÉCADA DE 40 E OS DESFILES	43
3.4.1 Os Bailes de Carnaval.....	46
3.4.2 "Ah Se Eu Fosse Feliz", o Hino do Carnaval de Juiz de Fora.....	48

3.4.3 Escola de Samba Castelo de Ouro	50
4 O APOGEU DO SAMBA NA MANCHESTER MINEIRA.....	52
4.1 DÉCADA DE 50 E O INCÊNDIO DO CLUBE JUIZ DE FORA.....	52
4.2 DÉCADA DE 60 E O DESFILE OFICIAL DAS ESCOLAS DE SAMBA DE JUIZ DE FORA	55
4.2.1 Novas agremiações para o Carnaval	59
4.2.2 O Primeiro Desfile Oficial das Escolas de Samba de Juiz de Fora.....	60
4.3 DÉCADA DE 70 E A SAFRA DE POEMAS CANTADOS DAS ESCOLAS DE SAMBA	64
4.4 A ÉPOCA DE OURO DO CARNAVAL JUIZFORANO	74
5 A QUEDA DA FESTA JUIZFORANA	83
5.1 DÉCADA DE 80 E O INÍCIO DOS PROBLEMAS.....	83
5.2 DÉCADA DE 90 E O ESFRIAMENTO DA FOLIA.....	91
5.3 A FOLIA NOS DIAS ATUAIS: COMO SERÁ O AMANHÃ?.....	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
8 APÊNDICES	115

1 INTRODUÇÃO

O Carnaval é uma das festas de maior tradição no mundo. Mas foi no Brasil que ela se tornou mundialmente conhecida. Sua chegada no país possibilitou que passasse por mudanças que futuramente, fizeram com que a festa deixasse de ser uma simples manifestação cultural para se tornar a "identidade brasileira". Stuart Hall acredita que "a identidade é formada na 'interação' entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem" (HALL, 2006, p. 10). Completando essa idéia, Roberto da Mata define que "a construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões" (DA MATTA, 1986, p. 15). Ou seja, a mistura de culturas e fatores históricos gerou então essa caracterização do Carnaval como identidade brasileira. Assim, durante quatro dias, o público esquece seus anseios e vive intensamente a data, brincando e se divertindo e, acima de tudo, podendo ser quem ele não é durante o cotidiano sem sofrer repressão, afinal, tudo é festa!

Especificar a data correta da criação dessa festa é uma tarefa árdua, pois não existem arquivos que comprovem com exatidão de onde e quando ela veio. Mas suas características ao longo dos anos permitem realizar paralelos com as manifestações religiosas de antigamente, como as festas pagãs do Antigo Egito, os bacanais gregos e romanos, as festas religiosas da Babilônia entre outras. Agora, há ainda aqueles que acreditam que a festa surgiu da própria Igreja Católica.

Coincidência ou não, o Carnaval passou por mudanças, e uma delas foi atualmente, onde a festa passou a possuir um alto caráter comercial, principalmente aqui no Brasil. Mas para chegar aonde chegou, pode-se dizer que o Carnaval brasileiro é uma miscelânea de cores,

raças e costumes, passando por fases como sua chegada, através do Entrudo português, até aderir ao batuque dos negros africanos, surgindo o samba.

Essa junção deu origem a uma coisa de muito destaque na folia: o desfile das Escolas de Samba. Hoje, turistas do mundo inteiro vem para o Brasil, especificamente no eixo Rio / São Paulo, assistir ao show de luzes, tecnologia e cores das agremiações. Mas antes de se chegar a esse patamar, os corsos eram a forma como as damas e rapazes da sociedade desfilavam pelas ruas nos dias de Carnaval, através de luxuosos carros antigos enfeitados de faixas e flores.

E Juiz de Fora não ficou para trás. Desde a década de 20, a cidade já era conhecida na região pelos seus festejos. Recebendo influência do Rio de Janeiro, o Carnaval cresceu, e a Manchester Mineira teve o prazer ser a pioneira no quesito "Escola de Samba", tendo a primeira agremiação de Minas Gerais e a quarta do Brasil, em 1934. A partir daí, abriu espaço para que outros blocos crescessem e se tornassem também Escolas, gerando em 1966 o Primeiro Desfile Oficial na cidade, evento que ganhou tanta credibilidade além de admiradores, que possibilitou a cidade ganhar, em 1979, o título do 3º melhor Carnaval do Brasil, pelo órgão Riotur, do Rio de Janeiro.

Na década de 70 até início da década de 80, a cidade passa a receber turistas de todos os cantos do país. Hotéis lotados, ruas movimentadas, muita animação e samba no pé. Pela Avenida Rio Branco, a principal passarela do samba na cidade, passaram várias agremiações com sambas cantados até os dias de hoje. Período de ouro que deve ser lembrado por aqueles que participaram, mas principalmente, conhecido por aqueles que não estavam presente. Porém, a história registra que o Carnaval foi perdendo seu brilho ao longo dos anos, dando espaço as viagens para o litoral neste feriado.

O trabalho em questão tem como intuito resgatar a memória dos tempos de glória da folia juizforana. Através da realização de pesquisas em jornais locais e de entrevistas com

personalidades do Carnaval de Juiz de Fora, percebe-se a necessidade de trazer a tona essa manifestação cultural que nos dias atuais, passa por problemas.

O trabalho relata essas informações utilizando como formato o livro-reportagem, um gênero jornalístico presente no chamado "Jornalismo Literário", forma que surgiu em meados do século XIX na Europa, chegando a partir da década de 1960 em solo americano, sendo chamado de *New Journalism*. Sua principal característica é unir o jornalismo com a literatura, proporcionando um desenrolar maior dos fatos de forma aprofundada. Seria o fato de relatar aquilo que ficou oculto em alguma matéria (ou no conjunto de matérias) sobre um determinado assunto, de uma forma menos formal que a passada num jornal diário.

Como primeira parte da jornada, o 2º capítulo resgata a origem da festa e sua chegada ao Brasil. No 3º, com a festa instalada no país, o trabalho abordará seu início em Juiz de Fora, passando pelas décadas de 20, 30 e 40. O 4º capítulo relata a consolidação da festa, na década de 50 e seu ápice em 60 e 70, lembrando principalmente, os sambas que marcaram essa época. E o 5º, aborda sua decadência, a partir da década de 80 até a situação precária nos dias atuais.

Quando o Carnaval chegou em Juiz de Fora? Quando foi eleita a primeira Rainha do Carnaval da cidade? Quem foi a primeira Escola de Samba campeã de Juiz de Fora? Quais os sambas que marcaram época? Por que o Carnaval declinou? A que se deve o fato dos desfiles terem saído da Avenida Rio Branco? Essas são algumas das perguntas que este estudo pretende responder.

2 DA MITOLOGIA A IGREJA: A ORIGEM DO CARNAVAL

Máscaras, fantasias, confete e serpentina. Marchinhas e músicas que animam os quatro dias de folia que, no Brasil, param o país para essa data considerada especial. Mas muitos ainda se perguntam de onde surgiu essa festa, suas características e como essa brincadeira evoluiu até chegar nos tempos atuais.

2.1 SURGE O CARNAVAL

Dizer a época precisa em que o Carnaval surgiu é uma tarefa considerada difícil pela divergência entre historiadores e pesquisadores do ramo. Existe um grande debate em torno da origem dessa celebração. Alguns baseiam seus estudos e afirmações nas comemorações e ritos pagãos antigos, que, de acordo com eles, as comemorações atuais possuem características parecidas com essas manifestações. Já outros, se baseiam em relatos de documentos datados em torno de 604 d.C.

Outra fator discutido é a etimologia da palavra "Carnaval". Para uns a palavra vem de *Carrum Navalis*, "os carros navais que faziam a abertura das Festas Dionísias gregas nos séculos VII e VI a.C" (CARVALHO, ROSA, 1995, p. 33).

Existe ainda uma outra corrente citada em um livro de Mikhail Bakhtin, por Carvalho e Rosa (1995), que diz que "na segunda metade do século XIX, numerosos autores alemães defenderam a tese de que a palavra 'Carnaval' viria de KANE (KARTH) ou 'lugar santo' [...] e de VAL (WAL) ou morto/assassinado" (apud ARAUJO, 2002). Ou seja, "uma procissão para deuses mortos, uma espécie de cortejo para almas errantes do purgatório identificada desde o século XI, pelo normando Ordérico Vital, como se fosse um exército de Arlequins desfilando nas estradas desertas buscando a purificação de suas almas" (CARVALHO, ROSA, 1995, p. 34).

Mas, independente de onde e de que forma a festa surgiu, de acordo com Carvalho e Rosa, "[...] O Carnaval é a oportunidade de interagir com o mítico, o religioso e a realidade, que compõe o imaginário popular" (CARVALHO, ROSA, 1995, p. 3 apud COELHO, 2003, p. 3). Mas, para se entender melhor o evento, deve-se entender o conceito de "festa":

[...] um fato político, religioso e simbólico. Jogos, danças e músicas são motivo de descanso, prazer e alegria. Sua função social permite às crianças, aos jovens, aos velhos, pobres ou ricos, espectadores e atores representar valores e normas da vida coletiva e partilhar conhecimentos. [...] servem ainda para ajudar a suportar o trabalho, o perigo e a exploração da vida cotidiana e, igualmente, para afirmar laços de solidariedade pelas especificidades e diferenças. (CARVALHO E ROSA, 1995, apud COELHO, 2003, p. 4)

Roberto da Matta aponta em "Carnavais, malandros e heróis" (1990, p. 167), que o Carnaval brasileiro, embora se realize em quatro dias, é percebido como uma festa compacta, "[...] um momento especial, onde tudo pode ocorrer; ou seja, sociologicamente, um período em que o mundo social fica pleno de potencialidade e deixa de ser focalizado por meio de seus mediadores sociais ordinários (como profissão, bairro, riqueza, poder, etc)".

2.2 FESTAS PAGÃS

Durante muito tempo se discutiu a verdadeira origem dos festejos de Momo. De acordo com uma frente de estudos, uma das festas mais comemoradas do mundo teve influências de celebrações egípcias, gregas e romanas.

2.2.1 Antigo Egito

Realizando paralelos entre as diversas comemorações dos povos antigos, José Carlos Sebe, em seu livro "Carnaval, Carnavais" (1986, p. 9), conta que essa festa surgiu através de celebrações religiosas de povos como gregos, romanos e babilônios. Por meio disso, o autor diz que "há uma raiz que procura mostrar o Carnaval como uma festa mais velha da história".

De acordo com Sebe, a celebração mais antiga e mais provável que seja a verdadeira semente são as comemorações pagãs no Antigo Egito, em homenagem a deusa Ísis e o deus Osíris. Diz a lenda que, para acontecer o renascimento da natureza, a deusa se torna mais sedutora e poderosa. Conseqüentemente, Osíris, seu parceiro, teria o direito de gozar de todos os prazeres possíveis nesta época, mas por um tempo determinado. Depois de satisfazê-los, a deusa então sacrifica seu companheiro para cessar esse tempo e retomar ao período normal.

Muitos dos elementos identificáveis no ritual carnavalesco encontram sinônimos em festas antigas como as celebrações de Ísis e Osíris. O culto ao corpo, a exaltação sensual, a aparente modificação das regras cotidianas, tudo combina com o princípio que rege as normas do carnaval. (SEBE, 1986, p. 10)

Ou seja, existe um período em que o homem, munido de todos os seus desejos, poderá realizá-los sem intromissão de terceiros. Após esse tempo, satisfeita suas vontades e prazeres, é cessado esse sentimento e retoma então ao período de atividades e vivência cotidiana.

Carvalho e Rosa (1995, p. 36) citam que, de acordo com a Revista Super Interessante de janeiro de 2002, o Carnaval é um ritual de mais de 10.000 anos. "[...] No início, era um culto agrário com danças e cânticos em comemoração as colheitas". Porém, esta data é corrigida pelo escritor Hiram Araujo (2002).

[...] Favorecidos pelos humos (ou limo) que deixavam extremamente fértil as terras irrigadas pelo Nilo, teriam sido os povos que, primitivamente, habitavam suas margens e que a partir de 4000 anos a.C. evoluíram para as unidades políticas chamadas Nomos, os verdadeiros criadores da agricultura e dos cultos agrários [...] (CARVALHO, ROSA, 1995, p. 36 apud ARAÚJO, 2002)

Mas essas festas não só influenciaram a origem do Carnaval, como também outras formas de comemorações religiosas.

2.2.2 Gregos e Romanos

De acordo com Sebe, "na Grécia e na Roma antiga, as festas deixavam transparecer o culto aos prazeres, e uma permitida alteração da ordem marcava a mudança da rotina" (1986, p. 11). Essas festas são chamadas de "bacanais", "luperciais" e "saturnais"¹.

As bacanais, luperciais e saturnais poderiam ter sido algumas variações da festa carnavalesca. Suas celebrações implicavam a existência de rituais libertadores das atitudes reprimidas e abrigavam a extroversão, a permissividade, prevalecendo 'o tempo dos vícios'. (SEBE, 1986)

Um poema escrito por Manoel Bandeira, "Bacanal", em 1919 (SEBE, 1986, p. 13-14), nos mostra um relato dos acontecimentos dessa festividade, já que muitas vezes, o que se pensa ao falar em festas pagãs é a imagem de uma celebração regada a muita comida, bebida e principalmente de libertinagem.

Quero beber! Cantar asneiras
 No esto brutal das bebedeiras
 Que tudo emborca e faz em caco...
 Evoé Baco!
 Lá se me parte a alma levada
 No torvelim da mascarada,
 A gargalhar em douro assomo...
 Evoé Momo!
 Lacem-na toda, multicores,
 As serpentinas dos amores,
 Cobras de lívidos venenos...
 Evoé Vênus!
 Se perguntarem: Que mais queres,
 além de versos e mulheres?
 - Vinhos!... o vinho que é o meu fraco!...
 Evoé Baco!
 O alfange rútilo da lua,
 Por degolar a nuca nua

¹ Forma de festejos pagãos na Grécia e Roma. Suas datas seguiam um calendário antigo, e eram realizadas próximas a data que comemoramos o Carnaval hoje em dia.

Que me alucina e que não domo!...
 Evoé Momo!
 A Lira etérea, a grande Lira!...
 Por que eu extático desfira
 Em seu louvor versos obscenos,
 Evoé Vênus!

Essas comemorações, inicialmente eram freqüentadas por mulheres e aconteciam três vezes ao ano. Um tempo depois, homens começaram a participar do evento e este passou para cinco vezes por mês. Os bacanais eram mal vistos pela sociedade a ponto de que, em 186 a. C., o Senado proibiu sua realização em toda a Itália.

As festas lupercais eram realizados no dia 15 de fevereiro, e estavam, como os bacanais, associados as fases de semeadura ou colheita.

O enredo dos lupercais consistia na existência de dois reis ou sacerdotes chamados flâmines ou lupercos; um simbolizava a ordem, a harmonia e a paz, e outro representava a desordem, a depravação e o tumulto. Segundo a tradição, o primeiro sobreviveria e o outro seria morto em meio a grande festa. Ao fim de um ano a dramatização coletiva era recriada e a efervescência do festejo permitia renascer a festa. (SEBE, 1986, p. 15)

As comemorações saturnais ocorriam em dezembro, último mês do calendário romano. Esse período estava sobre a regência de Saturno, que era o deus protetor da agricultura. Os sete dias saturnais eram entre 17 e 23 desse mês, e a ordem neste período era comer muito e viver alegremente, liberando os instintos que eram regulados durante o "tempo ordinário" do restante do ano.

Inicialmente, as saturnais seriam festas puras, alegres, afinadas entre o trabalho e a produção: uma bênção divina. Depois, a celebração teria se degenerado em orgias desmedidas, perdendo o seu caráter de gratidão. [...] As saturnais representam uma importante fase da estruturação da festa que pode ter gerado os carnavais contemporâneos. Muitos dos elementos essenciais da folia já estavam presentes nesta manifestação. (SEBE, 1986, p. 17)

Sebe afirma também que "duas festas na antiguidade européia podem ter sido derivadas das saturnais e que, de alguma forma, podem servir de parâmetro para pensar na origem do carnaval. Um é a *sacaea* babilônica e a outra o purim judaico" (1986, p. 18).

2.2.3 *Sacaea* babilônica

Através de escritos antigos deixados por um sacerdote chamado Beroso, Sebe relata que tem-se informações de um ritual que acontecia na passagem do ano pelo povo da Babilônia. A festa, chamada "Zalmuk" ou "Zalmuku", acontecia nos onze primeiros dias do mês denominado *nissan*, que é o primeiro mês do calendário judaico (sétimo mês do calendário civil, ou seja, Julho). A festa era em homenagem ao deus Marduk, deus supremo do povo babilônio.

De acordo com as tradições, naquele período os deuses se reuniam para decidirem o destino do reinado de Marduk, ou seja, se o mesmo deveria permanecer por mais um ciclo anual no comando. Daí sua semelhanças com as festas gregas e romanas, na identificação da proposta de prolongamento nos mandatos de reis (SEBE, 1986, p. 19). As festas eram realizadas da seguinte forma:

As festividades de confirmação do rei ordinário davam-se em meio a uma longa celebração. Em todos os lugares interrompia-se a escravidão; um dos criados, selecionados entre os jovens mais fortes e bonitos, era escolhido como soberano alternativo e deveria, a exemplo das demais festas, viver como quisesse todas as suas fantasias. O final também era o mesmo: o rei temporário, depois do prazo previsto, era açoitado, sacrificado publicamente, acabando morto na forca ou na cruz. (SEBE, 1986, p. 19)

Sebe (1986) aponta que, nessas manifestações religiosas, fica visível a aproximação com a cultura greco-romana, assim como grande parte dos países europeus, que receberam forte influência das celebrações sagradas da Antiguidade

2.2.4 Purim judaico

O Purim é celebrado no mês *adar*² e possui forte influência da *sacaea*, chegando até a ser confundido com essa festa pagã, já que, "em ambos os casos, por exemplo, os tratamentos entre as classes sociais se transformam, e nestes dias licenciosos poder-se-ia beber muito, comer bastante e trocar presentes" (SEBE, 1986, p. 19).

Nesta festa, homens e mulheres agiam contra os escritos do Talmud, livro sagrado dos judeus, e saíam travestidos pelas ruas. No festejo, existiam duas figuras importantes: o vizir Aman e o judeu Mordecai.

O enredo da festa se passa na corte persa. Modercai havia se metido em uma confusão e estaria sendo condenado por Aman. Depois de muito debate e reviravoltas na história, Modercai consegue transformar a situação e acaba recebendo honrarias por sua atuação, enquanto Aman é enforcado. Sebe destaca neste momento, a grande semelhança com a *sacaea*.

A análise mais cuidada do *purim*, permite vislumbrar as ligações com a *sacaea*; aliás, as variações do nome Modercai se aproximam bastante de Marduk ou Merodach dos babilônios. Assim, o que reforça a hipótese de o *purim* se ter desdobrado a partir da *sacaea* é a ligação traçada pelo cativo da Babilônia, período em que os judeus estiveram sob a dominação daquele povo, na Antiguidade. (SEBE, 1986, p. 20)

A partir desse ponto, de acordo com Sebe, pode-se verificar a informação de que o Carnaval seria uma etapa do ano que se concluiu, que se completaria. O uso de bebidas, comidas, danças e a presença forte da sexualidade mostram a forma contida nas comemorações destas festas, ligado a questão da inversão de papéis, a quebra de estereótipos e também ao renascimento.

² Adar é o 12º mês e, em alguns anos, também o 13º mês do calendário judaico.

O calendário judaico é lunissolar, ou seja, com meses lunares que começam na Lua Nova, e anos trópicos que seguem as estações. No calendário civil, que usamos, Adar é o terceiro mês do ano, ou seja, Março.

Outro ponto marcante é a presença do rei, figura hoje muito importante no Carnaval. Sebe destaca que, a morte de um homem, basicamente do suposto rei, após todas as suas vontades serem levadas em consideração e realizadas, nos remete a questão de que num determinado período de tempo, todas as vontades podem ser satisfeitas e que após esse período, a vida volta ao normal.

Se o homem morresse depois de gozar todas as delícias pretendidas, seu "sucessor" reinaria em paz, por outro ciclo. Abençoada a terra purificados os espíritos pelo sacrifício, no inconsciente dos grupos estariam representados os elementos fundamentais da vida, renovados de acordo com o ciclo da natureza (SEBE, 1986, p.21)

Carvalho e Rosa (1995, p. 37) apontam outra vertente, em que, posterior as manifestações pagãs greco-romanas, surge o chamado *Carnaval Cristão*, "denominação que vinga entre os séculos VI d.C. até o século XVII d.C. Suas características básicas tomaram corpo na Renascença, triunfando principalmente nas cidades de Nice, Roma e Veneza, que passaram a irradiar para todo o mundo o modelo de Carnaval que ainda hoje identifica a festa".

2.3 QUARESMA X CARNAVAL

Outra corrente de pesquisa é a defendida por Felipe Ferreira em seu livro intitulado "O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro" (2004). O autor aponta a existência da possibilidade da folia ter surgido das festas pagãs da Antiguidade, mas frisa na questão de que "não dá pra afirmar que já existia Carnaval no Antigo Egito ou nas civilizações greco-romanas, como muita gente boa já escreveu por aí" (FERREIRA, 2004, p. 16). O autor aponta também que falar em festas antigas, nos remete a várias festas populares que existem hoje em dia.

[...] as festas em homenagem a Ísis egípcia ou ao deus Baco romano, entre outras tantas, não são festas carnavalescas nem precursoras somente do Carnaval, mas sim de todos os tipos de festas públicas populares que o mundo conheceu depois dela, incluindo festas juninas, os rodeios e até mesmo o Natal e *Halloween*. [...] Assim, quando procuramos estabelecer as origens do Carnaval é preciso não confundir as festas e celebrações das antigas civilizações com aquilo que atualmente entendemos como Carnaval. (FERREIRA, 2004, p. 16-17)

Ferreira acredita que a criação do Carnaval se deu pela própria Igreja Católica, por mais engraçado que seja, como cita o autor. Em 604 d. C, o papa Gregório I decidiu que, em um determinado tempo durante o ano, os fiéis deveriam deixar de lado tudo que realizavam em sua vida cotidiana, para durante alguns dias, dedicarem-se exclusivamente ao espiritualismo. Esse tempo, de acordo com ele, duraria quarenta dias, pois remetia ao período em que Jesus ficou em jejum no deserto, passando por provocações de espíritos malignos. Devido a essa questão, esse período recebeu o nome de "quadragésima" ou "quaresma", como conhecemos hoje em dia (2004, p. 25).

Essa decisão foi se espalhando até que, em 1091, o papa Urbano II convocou uma reunião com os representantes da Igreja - denominada de Sínodo de Benevento - na qual foi decidido que estava na hora de se escolher uma data específica para que a Quaresma acontecesse. O primeiro dia desse período foi chamado de "Quarta-feira de Cinzas", devido a ação, que permanece até os dias atuais - de marcar a testa dos fiéis com uma cruz de cinzas em sinal de penitência - e o último dia seria o "Domingo de Páscoa". Ou seja, durante esse tempo a população em geral deveria se abster de festas, bebedeiras, brincadeiras e namoros e se dedicar exclusivamente a elevar seu espírito a Deus. Então, o ideal seria, até esse período chegar, aproveitar o máximo que se podia. Assim, foi estabelecendo-se o costume de realizar festas regadas à muita comida e bebida, antes do período da Quaresma.

Devido ao rigoroso frio existente na Europa, carnes e gorduras eram o alimento mais consumido. Nesses quarenta dias, a população não poderia comer nada disso, a não ser peixes secos e salgados. E como nessa época o poder da Igreja era absoluto, o que era determinado

por eles a população seguia a risca. Devido a isso, as vendas e o consumo de carne antes da Quaresma aumentava, dando lugar logo em seguida ao consumo de peixes, conforme cita Ferreira.

Esses últimos dias de fartura antes dos quarenta dias de penúria começaram então a ser chamados de dias do "adeus a carne", que em italiano, fala-se dias da "*carne vale*" ou do "*carnevale*". Surge assim a palavra para definir o período do ano onde a comilança e a esbórnia corriam soltas, e que acabaria por se tornar uma espécie de antônimo da Quaresma: Carnaval. Ou seja, se não fosse pela invenção da Quaresma, não haveria Carnaval. (FERREIRA, 2004, p. 26)

O período do adeus à carne recebeu vários nomes. "Em 1097, pouco tempo depois do Sínodo de Benevento, a festividade era chamada de *carnelevarium*. Em 1130, de *caramentran*, *carnisprivium* ou *carnelevare*. Em 1195 era conhecido como *carnelevamem*, e assim por diante" (FERREIRA, 2004, p. 31). Carvalho e Rosa (1995), citam sobre a definição da data do Carnaval.

A medida que o tempo vai passando o Carnaval vai tomando maior vulto, sobretudo, na área medieval da Europa - na Itália (Roma e Veneza), França (Paris e Nice) e Alemanha (Nuremberg e Colônia). Já [...] em 1582, o Papa Gregório XIII ao promover a reforma do Calendário Juliano, transformando-o no Calendário Juliano-Gregoriano, em uso até hoje pelos povos Católicos, estabeleceu em definitivo as datas do carnaval. (apud ARAUJO, 2002)

Mas antes de entender a manifestação no Brasil, temos que entender como ela era realizada no mundo e como chegou em terras brasileiras.

2.4 O CARNAVAL NO MUNDO

Em terras brasileiras, o Carnaval tomou características específicas que hoje, são conhecidas mundialmente. Mas antes de ter essa "cara", a festa teve outros vestígios, aonde cada local tinha sua forma específica de comemorar os festejos de Momo.

2.4.1 Idade Média

Após a criação da Quaresma, a comemoração do Carnaval se tornou algo comum para a população. Associando-se a alguns rituais pagãos antigos, o uso de máscaras e fantasias, como as que representavam animais, passou a ser presente nessa festa. Surgem também algumas brincadeiras e contos irônicos sobre batalhas entre dois personagens muito conhecidos na época: o Senhor Carnaval e a Dona Quaresma, que futuramente, tornou-se um livro, escrito no século XIII, chamado "A batalha de Quaresma e Carnagem", conforme relata Ferreira.

Do lado do Carnagem (que é como o autor chama o personagem que representa o período do adeus a carne, ou seja, o Carnaval), lutam carnes, toucinhos assados, bifés de porco, queijos, tortas e animais cozidos. Do lado da Quaresma, representado ainda como uma figura masculina, alinham-se peixes, como arenques, enguias e outros alimentos secos. O personagem Quaresma, nem um pouco simpático, ligava-se aos ricos e grandes proprietários de casas e abadias. Por sua vez, Carnagem, representando a abundâncias e a distribuição de riquezas, é o bom senhor amado por todos: humildes e poderosos, grandes e pequenos. (FERREIRA, 2004, p. 33)

Durante essas comemorações, a encenação desta batalha era a principal atração. Mas foram os jovens os principais responsáveis por organizar e liderar as brincadeiras desse festejo. De acordo com Ferreira, "em finais do século XVI já era costume cada cidade ou pequeno vilarejo apoiar grupos de moços que se dedicavam a organizar vários divertimentos jocosos no período do Carnaval" (2004, p.36).

2.4.2 Renascimento

Na Itália, a partir do século XV, várias mudanças iriam transcorrer ao longo dos anos. Grandes transformações na sociedade dariam início ao período que ficaria conhecido como Renascimento. Uma das principais características dessa época foi o grande avanço e florescimento as artes. Uma das ativas cidades a aderir as mudanças foi Florença, capital da

região da Toscana, na Itália central. E é justamente nessa cidade, que ocorreram novas formas de se festejar o Carnaval.

Foi assim que, nas cidades da Toscana do período renascentista acabou se aprimorando um tipo de festejo peculiar chamado "triumfo". Criados para comemorar as grandes datas das dinastias que estavam no poder, esses eventos consistiam em impressionantes desfiles pelas ruas da cidade, onde grupos a pé e alegorias sobre rodas se alternavam numa verdadeira parada de roupas e carros fabulosamente enfeitados, apresentando-se ao som de cornetas e tambores. Inspirados nos desfiles triunfais dos imperadores romanos, nos desfiles de corporações típicos do final da Idade Média (os *ommegangs*, nos quais participavam também as confrarias religiosas) ou nas paradas solenes das entradas reais - que marcavam a visita dos reis a cidades amigas - esses triunfos tinham, como principal motivo, a exibição pública do poder dos príncipes. (FERREIRA, 2004, p. 41)

Como os triunfos eram peças-chave em várias comemorações, não demorou muito a ser o marco do Carnaval. Conforme avaliado por Ferreira (p.41), aparecem os primeiros desfiles com alegorias e fantasias da forma que conhecemos atualmente. Em 1450, os triunfos eram o principal evento da festa anterior a Quaresma. Além disso, se tornou costume a presença dos nobres na brincadeira. Vestindo luxuosas fantasias, a nobreza da época se organizava em grupos, como por exemplo, a "Brigada das Galés" ou a "Brigada das Flores" e desfilava pelas ruas de Florença.

Em 1470, os triunfos se tornaram maiores e mais grandiosos. As alegorias começaram a serem executadas por grandes escultores e pintores da época, como Michelangelo. Cada carro costumava ter o chamado "quadro-vivo", onde pessoas fantasiadas encenavam personagens ou figuras que representavam alguma cena, por exemplo, os fundamentos divinos das monarquias ou passagens bíblicas, históricas e mitológicas (FERREIRA, 2004, p. 42).

2.4.3 Iluminismo

Nos novos séculos que surgiam após o Renascimento, o intelecto e o luxo reinavam pela Europa. E foi nessa época que essas características passam a ser anexadas no Carnaval. Foi em Veneza que o evento se tornou mais sofisticado e elitista, "principalmente a partir do

século XVII, quando as festas nos dias de Carnaval tornam-se mais 'comerciais', em função do afluxo cada vez maior de visitantes interessados em participar das comemorações" (FERREIRA, 2004).

Sendo assim, bailes e óperas passam a ser realizados com maior frequência, mostrando a elegância que a nobreza vivia no período. Os festejos eram tantos que se estenderam as comemorações, começando no início de janeiro e terminando na chegada da Quaresma. Com todo esse refinamento, muitos passam a pensar que o Carnaval de rua tinha acabado e que o luxo e riqueza tinha se tornado a nova forma de se brincar a data. Todavia, isso não aconteceu. As festas populares ainda existiam, mas não eram tão frequentadas devido ao cunho mais violento que possuíam.

No intuito de solucionar esse problema, a elite começou a divulgar que esse tipo de manifestação popular era irracional. Pensava-se na época, que as festas populares eram antigas, rústicas e, em sinal de "primitivismo" desses costumes, essa forma de comemoração logo iria se extinguir.

Através disso, muitos estudiosos passam a pesquisar sobre o modo de comemoração das classes mais pobres, o que influenciou o escritor alemão Goethe, conforme cita Ferreira, a relatar em um diário, no ano de 1790, tudo que viu e vivenciou no período carnavalesco na cidade de Roma. O texto é considerado até hoje como a mais minuciosa descrição do Carnaval popular desta época, com uma frase que ficou conhecida muito tempo depois, que dizia que o "Carnaval de Roma não é uma festa que se dá ao povo, mas que o povo dá a si mesmo" (FERREIRA, 2004, p.50).

2.4.4 Paris

Considerada como o principal centro do Carnaval mundial no século XIX, a burguesia francesa deu novos ares a comemoração carnavalesca. Com o poder centrado nas mãos dos

detentores do dinheiro, o Renascimento deixou como herança, com seus grandes e luxuosos bailes venezianos, que o período carnavalesco era uma boa época para os ricos mostrarem ao povo quem tinha poder e também para estabelecerem lucrativas negociações. Assim, só era considerada "verdadeira" a forma de se brincar a festa se fosse estabelecida pela elite francesa. O importante disso é que, passou-se a enxergar a data não mais como um período onde cada um brinca da forma que desejar, mas como uma data fixa e com um jeito único de se divertir.

Instaura-se então, os famosos *bals masqués* (bailes de máscaras), celebrados tanto nas classes médias e pobres, como nas elites. Desse modo, "a festa carnavalesca da capital francesa impunha-se como a mais importante e elegante da sociedade ocidental e servida de modelo vitorioso para as brincadeiras mais populares da cidade e para a folia de outros centros urbanos do mundo" (FERREIRA, 2004, p.62).

Outra festividade que retornou as ruas francesas foi o Desfile do Boi Gordo.

Essa brincadeira, organizada pelos açougueiros da região de Paris, consistia num desfile de um boi cevado que passeava pela cidade enfeitado de fitas e guizos, carregando um menino vestido de Cupido, antecedido por um grupo de pessoas fantasiadas de deuses do Olimpo. A referência às divindades greco-romanas acentuava a relação entre a festa francesa e sua possível origem remota. Todas essas características acabaram por fazer com que esse costume fosse recuperado pela burguesia para assumir o papel de grande tradição do carnaval parisiense, sendo saudado em livros e jornais como a essência primitiva do carnaval da cidade. Em pouco tempo o Desfile do Boi Gordo foi se reorganizando e se tornando uma parada que atraía a atenção de toda a cidade. Ao formato original foram-se atrelando carros alegóricos cada vez maiores carregando os grupos de 'deuses'. [...] Na segunda metade do século XIX, os carros se multiplicariam e passariam, muitas vezes, a ser alugados para que lojas anunciassem seus produtos. (FERREIRA 2004, p. 63-64)

Devido a exuberância e poder da elite e dos bailes franceses, os burgueses acreditaram que o Carnaval poderia estar morrendo em outras partes do mundo, pois na França, ele estava apenas florescendo cada vez mais. Surge, paralelo a este momento, uma forma de brincar a data em Portugal: o Entrudo.

2.4.5 Portugal: o Entrudo

O século XIX foi marcado por evoluções nas formas de se festejar os últimos dias antes da chegada da Quaresma. Mas antes disso, a partir do século XVII, já existia um dos festejos que ficou muito conhecido, principalmente no Brasil, chamado Entrudo.

A brincadeira de origem lusitana, tinha uma característica própria, com um certo cunho de mal gosto e muita sujeira. De caráter bastante agressivo, o entrudo consistia em atacar as pessoas que passavam pelas ruas com ovos, farinhas, sacos de areia e as famosas bolinhas feitas de cera, cheias de água perfumada (FERREIRA, 2004, p.75).

Em Portugal, as brincadeiras tinham algumas variações. Na capital, por exemplo, os festejos eram marcados por besuntar escadas com gordura para provocar tombos, passar materiais de péssimo odor em maçanetas de portas, colocar muita pimenta na sopa de alguém, entre outros. Já no interior, prevalecia ainda os charivaris da Idade Média.

Outro ponto forte era a presença de grandes bonecos, numa cerimônia fora do comum, de casamento entre eles. Com a celebração, o povo seguia em cortejo pelas ruas, cantando músicas com letras obscenas e xingamentos. A ação servia como um desabafo da sociedade a realidade que passavam (FERREIRA, 2004, p.77).

Apesar do caráter violento, a brincadeira era muito bem vista pelos seus participantes. E tomou rumos muito longínquos.

Mais que um congraçamento, a brincadeira do Entrudo em Portugal possuía um caráter de conflito, que dava a ela sua característica especial. Eram comuns as disputas entre os sexos, as "invasões" dos cortejos de uma aldeia a outra e as farsas imitando brigas. Até o enterro dos bonecos podiam-se apresentar em forma de luta, expressas na agressividade manifestada contra o pobre Entrudo, sempre muito maltratado. [...] O mais importante a se destacar disso tudo é o empenho que o povo das cidades de Portugal dedicava a esse tipo de festividade no período do Carnaval. Uma festa com grande influencia das brincadeiras medievais difundidas em boa parte da Europa e que será trazida ao Brasil pelos portugueses que aqui vieram colonizar as terras do Novo Mundo. (FERREIRA, 2004, p. 78)

Com a vinda dos portugueses ao Brasil, suas características também desembarcaram no país. Surge daí, a chegada da festa brasileira conhecida mundialmente: o Carnaval.

2.5 O INÍCIO DO CARNAVAL NO BRASIL

O Carnaval brasileiro teve sua origem e ascensão em terras lusitanas. E foi a partir daí que essa festa começou a tomar um rumo e ganhar características "abrasileiradas", essas que dariam um valor muito grande a essa manifestação cultural futuramente.

Em 1850, de acordo com Ferreira, morria no Rio de Janeiro o arquiteto Grandjean de Montigny. A causa da morte foi pneumonia, devido ao fato de ser encharcado por baldes d'água duas semanas antes do falecimento. Nessa época, era Carnaval. Relatos como esse se tornaram comuns após a chegada do Entrudo no Brasil, em meados do século XVII. Assim como as demais formas carnavalescas sofreram alterações, com o entrudo não poderia ser diferente. Aqui no Brasil, a brincadeira consistia em molhar um desavisado que passasse pela rua, e se possível, lançar pós variados para finalizar o trabalho, como o alvaide (pó branco para pintar paredes), o vermelhão (sulfato de mercúrio pulverizado e utilizado na composição de tinturas), polvilho ou pó de sapato, um pó escuro usado em graxa (FERREIRA, 2004, p.80).

O entrudo era uma prática de rua, a céu aberto. Os participantes, sempre em grupos, entravam em confrontos, algumas vezes animados por simples vontade de brincar; outras, contudo, agressivamente como revide. A cada 'ataque' deveria corresponder uma resposta, chegando sempre o 'jogo' a conseqüências sérias. (SEBE, 1986, p. 59)

Carvalho e Rosa citam que "à época do entrudo, não se podia falar em música pois não havia ritmo ou melodia que o simbolizasse. Tudo era precário e o que havia era muito barulho e estridência" (1995, p. 40). Existiam duas divisões da brincadeira: o chamado Entrudo Familiar e o Entrudo Popular. O familiar, como o nome já diz, era realizado por famílias e amigos, dentro de suas casas. Já o popular, era na rua, envolvendo basicamente a população mais pobre e os escravos.

O Entrudo Familiar evolvia todos os membros do grupo doméstico, pois se fabricava para a brincadeira, pequenas bolinhas de cera contendo água pura ou perfumada. Por seu

tamanho, forma e cor esverdeada, esse projétil recebeu o nome de limões-de-cheiro. Quando maiores e amareladas, era chamadas de laranja-de-cheiro.

O jogo possuía algumas regras, como por exemplo o fato de que, no Entrudo Familiar, o chefe da casa recebia poucas investidas dos limões-de-cheiro, existindo assim um respeito pela figura patriarcal. Outro ponto era a participação dos escravos. Estes podiam ser atingidos pelo Entrudo, mas nunca atingir seus senhores. Todavia, o Entrudo popular não era bem quisto pela sociedade.

Eram grandes as confusões resultantes do hábito de se jogar Entrudo difundido em nosso país. Podemos imaginar os distúrbios que ocorriam em nossas cidades coloniais a partir de um relato um tanto tardio, mas bastante variado em suas descrições, dos problemas decorrentes das molhadelas. (FERREIRA, 2004, p. 95)

De acordo com Sebe (1986, p.57), "o entrudo, ano após ano, ficava mais agressivo, comprometendo inclusive a ordem pública". A partir disso, vários ofícios foram assinados proibindo a brincadeira, mas só a de cunho popular. Em 26 de julho de 1832, na Cidade de Desterro (atual Florianópolis), a Câmara Municipal publicou que "qualquer pessoa que publicamente o jogar (o entrudo - **grifo meu**), incorrerá na pena de 2\$000, a 8\$000 de condenação, além do fato de que, se o infrator for escravo, será preso por seis dias, 'caso seu dono não providencie o castigo de 50 açoites'" (FERREIRA, 2004, p.95).

Conforme Sebe, devido a resistência de muitos, essas exigências duraram muito tempo e em 1853, no Rio de Janeiro, a polícia cria uma portaria atestando o sentido violento da brincadeira, e exigiu o estabelecimento de rondas e fiscais para disciplinar, vigiar e punir os participantes. O intuito era proibir que outros casos como o do arquiteto Grandjean de Montigny acontecesse (1986, p. 57). A portaria dizia que:

Fica proibido o jogo do entrudo. Qualquer pessoa que jogar incorrerá na pena de 4 a 12 mil-réis e, não tendo o que satisfazer, sofrerá de 2 a 8 dias de prisão. Sendo escravo, sofrerá 8 dias de cadeia, caso o seu senhor não o mandar no calabouço com 100 açoites. (SEBE, 1986, p. 57)

E foi, a partir dessa brincadeira não muito bem vista e bem quista na sociedade que o carnaval juizforano se inicia: através do entrudo.

3 CARNAVAL EM JUIZ DE FORA: O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA DE SUCESSO

O pequeno povoado de Santo Antônio do Paraibuna não imaginava a grandeza que se tornaria. De povoado para município, mantendo o mesmo nome em 1850, se desmembrou de Barbacena e foi elevado a cidade em 1856. Em 1865, ganhou o nome de Juiz de Fora, se destacando no cenário carnavalesco de Minas Gerais e do Brasil.

3.1 OS PRIMÓRDIOS

Desde a época em que Juiz de Fora ainda era um povoado, em 1820, a forma de se brincar o Carnaval já tinha chegado até aqui, através do tradicional entrudo trazido pelos portugueses ao Brasil. O escritor juizforano, Pedro Nava, relata em 1907, sobre a brincadeira na cidade.

[...] Havia instrumentos aperfeiçoados para jogar água, como os relógios assim chamados porque esses recipientes imitavam a forma de um relógio fechado, com dois tampos metálicos flexíveis que, quando apertados, deixavam sair um delicado esguicho de água perfumada.[...] Havia os revólveres - seringas que imitavam forma de água - cano metálico e cabo de borracha que se apertavam, apontando quem se queria molhar. Os limões de todos os tamanhos e cores que eram preparados com semanas de antecedência e em enorme quantidade. Continham água-de-cheiro, água pura, água colorida, mas os que nos caíam da sacada do Barão vinham cheios de água suja, de tinta, de mijo podre [...]. (REVISTA EM VOGA, 1989, p.3)

Apesar do caráter de mal gosto na brincadeira, a cidade não apresentou grau de violência como no Rio de Janeiro. Mas isso não impediu que em 1884, o entrudo fosse proibido na cidade. Naquele ano, o então fiscal da Câmara, Teotônio José Ferreira Bretas, trouxe uma cópia da decisão do Código de Posturas do prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, que continha a decisão de proibição dessa brincadeira em Juiz de Fora.

Por meio do edital, o fiscal comunicou que estava terminantemente proibido o entrudo na cidade, "sob pena de pesadas multas", além da apreensão das laranjas-de-cera (embalagens nas quais ficavam as misturas), com multa dobrada se a laranja causasse dor ou contivesse urina. Antes das proibições em Juiz de Fora, foram registrados casos em que a brincadeira resultou em morte. Uma das ocorrências mais conhecidas na época foi a do marceneiro Diógenes Marciano, que foi morto depois de jogar água suja em um tenente na Rua Santa Rita. (JORNAL PANORAMA, 2004, p.2)

Apesar dessa decisão política, foi nesse ano, segundo o historiador Jair Lessa, no livro "Juiz de Fora e seus pioneiros", como citou o jornal Panorama (2004), em matéria especial no caderno ETC. sobre a história do Carnaval da cidade, que Juiz de Fora teve a festa mais espetacular.

Em sua obra, Lessa escreve que, naquele ano, alguns rapazes ricos da sociedade organizaram um grupo que recebeu o nome de Diabos Carnavalescos. A sede da turma era o Teatro Perseverança, onde hoje funciona a Associação das Damas Protetoras da Infância (ADPI), na esquina da Rua Espírito Santo e Henrique Surerus. Não tão comentado carnaval 1884, os Diabos Carnavalescos chamaram Juiz de Fora, ironicamente de "Linda Veneza de Minas" e enfeitaram as ruas com cartazes de crítica a Telefônica (acusada, na época, de ter atraído raios para a cidade), a polícia e à Catedral, que, segundo o grupo, estaria prestes a cair. (...) De acordo com Jair Lessa, depois dessa farra carnavalesca, a conclusão que se chegou foi a de que as ruas Halfeld e Marechal não comportavam duas mãos para as carruagens. E começou-se então, a pedir as autoridades que determinassem mão única, descendo por uma rua e subindo pela outra. (JORNAL PANORAMA, 2004, p.1)

Em 1889, segundo Carvalho e Rosa (2006, p. 77), ocorreu a criação do clube dos Valapuquistas, primeiro clube de grande sociedade, "que se apresentou no mesmo ano com cinco carros abertos, em um ousado corso (apêndice 2 - A, p. 144) para a época". Essa prática teve um destaque maior nas décadas de 1930 e 1940, mas consistia em:

[...] carros conversíveis (de capota dobrável ou removível), em fila única e marcha lenta, um quase colado ao outro, formava um imenso cortejo que circulava durante horas e horas pelas ruas centrais, praticamente amarrados uns aos outros por coloridas pontes de serpentinas - e ocupados por blocos de foliões fantasiados, que cantavam os sucessos do ano. (REVISTA EM VOGA, 1989, p.21)

Nos desfiles dos cursos, eram abordados temas que faziam alusão a problemas sociais da época, o que dava a essa manifestação um caráter diferenciado.

3.2 DÉCADA DE 20 E O CARNAVAL DE RUA

Com a criação dos corsos, o Carnaval passou a se concentrar nas ruas da cidade, atraindo os juizforanos e moradores da região. Segundo o jornal Panorama, o início desse sucesso foi dado em 1910, "quando a festa de rua começou a ganhar organização, com os desfiles das entidades (blocos, grupos, sociedades carnavalescas...), obedecendo a uma ordem" (2004, p.2).

Alguns grupos tiveram destaque na cidade, como os "Graphos" e os "Planetas", blocos de maior dimensão, conhecidos como os primórdios das Escolas de Samba no município, devido ao seu porte. Além desses, haviam outros de destaque, como o "Grupo dos Vagalumes", "Quem São Eles", "Grupo Chorona" e "Arrepiados da Estrela" (JORNAL PANORAMA, 2004, p.2).

Em 1920, a Halfeld já não podia mais comportar os desfiles. Assim, Juiz de Fora conhece sua Passarela do Samba: a Avenida Rio Branco. Pela primeira vez, os desfiles aconteceram ali, inaugurada pelo bloco "Escovados". O trajeto era longo e cansativo: saiam da Rua Floriano Peixoto, passavam pela Avenida Getúlio Vargas e Rua Marechal Deodoro e seguiam até a Praça da Estação, subindo a Halfeld, para chegarem novamente a Rio Branco, que era conhecida na época como Rua Direita. O desfile só terminava no Alto dos Passos (JORNAL PANORAMA, 2004, p.2).

Um fato curioso é que, alguns desses blocos prestavam agradecimentos a imprensa local pela divulgação de seus trabalhos, como o "Bloco dos Batutas", que compareceu na redação da revista O Lince, em 1921.

Veio a nossa redação, nos cumprimentar, o Bloco dos Batutas, que nos deliciou com lindas peças musicais, das quais uma era em homenagem á imprensa. [...] Juiz de Fora, se continuar assim, para os annos vindouros será o ponto predilecto para toda Minas, assistir o carnaval. (REVISTA O LINCE, 1921, p.2)

A relação dos blocos e cordões com a imprensa era intensa. Na época, a mesma tinha o direito de manifestar sua opinião, seja ela positiva ou negativa sobre as comemorações que aconteciam na cidade.

Não somos contra o carnaval, até pelo contrário, mas gostamos de ver a boa ordem e educação, quer do sexo feio ou do bello. Gostamos de ver lutas de lança perfumes e confetti, travada entre moços e moças, isto é, enquanto impera a educação de ambos os contedores. (REVISTA O LINCE, 1920, p. 1)

A preocupação era, na maioria das vezes, com o caráter e moral das moças que participavam das brincadeiras, deixando transparecer em muitos dos casos, a indignação que trazia certas ações praticadas por elas.

[...] Devem as moças que se prezam, não tomar parte nos taes "cordões" em que, dando as mãos a rapazes, muitas vezes, estranhos, vão cantando em correria pelo meio do povo, de cujo seio, sergem os indivíduos que aproveitam dos apertos e confusões para praticarem actos bestiaes. O bello sexo pode se divertir a larga, sem tomar parte nos "cordões"; as moças que entram nelles são intituladas de "sapecas". (REVISTA O LINCE, 1921, p. 1)

Em 1922 foi citado pelo Jornal Panorama como o maior Carnaval da cidade na época, já que "Os Graphos saíram com nove carros alegóricos, e o Planetas com sete" (2004, p.2). Os grupos eram grandes rivais e a cada ano, realizavam desfiles maiores e mais luxuosos. Não existia ainda uma competição oficial, mas cada folião decidia por si qual dos dois tinha se saído melhor naquele ano.

Foi nessa década que surge na cidade uma comemoração que perdurou por anos: as Batalhas de Confete. A brincadeira consistia basicamente nos quesitos dos cursos, aonde, quando as carruagens ou automóveis se cruzavam, os foliões lançavam uns sobre os outros confetes ou serpentinas. Essa pratica se manteve na cidade até meados da década de 1970.

Foi ainda nos anos 20 que chegou a cidade as Batalhas de Confete, comandada aqui, por um dos mais famosos foliões da época, Antônio Couri. Estas festas de Momo ficaram marcadas pelo lança-perfume, pela serpentina e os cordões de rua. Para as classes mais abastadas, existiam os bailes a rigor do Clube Juiz de Fora. (JORNAL PANORAMA, 2004, p.2)

O lança-perfume, produto utilizado nas Batalhas de Confete, que inicialmente era fabricado fora do país, começou a ser fabricado em terras brasileiras em 1922, mas chegou ao país em 1904. A marca Rodouro, fabricada pela Rhodia, era um líquido que, devido a combinação de gás e perfume, ao ser liberado, formava um fino jato com efeito spray. A Revista O Lince, de 1921, relatou que, durante o Carnaval do mesmo ano, "existiam 12 casas de lança-perfumes, etc. A que vendeu menos, arrecadou 7 contos e pouco" (p.1).

Para animar a festa, os foliões eram embalados pelas marchinhas, estilo musical que se tornou predominante no Carnaval brasileiro na década de 1920. A primeira marchinha brasileira foi composta por Chiquinha Gonzaga, intitulada "Ó Abre Alas", feita para o cordão Rosa de Ouro, do Rio de Janeiro, em 1889. Nesse início, as marchinhas eram portuguesas, com letras irônicas e um ritmo mais acelerado, devido a influência do jazz no país. A partir da década de 30, o cenário brasileiro mudou e as marchinhas nacionais começaram a estourar no país com Carmen Miranda, Lamartine Babo, Virgínia Lane e outros (<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/marchinhas-de-carnaval-musicas-que-marcaram-as-decadas-de-20-a-60.htm>, acesso em: 15 nov 2013).

3.3 DÉCADA DE 30 E A PRIMEIRA ESCOLA DE SAMBA DE MINAS GERAIS

O Carnaval já havia se tornado uma comemoração vista com bons olhos na cidade. As elites e as classes mais pobres comemoravam a folia de sua maneira, mas todas com muita alegria e animação. A década de 30 teve um grande destaque no evento em Juiz de Fora, pois nessa época, surgem as Escolas de Samba e o Rancho.

De acordo com Ferreira (2004, p. 298), "o nome rancho era, e ainda é, sinônimo de grupo de pessoas que se reúne geralmente em caminhada, em cortejos, cantando e dançando". Sua principal característica que o diferenciava dos cordões, que eram a principal forma de se

brincar o carnaval, são as músicas tocadas. Os ranchos costumavam desfilar tocando cantigas, modinhas e todo tipo de música mais ao gosto da burguesia da época.

Alguns pesquisadores do Carnaval, buscando a "origem" dos grupos carnavalescos que seriam chamados de ranchos, consideram que eles teriam sido trazidos para o Rio de Janeiro pelo baiano Hilário Jovino Ferreira que, em depoimento ao Jornal do Brasil, no ano de 1913, declarou-se o fundador do primeiro rancho a desfilar no Carnaval, o Reis de Ouro, em 1893. Renata de Sá Gonçalves ressalta, entretanto, que anos mais tarde, em 1931, o mesmo Hilário Ferreira declararia em outra entrevista que, quando chegara ao Rio de Janeiro em 1872, já existia o rancho Dois de Ouro que, segundo ele, era um arremedo de rancho. (FERREIRA, 2004, p. 298)

Em Juiz de Fora, Mostaro, Filho e Medeiros relatam em seu livro "História Recente da Música Popular em Juiz de Fora" (1977, p. 17) que "os ranchos eram formados por pessoas de várias categorias sociais o que geralmente não acontecia com entidades carnavalescas denominadas clubes, que faziam dois tipos de Carnaval: bailes, em suas sedes, e o de rua, com retretas e corso". Essa manifestação tinha um caráter mais familiar e alguns grupos se tornaram muito conhecidos na cidade, como os "Rouxinóis", "Quem São Eles" e "Não Venhas Assim", este que mais tarde ainda teria seu espaço na adoração dos foliões e foi um dos que permaneceu no Carnaval durante muito tempo, vindo a se tornar bloco em meados da década de 70. O "Rouxinóis", de acordo com o jornal Panorama (2004, p. 2) saíam pelas ruas de uma forma diferenciada: "desfilaram em cavalos brancos, ao som de clarinadas".

[...] os Ranchos "Quem São Eles" - ligado intrinsecamente ao Tupynambás Foot-Ball Club - e "Rouxinóis", em suas cores amarelo e roxo, por sua vez uma filial do Tupy Foot-Ball Club, enchiam os olhos de todos com seus balizas e mestres-salas. Vale registrar nesse último Rancho a grande criatividade do pintor Antônio Cândido, na execução de carros alegóricos, bem como a efetiva participação da família Altomar, tendo a frente o chefe do clã, Francisco. Ainda desfilavam pelas ruas de JF os Ranchos "Caprichosos da Folia" e "Aventureiros". (MOSTARO, FILHO, MEDEIROS, 1977, p. 17)

Se tratando do ranchos, Mostaro, Filho e Medeiros (1977) citam em seu livro uma entrevista feita com Laureano Pereira, mais conhecido como Waldemiro, que dedicou grande parte de sua vida ao Carnaval da cidade e ao rancho "Não Venhas Assim", que foi criado em 1929.

[...] A minha vida de carnavalesco começa aos quinze anos, em Matias Barbosa. Lá, a família Castro tinha um Bloco Carnavalesco chamado Estrela Dalva. Dele, tomei parte em 1930 quando o transformei em Rancho. [...] Mudando para JF me encaixei no Não Venhas Assim, por intermédio de João Alcântara e do capitão Afonso Botti. [...] Prefiro muito mais os Ranchos, porque tinha aquelas músicas de trombone, de assopro, pistom, saxofone, aquela maneira de dançar; as meninas vinham dançando em frente aquele bailado, amorosamente. (p. 2)

Foi também na década de 1930 que a cidade conheceu a Primeira Rainha do Carnaval. Em 1934, Ivone Mazacoli desfilou num carro dos Planetas, que levava para o desfile o tema "Templo de Amon em Tebas". Ivone vinha vestida de Princesa de Tebas, o que a fez ganhar o título de princesa do clube em questão. Os Planetas ganharam o carnaval deste ano. Em 1935, pela maioria dos votos, Ivone recebeu o título de Rainha do Carnaval, com coroa e a faixa do clube que representava, dada pelo então presidente do mesmo, Euchério Rodrigues (REVISTA EM VOGA, 1989, p.13).

3.3.1 Turunas do Riachuelo, a primeira escola de Juiz de Fora

Os blocos tinham se tornado a nova cara do Carnaval da cidade, atraindo a atenção dos juizforanos e moradores das regiões. Mas alguns foliões notaram que a cidade necessitava de uma nova forma de festejar. Com o advento do samba, em 1917, os blocos passaram a anexá-lo em sua lista de músicas, pois antes, tocavam os gêneros que estavam em alta no país, como modinha, valsa, polcas, marchas, entre outros. O samba se tornou forte no Rio de Janeiro, onde sua influencia chegou até a Manchester Mineira.

Em 1933, um grupo de rapazes da Rua Silva Jardim, no centro de Juiz de Fora, saíram num bloco chamado "Feito com Má Vontade", criado pelos irmãos Toschi (Alfredo, Remo, Américo e Armando - o Ministrinho), José Oceano Soares, Pedrinho, Inglês, José (Pepino), José Silvério (Zé Lacreia), Santolima, Nilo de Freitas, o sorveteiro Zé da Grota, Manoel, Consolumagno, Dionísio de Aquino, José Sol Soares, José Teodorico e Américo Fattori. Nos

desfiles, apesar da presença de músicas da influência carioca, existiam as composições dos integrantes do bloco.

[...] Além de músicas de sucesso nacional, por exemplo, "Mão no Remo", de Noel Rosa e Ary Evangelista Barroso, os integrantes cantavam de Remo Toschi denominada *Bailarinas Somos*, que dizia: *Bailarinas somos/ Sempre firmes na folia/ No reinado de Momo/ Cantamos noite e dia...* (MOSTARO, FILHO, MEDEIROS, 1977, p. 26)

Mas mesmo possuindo um destaque entre os foliões da cidade nos dias de Carnaval, os blocos e principalmente seus participantes, eram mal visto, principalmente pelas autoridades locais.

Sociologicamente, sabe-se que o advento das Escolas de Samba, um tipo de agremiação carnavalesca diferente das existentes nos anos 30, deveu-se a uma necessidade popular de manifestação coletiva. As grandes Sociedades (préstitos), os Ranchos e os Clubes, nem sempre admitiam em suas fileiras os quadros de pessoas que fossem de classes sociais menos favorecidas. E sendo os grupos de sambistas ainda vistos na época com olhos bastante repressivos, principalmente por parte das autoridades policiais, porque permitiam uma certa promiscuidade com pessoas de má fama, nada mais natural do que tentar, espontaneamente, uma oficialização daqueles anônimos núcleos carnavalescos. (MOSTARO, FILHO, MEDEIROS, 1977, p. 26-27)

Mantendo estreitos laços com o Rio de Janeiro devido a trabalho, o integrante José Oceano Soares trouxe a pioneira ideia das Escolas de Samba, o que já se tornava real no Rio com a Escola "Deixa Falar", que surgiu em 1927. Nasce então, em 18 de março de 1934, a Escola de Samba Turunas do Riachuelo. Em relato no livro de Mostaro, Filho e Medeiros (1977), Alfredo Toschi relembra o início da agremiação.

[...] O Remo, nosso irmão, era o homem dos sete instrumentos. Encourava os tamborins e caixas e cuidava de todos os preparativos para a saída da Escola O estandarte, que nos acompanha até hoje (um microfone, um pandeiro, um chapuzinho de palha, um T maiúsculo), foi criação dele. [...] Todos nós tínhamos uma dedicação total. Não havia uma diretoria propriamente dita. Mais tarde, Oceano foi nosso dinâmico presidente. (p. 27)

Antes a Escola Turunas tinha as cores vermelho e branco, pois a maioria dos seus componentes eram torcedores do Baeta (Tupynambás) - daí o vermelho - e do Tupy - o branco . Para se manter uma imparcialidade entre os grupos, foi escolhida uma cor neutra: o

azul e o branco. No início, conforme relata Mostaro, Filho e Medeiros (1977, p. 27), "os Turunas [...] não saíam pelas ruas com enredos ou temas e faziam as suas apresentações, como todas as outras Escolas, sem preocupações outras senão mostrar os sambas de seus compositores". Mas em 1939, Alfredo Toschi resolveu mudar o padrão, e criou o primeiro samba da agremiação, intitula de "Sorri".

Sorri
O teu sorriso não faz mal a ninguém
Sorri
Não sabes quanto de belo ele tem
Vem
Vem sorrindo ao meu lado
Com teu sorriso prateado
Quero gozar dele também

Se tu não sorri
Sinto a minh'alma vazia
Ponho-me a pensar
E sinto a nostalgia
Do teu sorriso encantador
Que me deixa embriagado
E louquinho de amor

Com o nascimento da primeira Escola, o Carnaval da cidade passou a criar outros ares. A Turunas era a primeira Escola de Samba de Juiz de Fora e de Minas Gerais e a quarta do Brasil. O incentivo perante os outros blocos a se tornarem agremiações era grande, o que fez então surgir a segunda escola da cidade: a Feliz Lembrança.

3.3.2 Feliz Lembrança e a concorrência com a Turunas

Com a criação da primeira agremiação e o advento do samba no país, a criação de outra Escola era um feito natural. Conforme Mostaro, Filho e Medeiros, "A Feliz Lembrança surgiu de uma imperiosa necessidade de competição" (1977, p. 68).

Geraldo Oliveira, conhecido como Geraldo Abissínio, estava recém chegado do Rio de Janeiro em Juiz de Fora, e também trouxe consigo influências carnavalescas da cidade carioca. E reuniu, um grupo de rapazes que residia na Avenida Sete de Setembro, para formar um bloco. Ivan Maria, mais conhecido como Bananinha, relata suas lembranças.

[...] Desfilamos uma ou duas vezes de "sujo"³, como dizia naquela época; era um grupo de alegres rapazes com surdas, tamborins, pandeiros, violões e cavaquinhos. Depois então, Geraldo, conversando comigo, disse que iria formar uma Escola de Samba, pedindo minha ajuda e de outros colegas. (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1977, p. 69)

No início, a Escola já com nome Feliz Lembrança - devido ao fato de Bananinha ter sugerido que o símbolo da escola fosse um pandeiro, em menção ao instrumento que Geraldo tocava, e o mesmo dizer ao amigo que ele teve uma "feliz lembrança" com a ideia - ficou na responsabilidade de Geraldo, Bananinha, Otacílio de Oliveira Alves, Candinho, Sipião, Sebastião Feliz, Nelson Spada, Aliatar, Rafael Salmeira, Bertiooga, Pedro Sabão, Bininho e Caputo Serrano. As cores - azul, vermelho e branco - foram escolhidas baseada nas existentes em uma tinturaria que Geraldo trabalhava.

Mas seu reconhecimento como Escola de Samba surgiu através da família Carvalho, que tomou responsabilidade pela agremiação. E assim, em 9 de fevereiro de 1939, surge a segunda Escola de Samba de Juiz de Fora, a Feliz Lembrança.

Sobre a família Carvalho há que se fazer um parênteses. Da mesma forma que os Turunas em seus primórdios tiveram um núcleo familiar de sustentação (a família Toschi aliada ao pioneirismo de José Oceano Soares), a Feliz Lembrança contou de maneira decisiva com os Carvalho. A residência do "seu" Euclides era sede, local de ensaio, atelier, enfim, a Escola saía de sua casa. (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1977, p. 71)

³ São manifestações populares típicas do Carnaval de rua brasileiro, onde um grupo de foliões com fantasias improvisadas, ou mesmo de roupa comum, se reúnem ao som de instrumentos também improvisados e desfilam pelas ruas da cidade, cantando e sambando marchinhas carnavalescas e sambas-enredo das escolas de samba. Alguns blocos de sujo satirizam a política nacional, sempre em tom de ironia e deboche durante seus desfiles. A prática existe até os dias atuais.

A primeira porta-bandeira da cidade e filha do Senhor Euclídes, Nancy de Carvalho disse em entrevista (apêndice 1 - A, p. 115) que sua paixão por Carnaval surgiu desde muito pequena.

Já que minha casa era a sede do Feliz Lembrança, lá era feito o chapéu de palha, que tinha que colocar uma fita ao redor dela, cada ano de uma cor. Então a gente que tinha que colocar. E eu comecei a fazer isso pequena ainda. [...] Éramos 15 irmãos. Minha irmã ajudava muito também. [...] A primeira vez que eu sai eu tinha 5 anos. Subia a Rua Halfeld como se fosse um bloco. [...] Já que a minha família inteira desfilava, eu ia também. [...] Eu como era pequena, cansava. Aí um dos meus irmãos me colocava no ombro pra eu descansar. Aí passava um tempo eu pedia pra descer. Eles me desciam e eu continuava pulando, toda saliente.

Nancy conta que, a Escola foi para sua casa através de seu irmão, Djalma de Carvalho, que participou da reunião de fundação da Escola, já que "Como lá não tinha espaço, aí meu irmão falou com eles (os demais integrantes da Escola - **grifo meu**): 'Vão lá pra minha casa que lá tem espaço', aí foi todo mundo pra lá. E ali ficou, até que foi crescendo, crescendo, crescendo, e lógico e evidente, teve que sair lá da minha casa". (apêndice 1 - A, p. 115).

Com as duas escolas, o Carnaval na cidade passou então a ter um forte clima de competição, o que para os foliões, era o cenário perfeito para aproveitar e se divertir durante a festa de Momo.

3.4 - DÉCADA DE 40 E OS DESFILES

As disputas começaram a medida que surgiu outra Escola na cidade. Como antes da criação da Feliz Lembrança, a Turunas era a única agremiação existente, a mesma ganhou o apelido de "Campeoníssima", que perdurou por alguns anos. Agora com duas Escolas de Samba, os foliões eram divididos entre aqueles que torciam para a "azul e branco" (Turunas) e os que eram "azul, vermelho e branco" (Feliz Lembrança).

Apesar de na época, ainda não haver o concurso oficial no Carnaval, aconteciam os primórdios do evento: os festivais de várzea, onde os confrontos de samba eram realizados em

campos de futebol da cidade. Um dos primeiros concursos ganhos pela Turunas foi realizado pelo Mangureira Futebol Clube, no campo do antigo lamaçal, hoje bairro Bom Pastor (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1977, p. 29).

Todavia, eram nas Batalhas de Confete que cada agremiação mostrava seu talento. As maiores rivalidades eram entre as da Rua Marechal e a Rua Halfeld, mas como aconteciam outras em vários pontos da cidade, as agremiações poderiam ter várias vitórias, uma em cada ponto diferente, conforme entrevista do sambista e ex-baiana da Turunas, Zezé Garcia (apêndice 1 - D, p. 125).

[...] Mas antes de ter o Carnaval, a gente tinha as Batalhas de Confete, que aconteciam em vários pontos da cidade. Tinha no Mariano (bairro Mariano Procópio - **grifo meu**), tinha na Avenida Sete, tinha no Alto dos Passos, São Mateus, Benfica, em Santa Terezinha. E tudo isso era animada pelo Couri (Antônio Couri, um famoso folião da cidade - **grifo meu**), o pai do Natalino Couri, que era o dono da Casa Brasil. Mas as melhores que tinham era na Rua Halfeld e na Marechal. A Marechal encerrava o Carnaval, onde o Couri montava um palanque em frente a loja dele e entregava a taça ao melhor. Aí ficava aquela disputa entre Feliz Lembrança e Turunas pra ver quem saíria em primeiro.

Nancy (apêndice 1 - A, p. 115) declarou que também participava das batalhas de confete e dos corsos, que apesar de antigas, ainda eram a grande sensação nos dias de Carnaval de Juiz de Fora.

[...] As minhas irmãs participaram muito dos corsos. Elas fantasiavam, alugavam um carro, aqueles todo aberto, e saíam pela Halfeld. Eu também desfilei muito com elas. [...] Eu me lembro que o desfile era assim: Rua Halfeld e Marechal. Cada bairro fazia a sua batalha. Era bom pra caramba [sic].[...] Tinham muitos blocos, corsos com seus carros enfeitados. [...] Aí eles paravam, as mulheres desciam para sambar, aí subia todo mundo e continuava o desfile. E tinha uma rivalidade tão grande entre os Turunas e a Feliz Lembrança. Sempre acabava em briga. Uma vez, fomos numa batalha lá no Mariano, aí tinha o palanque onde o pessoal tocava. Aí o pessoal do Turunas subiu no palco e derrubou o pessoal da Feliz que estava lá em cima tocando. Era uma brigaiada danada [sic]. Mas só no Carnaval. Saiu dali todos eram amigos. Eu tinha um primo que era Turunas, e olha, ele brigava mesmo. Mas depois que o Carnaval passava ele não saía lá de casa.

Grandes acontecimentos deram uma "reviravolta" na cidade, como a Segunda Guerra Mundial e a maior enchente já vista em Juiz de Fora, conforme informações no site Acessa.com, no ano de 2000.

[...] Em 1940, nossa cidade foi notícia em todas as rádios e jornais do país pela maior enchente de todos os tempos, que transformou num verdadeiro rio, ruas como a Marechal Deodoro, a Floriano Peixoto, Getúlio Vargas, Halfeld, Praça da Estação e Largo do Riachuelo. Chegar em casa nas partes mais baixas destas ruas, só de canoa. E muita gente fez isso... Só na década de 50, o então presidente, Getúlio Vargas, liberou verbas para a retificação do rio Paraibuna, eliminando curvas que retinham suas águas, levantando as margens e terminando com a construção, na altura do bairro Poço Rico, de um canal que levou o nome de Hovyan, em homenagem ao engenheiro que o projetou. Só então o centro de Juiz de Fora se livrou das enchentes do rio Paraibuna.
(<http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/1104/>, acesso em: 25 nov 2013)

Mas, apesar da enchente ter afetado grande parte do reduto da Feliz Lembrança, na Avenida Sete de Setembro, a mesma não deixou de desfilar neste ano, que "veio a rua com um samba de Djalma de Carvalho, zombando das águas que, se levaram muita coisa, nem molharam a alma dos bons sambistas" (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 15).

Com a Segunda Guerra Mundial, as duas Escolas tiveram suas atividades interrompidas, pois componentes de ambas foram convocados pelo Exército Brasileiro, após decisão da entrada do país no conflito. Com o retorno deles, as agremiações organizaram um desfile e saíram as ruas com a festa intitulada de "Carnaval da Vitória", em 1946 (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1977, p. 71).

Na década de 40 ainda não era obrigatório o uso de sambas enredos próprios pelas agremiações, bem como um enredo para a escola. Mas, baseado nos Estatutos da Federação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, em 1947, a Feliz Lembrança desfilou no Carnaval da cidade com seu primeiro enredo-homenagem - e como primeira escola a ter um enredo - intitulado "Brasil Ontem, Brasil Hoje", cuja autoria é de João Cardoso, bem como do samba, que dizia:

Sou filho de caboclo
 Descendente de Tupy
 Da tribo mais valente
 Tenho sangue de Peri
 E na Ordem e Progresso
 Desta Terra em que nasci
 Não vivo na floresta

E nem falo guarani...
 Oh Terra de Santa Cruz
 Onde o Sol da Liberdade aquece o chão
 Tua grandeza
 Não está somente na extensão
 Sim, porque em teu seio
 Impera a civilização
 No passado e no presente
 Sob um teto cor de anil
 Sempre orgulha nossa gente
 De ser filha do Brasil

Mas não eram só de desfiles de blocos, ranchos e escolas de samba que o Carnaval da cidade era comemorado. Os bailes nos clubes da cidade eram outra forma muito comentada e querida pelos foliões, principalmente a elite da Manchester Mineira.

3.4.1 Os Bailes de Carnaval

Vindo de influência francesa, lá conhecido como *bals masqués* (bailes de máscaras) - em meados do século XVII - chegou no Brasil, em torno de 1840, quando começaram a ser realizados os Bailes de Carnaval no país. O primeiro, de acordo com Felipe Ferreira (2004, p. 111), foi o baile do Hotel Itália, no Largo do Rocio, no Rio de Janeiro, em 1845. Em Juiz de Fora, essa comemoração se tornou comum em meados da década de 1920, tendo seu ápice anos depois, a partir de 1940.

Quem tem boa memória e aproveitou as delícias daquele tempo ainda se recorda, com alegria, dos bailes carnavalescos do Club Juiz de Fora; do Clube dos Planetas; dos Graphos; do Elite; Rouxinóis; Quem São Eles; Não Venhas Assim; Quem Pode, Pode; Associação dos Empregados no Comércio; Círculo Militar e Sport Club, com sua primeira sede na rua Santo Antônio e, a partir da década de 40, do Dom Pedro II. E se lembra, também, das tardes carnavalescas do Pálace Hotel, paraíso dos anônimos mascarados. (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 10)

As marchinhas, polcas e valsas animavam os foliões nas pistas dos bailes. Decorações eram realizadas por artistas renomados na cidade e o divertimento da noite ficava por conta dos concursos de fantasia, que era um dos principais atrativos. Os foliões ficavam semanas

confeccionando as mais belas roupas para apresentar e concorrer nos salões. E era nesse quesito que mais chamava atenção, como relata Lucinha de Lery Costa, irmã do radialista Mario Helênio, para a Revista Em Voga (1989):

Desde menina usei variadas e ricas fantasias, criadas por tia Maria Aparecida de Brito e minha mãe, Dalila de Lery Santos. Particpei dos corsos (em 40), das tardes no café Salvaterra, dos bailes e desfiles de fantasias nos Clubes JF e Círculo Militar [...]. Leila Pestana e Lilian Sá Barreto concorriam comigo. Venci vários concursos. Em 53, conquistei o tri-campeonato. Depois que cheguei do Círculo, encontrei nossa casa, a Rua São Sebastião, enfeitada com serpentinas e na porta do meu quarto uma faixa preparada pelo meu irmão Mário Helênio que dizia "Salve a tri-campeã do Carnaval". Foi lindo! (p. 4)

Em matéria intitulada "História do Carnaval em Juiz de Fora", o site Acessa.com, em 2006, escreveu sobre os festejos nos clubes locais, onde "nesses bailes reuniam todo o luxo e o glamour de uma época. As pessoas se juntavam na esquina da Rua Halfeld com Rio Branco, para verem as fantasias que alta sociedade da época usava para pular carnaval em um clube que ali existia (o Clube Juiz de Fora - **grifo meu**)" (<http://www.acessa.com/carnaval/2006/historia/>, acesso em: 16 nov 2013). A abertura oficial do Carnaval da cidade era realizada ali, onde agrupava as mais ilustres figuras da sociedade juizforana.

Ali, os bailes de sábado, abertura oficial do carnaval da cidade, exigiam trajes a rigor e só se permitiam o smoking, o summer e o traje longo ou fantasias de alto luxo, confeccionadas em tecidos nobres, sempre recatadíssimas, onde transparências e decotes ousados era inimagináveis e o comprimento da saia, se acima do joelho, fazia com que a foliona fosse barrada à entrada, fatalmente. Não existiam mesas no salão, só no buffet. Em volta da pista de dança havia cadeiras, onde se sentavam os pais e responsáveis, de olho nas meninas, as senhoras casadas muito elegantes, em trajes sociais, abanando seus leques, que rescendiam a sândalos. Duas orquestras animavam os bailes do Clube Juiz de Fora, revezando-se para que nunca faltasse música. Se um intervalo era de samba e marchinhas, outro era de valsa e tangos argentinos, para que os foliões recobrassem o fôlego. (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 11)

Tudo que acontecia nos bailes era transmitido nas rádios da cidade para que a população mais pobre soubesse como era a forma de se divertir da elite, como conta o radialista Mário Mazolillo de Moraes, em entrevista ao site Acessa.com, no ano de 2005.

Foi nos anos 50 e início da década de 60 que os bailes tiveram apogeu. Nós, da rádio, fazíamos transmissões ao vivo dos bailes da cidade, principalmente os do Sport Club Juiz de Fora e do Clube Bom Pastor. A [...] decadência das festas de Carnaval nos clubes ocorreu porque as pessoas migraram para as Escolas de Samba, influenciadas pelo Carnaval carioca [...].

Marchinhas como "Taí", "Mamãe eu quero", "Chiquita Bacana", e a marcha-rancho "As Pastorinhas" estavam entre as músicas tocas. Mais tarde, em meados da década de 60, os bailes ainda eram populares, apesar do advento das Escolas de Samba, com o Clube Juiz de Fora e o Clube Bom Pastor os de maior destaque, eleitos os que possuíam melhores decorações e músicas. Em seguida vinham os clubes o Sport Club Juiz de Fora, o Círculo Militar, a Associação dos Bancários, Tupi F.C., Olímpico A.C., entre outros, mas sempre mantendo o típico concurso de fantasias, que eram "motivo para o desfile de maravilhosas confecções, com os ases do corte e da costura, trabalhando até em segredo" (DIÁRIO MERCANTIL, 1960, p. 5).

3.4.2 "Ah Se Eu Fosse Feliz", o Hino do Carnaval de Juiz de Fora

Após dar início, em 1947 e ser a primeira Escola a desfilarmos com enredo-homenagem em 1948, a Feliz Lembrança não mantém esse padrão, e desfila cantando os sambas mais solicitados pelos seus compositores. E foi neste ano, que três amigos, Djalma Carvalho, Juquita e B.O. (o barbeiro Older), fizeram o samba que é cantado até os dias atuais. João Batista de Assis, o Mansualdo, amigo dos três compositores, conta sobre a composição.

A música surgiu em novembro de 1948 para fazer parte dos sambas para Carnaval do ano seguinte da Feliz Lembrança. Naquele tempo não havia samba-enredo. As escolas desfilavam cantando os sambas compostos por membros da escola, selecionados pela diretoria. O desfile era na Rua Halfeld. Em frente ao Cinema Glória (próximo ao Cine Palace - **grifo meu**) ficava armado o palanque e os cantores se instalavam ali para cantar as músicas, enquanto a escola ia passando. Chegou a vez do "Ai se eu fosse feliz", logo o povo se empolgou." (BANDA DAKI EM REVISTA, 2004, 16)

Djalma Carvalho (apêndice 2 - J, p. 149), um dos compositores do samba, relata sobre a forma como foi escrito o samba.

"Ai Se Eu Fosse Feliz" tem uma história bem longa. Além dos autores que tem seu nome na gravação, autoria, ele tem outros elementos. Quando me apareceu a letra, foi no café Glória, lá perto da Estação, às 8 horas da noite, e quem tinha começado o samba eram: B.O., o Juquita, o Francisco Silva (Sarrafo) e o Bilico. Me deram a primeira parte. Eu tinha que fazer uma viagem à negócios, fui lá pra São Mateus pegar a condução e fiquei em frente da Igreja. Ouvi o órgão executando a missa. Com o fluido daquela melodia, saiu a segunda parte do "Ai Se Eu Fosse Feliz". Fiz alguns concertos, cortei alguma coisa da primeira parte. No dia seguinte tinha ensaio da Escola, e eu tinha que ensaiar o pessoal. Chamei uns elementos pra me ajudarem no samba e não foi preciso mais nada." (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1977, p. 76-77)

Com o nome de "Moço Infeliz", o samba teve suas modificações, e a primeira frase da música prevaleceu como título de um dos mais renomados sambas da Feliz Lembrança.

Ai se eu fosse feliz...
 Pra poder sorrir e cantar
 Beber
 E aquela mulher amar
 O destino não quis
 Tenho que me conformar
 A vida é tão boa
 Pra quem tem o seu amor
 Sou a tristeza em pessoa
 Vou chorando a minha dor (ôô-ôô)
 Perguntei ao onipotente
 "Meu Deus, que mal eu fiz"
 Vejo tanta felicidade
 E eu não sou feliz
 Ai se eu fosse feliz...

No dia em que foi cantada, no Carnaval de 1949, um fato curioso acontece o que leva os autores a realizarem mais uma modificação na letra. Porém, dessa vez, involuntariamente.

O cantor deu início a segunda parte e no quinto verso ele titubeou: "...sou a tristeza em pessoa / eu vou chorando a minha dor..." Foi aí que ele esqueceu a letra, e até achar o papel manuscrito, deu um branco, mas o povo emendou preenchendo o espaço : ôôôô, ôôôô, ôôôô, e o refrão ficou antes de seguir em frente "Perguntei ao onipotente..." (BANDA DAKI EM REVISTA, 2004, p. 17)

A música foi tão cantada em Carnavais de outrora, que se tornou Hino do Carnaval de Juiz de Fora, tradição que mantém até os dias atuais.

3.4.3 Escola de Samba Castelo de Ouro

Nos anos intitulados de pós-guerra, mais um cordão nasce na cidade mas desta vez, no Bairro São Benedito. O "Cordão do Arado", comandado por Orlando dos Reis, que se tornaria mais tarde a Escola de Samba Castelo de Ouro, teve seu início de forma peculiar.

[...] Nos anos de após guerra, quando descia para sambar na cidade, foi embargado, sem motivo aparente, pelo delegado de então, Dr. Pedro Vieira Mendes. Essa restrição inicial, talvez determinada pela falta de documentação (e grande era o número de participantes), incentivou o pessoal do bairro para a legalização do bloco, transformando-o em Escola de Samba. (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1977, p. 134)

Orlando dos Reis, Geraldo de Oliveira, Mundico dos Reis, Euclides e Nestor Manoel, José Silva Gomes, Paulinho José de Oliveira, Jaime de Carvalho e José de Abreu, foram os responsáveis pela Ata de Fundação da nova Escola de Samba de Juiz de Fora, chamada de Castelo de Ouro, em 10 de janeiro de 1947. No mesmo ano ela já desfilou apresentando uma homenagem a tomada de Monte Castelo (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1977, p. 134).

Considerada por muitos como a "mais simpática agremiação da cidade", a Escola nunca ganhou um Carnaval em Juiz de Fora, mas teve em sua safra grandes nomes da música local, como Zezé do Pandeiro, Bené, Mamão, Walter de Paula, entre outros. Com as cores amarelo e preto, a agremiação possuía sede na Rua Agilberto Costa, nº 543, e teve como presidente na época o Sr. Euclides Manoel.

Mas apesar do carisma com o público, a Castelo de Ouro não conseguiu se manter, o que ocasionou um sério problema financeiro levando ao término de suas atividades. De acordo com o presidente, "a Escola reúne os grandes sambistas locais, mas não tem recursos financeiros. A Vila São Benedito, origem da Escola, é um dos bairros mais pobres da cidade.

A grande maioria de seus integrantes trabalha e às vezes não recebe nem um salário mínimo" (REVISTA CARNAVAL DE 79, 1979, p. 17).

Em 1977 a Castelo de Ouro obteve a última colocação, o que ocasionou a sua parada durante o carnaval de 1978. Isso trouxe sérios problemas para a escola, que até novembro de 78 não tinha nem diretoria definida, a não ser o presidente. Também até essa data não tinham os instrumentos da bateria, porque, conforme declaração do presidente da escola, os dois presidentes que estiveram a frente da Castelo durante os anos de 76 e 77, acabaram com tudo que a escola tinha. (REVISTA DO CARNAVAL DE 79, 1979, p. 18)

A Escola de Samba Castelo de Ouro encerrou suas atividades no Carnaval em 1978, mas realizou grandes desfiles na cidade como em 1966 com "A Era Espacial", "O Maior Espetáculo da Terra" em 71, "Festa Folclórica" em 72, "A Lenda do Morro" em 73, "Relíquias de Minas" em 74 e "O Mundo Encantado das Crianças" em 76.

4 O APOGEU DO SAMBA NA MANCHESTER MINEIRA

Com a criação de três Escolas de Samba, o Carnaval de rua tomou grande proporção na cidade. Blocos, corsos e ranchos participando de Batalhas de Confete que por muitos nunca será esquecida. Os desfiles de Juiz de Fora na festa de Momo marcaram época e deram a cidade o título de 3º melhor Carnaval do país.

4.1 DÉCADA DE 50 E O INCÊNDIO DO CLUBE JUIZ DE FORA

Durante esse período, Juiz de Fora apresentou um Carnaval distinto, conhecido regionalmente. Os bailes estavam em seu apogeu, o que atraía muitos foliões para os clubes da cidade. Com o advento desse tipo de folia e com o intuito de proporcionar conforto aos que ali fossem, as diretorias desses locais realizaram reformas nas suas estruturas para melhor receber os participantes nos eventos (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 11). No início da década, Juiz de Fora completava 100 anos. E para comemorar a data, a Prefeitura organizou um desfile.

Em 1950, o município - sendo prefeito Dilermando Martins da Costa Cruz Filho - promoveu o chamado "Carnaval do Centenário", ajudando bem mais as Escolas em suas primárias carências. Não exigiu um enredo único, mas, obviamente, todas usaram por tema e efeméride, exaltando Juiz de Fora. (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1972, p. 71)

Mas o ano de 1950 não foi de alegrias nas festas carnavalescas. Em 21 de fevereiro deste ano, o Clube Juiz de Fora, o mais conhecido da cidade na época, pegou fogo horas depois de encerrar seu baile de Carnaval. Zuleika Mendes, mulher do então presidente do estabelecimento na época, José Maria Monteiro Mendes, conta em entrevista para a Revista Em Voga (1989) sobre o acontecimento.

"[...] Parecia que todos pressentiam que nos anos 50 haveria uma grande catástrofe. Um incêndio destruiu todo o clube. Naquela ocasião, meu marido, José Maria Monteiro Mendes, então presidente, havia reformado o clube, dando-lhe uma decoração moderna. Para inaugurá-lo, deu uma grande festa a rigor e fantasia, no sábado de carnaval. Às 4 horas terminou o baile. Duas horas depois o clube pegou fogo, traumatizando a cidade. A situação foi trágica. Mal chegou a nossa casa a notícia, José Maria voltou a clube e juntamente com o prefeito Dilermano Cruz (atual prefeito na época - **grifo meu**), que estivera presente no baile, membros da diretoria e populares viu desoladamente o sonho dele se acabar. Foi um carnaval de lágrimas. Deixou-nos muitas mágoas e tristezas" (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 7)

O Jornal Panorama (2004) apontou que as causas do incêndio não foram identificadas, no entanto "[...] as versões ficaram entre um curto-circuito e restos de cigarro queimados durante a festa. Três horas antes, cerca de 400 pessoas brincavam no recinto. Ninguém se feriu" (p. 2). Com o clube, foram destruídas também, as lojas existentes no primeiro pavimento do prédio, que eram a Drogaria Rio Branco, a Joalherias Windsor, a Casa Schuery e a Casa das Crianças (apêndice 2 - B, p. 145).

Anos depois, o clube foi reconstruído, seguindo novos padrões. Um prédio de 16 andares foi instalado na Rua Halfeld, esquina com a Avenida Rio Branco. Na cobertura, o novo Clube Juiz de Fora surgiu, tentando manter padrões já conhecidos pelos seus freqüentadores e retomando a animação de outrora. Contudo, outro acontecimento, oito anos depois de sua reformulação, fez com que o local perdesse sua credibilidade na cidade, se tratando de bailes de Carnaval, conforme o site Acessa.com (2000).

[...] Com os seus salões repletos de pessoas das mais tradicionais famílias juizforanas, uma briga de dois grupos acabou se transformando numa pancadaria geral. Mesas caindo, cadeiras voando, garrafadas, gente rolando pelo chão, homens e mulheres envolvidos numa briga generalizada. O baile acabou, e, no dia seguinte, numa reunião com diretores do Clube, todos foram perdoados selando um acordo de paz. Mas de nada valeu o acordo, já que no baile da noite seguinte a briga recomeçou e a pancadaria foi ainda maior. Foi inútil a atitude do então Vereador Nicolau Schuery, que subiu ao palco e pediu a orquestra para tocar o Hino Nacional tentando em vão apaziguar os brigões. Daquele carnaval restaram apenas as tristes lembranças das brigas, nas fotos de pessoas famosas da alta sociedade estampadas nas páginas de policia do Diário Mercantil e Diário da Tarde. (<http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/1104/>; acesso em: 25 nov. 2013)

A década de 50 também marcou uma evolução na história dos desfiles das Escolas de Samba em Juiz de Fora. Foi em 1952, que o Carnaval da cidade ganhou sua primeira porta-

bandeira mulher. De acordo com Nancy de Carvalho (apêndice 1 - A, p. 115), antigamente o cargo era tomado por homens, os chamados *porta-estandartes*.

[...] Eu tinha 18 anos. [...] Em 1952 eu fui a Rainha do Feliz Lembrança. Eles tinham um clube ali na Av. Sete de Setembro, esquina com a Cesário Alvim. Ali o Nelson Silva falou pra mim: "Ah não [sic.], agora a gente vai mudar. Você já é rainha. Então agora eu vou te ensinar tudo sobre porta-bandeira". Ele ia lá pra casa e ali a gente ensaiava, ou sábado ou domingo. A gente pegava uma vassoura, amarrava uma toalha e ensaiava. O Nelson Silva que foi o meu primeiro mestre-sala. No primeiro ano foi com ele, no segundo foi um rapaz no Feliz Lembrança que o Nelson deu aula pra ele também, e depois foi mudando. Só a porta-bandeira que não mudava. [...] Foi ele (O Nelson Silva- **grifo meu**) que me influenciou. Tanto que eu desfilei com a mesma roupa de Rainha que eu usei.[...]

A presença feminina na avenida era praticamente nula neste período. De acordo com Nancy, antigamente, mulheres que desfilavam não eram bem vistas e quistas pela sociedade juizforana. Ao quebrar esse tabu, conforme informou, "eles ficaram chocados. Era uma coisa que nunca tinha acontecido" (apêndice 1 - A, p.115).

[...] O meu pai que ia na casa das meninas e falava com os pais delas que ele ia se responsabilizar. Antigamente, sair na escola de samba era coisa de mulher a toa. Aí meu pai que começou a conversar com eles e a chamá-las, porque eu que já estava envolvida, já desfilava, dependendo do enredo eu me fantasiava. [...] Aí depois que eu entrei como porta-bandeira que as mulheres começaram a participar. [...]

Devido aos costumes da época, muitos integrantes de Escolas de Samba sofreram repressões. Fato este confirmado por Zezé Garcia (apêndice 1 - D, 125), que teve que driblá-la para realizar o que mais gostava: desfilar na sua agremiação do coração, a Turunas, nos dias de folia.

Nós passamos muito sufoco, porque naquela época a sociedade não dava um pingão de apoio, porque quem saía na Escola de Samba era "mariquinha, camofa ou vagabundo". Eu sempre saí como eu saía, de dentro da minha casa, nunca precisei de esconder de ninguém. E nunca ninguém me desrespeitou, pelo contrário, sempre fui muito respeitado.[...] Eu digo que eu não fui ousado, eu fui doído mesmo. Mas só consegui o que consegui porque minha personalidade é forte. Mas eu nunca andei em turma ruim. A gente tinha amizade e apoio de muita gente.

Ao final da década, em 1958, no Bairro São Mateus, os amigos Aécio Flávio, Alberto Esteves, Fernando (Mambrinco), Genaro Belo, Geninho (Ganha-pouco) e Rwitter Rolland,

resolveram criar um bloco. O nome escolhido fazia alusão à um bloco existente em Belo Horizonte, chamado "Domésticas de Lourdes". Aqui em Juiz de Fora o bloco ganhou o nome de "Domésticas de Luxo", em homenagem as domésticas, que na época eram negras. O então bloco caricato, pintava o rosto de preto e saía pelas ruas da cidade vestidos de mulher. Ele chamou tanta atenção que o ex-prefeito de Juiz de Fora, Itamar Franco, os convidou para desfilarem na avenida do samba, onde permaneceram da década de 70 a 90. A popularidade do bloco era tão grande, que o mesmo já desfilou com cerca de 950 componentes (http://www.domesticasdeluxo.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=84&Itemid=102; acesso em: 02 jan. 2014).

4.2 DÉCADA DE 60 E O DESFILE OFICIAL DAS ESCOLAS DE SAMBA DE JUIZ DE FORA

Em 1960, Juiz de Fora passava por mudanças. Sua população era em torno de 182 mil habitantes. Nesse período, a cidade ganhou algo que, em décadas futuras, a faria ser conhecida como uma cidade universitária: a construção da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Com a aquisição dessa obra, o município recebeu uma contribuição fundamental para seu crescimento: emprego e uma demanda grande de jovens estudantes, que foram atraídos para a cidade. Devido a isso, Juiz de Fora precisou expandir-se. Nessa época, grandes patrimônios históricos foram destruídos para dar lugar a edifícios (<http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>; acesso em: 20 nov. 2013). E, graças a essas modificações, o Carnaval também precisou passar por mudanças.

A começar pelas Batalhas de Confete que tiveram um declínio nesse período. Conforme depoimento de José Rodrigues da Silva, na Revista Em Voga (1989, p. 5), o mesmo afirma que "até 1960, o Carnaval de rua era muito bom e alegre. Aos poucos foi desaparecendo e os foliões passaram a brincar nos clubes, como Bom Pastor e Sport, que

promoveram grandes bailes". A construção do novo Clube Juiz de Fora após o incêndio na década de 50, trouxe maior visibilidade para as mudanças que a cidade passava, conforme a foliã Márcia Dutra.

Década de 60. Anos dourados do Club Juiz de Fora. Brincando e participando do concurso de fantasia, ali passei não o melhor, mas os melhores Carnavais da minha vida. Era noites gloriosas. Os desfiles causavam sensações. Fui tetra-campeã do clube, usando o fantasia "Baiana do Império", criação de Jorge Schuery e confecção de Eliza, minha mãe. (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 5)

Ao citar os bailes de outrora, existia um em particular, que chamava atenção de todas as classes sociais da cidade devido a sua irreverência e peculiaridade: o Baile dos Casados.

Nos dias de Carnaval a tarde, tanto o Palace Hotel (salão de festas) como o Cinema Glória (salão dos fundos), organizavam seus bailes "mais avançados", ou seja, as "gatinhas" (mulheres que se escondiam sob máscaras, geralmente da alta sociedade) se divertiam com os coroas que, ávidos, partiam em busca de "novas emoções" durante o Carnaval - o que de certa maneira era permitido pelas tradicionais famílias e mesmo esposas exclusivistas. (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 9)

Mesmo com o carinho e a admiração do público por essa forma de brincar o Carnaval, nessa época, os desfiles das agremiações eram o foco principal da festa de Momo. Conforme o Diário Mercantil (06/01/1960), "[...] de ano para ano aumenta o entusiasmo dos foliões. [...] Cada bloco quer ser melhor que o outro e para isso trabalham meses seguidos. E como trabalham! [...]" (p. 8).

Em 1960, a Escola Castelo de Ouro solicita que o Diário Mercantil (1960) informe sua não participação no Carnaval da cidade. O motivo, de acordo com o periódico, foi devido a falta de verba. A Escola possuía dívidas, e em reunião feita com os diretores da agremiação, os mesmos se prontificaram a quitá-la, porém isso não aconteceu, ficando toda a responsabilidade por conta do diretor, Sr. Euclides Manoel (p. 6). Todavia, Escolas como a Feliz Lembrança estavam a todo vapor, não só em Juiz de Fora, mas em outros estados também.

No próximo domingo, a apresentação da Escola (Feliz Lembrança - **grifo meu**) será na TV Continental, do Rio de Janeiro, no programa de Décio Cataldi. No dia 14, sua apresentação será em São Paulo, onde se encontra uma de suas grandes figuras, ou seja, o compositor Djalma de Carvalho. Finalmente, no dia 21 do corrente, a Feliz Lembrança fará uma apresentação para os associados do Sport Club Juiz de Fora. Como se nota, a referida sociedade carnavalesca tem realizado um trabalho digno de nota, propagando nossa música popular, inclusive em outros Estados. Torna-se compreensível que o nosso povo, a indústria, o comércio e as entidades em geral prestem sua colaboração para com a Escola, a fim de que novos sucessos sejam obtidos em favor da propagação da nossa música. (DIÁRIO MERCANTIL, 1960, p. 8)

Neste mesmo ano, mostrando que a folia poderia ter também um lado filantrópico, a PRB-3 e os Diários Associados, lançaram uma campanha em prol do Hospital Santa Casa de Misericórdia, de Juiz de Fora. A campanha foi nomeada de "Código Tributário para Fantasias em 1960", e foi definida da seguinte forma: todo o folião que participar dos festejos do Carnaval e confeccionar sua fantasia, terá que pagar um 'taxa' de um por cento em cima do valor total pago por ele para a criação da peça. Este valor, e todos os demais arrecadados, seriam revertidos em benefício do hospital" (DIÁRIO MERCANTIL, 1960, p. 5).

Mas o destaque do ano ficou para o marcante fato acontecido em 04 de março de 1960. A manchete do jornal Diário Mercantil deste dia era "Fugiu da cadeia para cair na folia".

O prêso, José Rodrigues, mais conhecido como "Baiano", fora condenado por furtos que praticou a meses na cidade. Como gosta de Carnaval, planejou evadir-se na primeira oportunidade que lhe deparasse. O preso serrou as grades da cela e fugiu na madrugada de terça-feira de Carnaval. O mesmo foi capturado às 9hs da manhã de quarta, quando caminhando nas ruas, foi reconhecido pela polícia, que só nesse momento notou que ele tinha fugido. (DIÁRIO MERCANTIL, 1960, p. 7)

Em 1965, a portaria de nº 6.174, instrui os foliões de que no Carnaval daquele ano, estaria proibido o uso de maios, trajes sumários e lança-perfumes em bailes públicos, em clubes e ambientes fechados. O uso nessa época do lança-perfume como um tipo de entorpecente, contribuiu para a proibição do mesmo. Outros produtos como pós, líquidos voláteis e qualquer outro tipo de substância que possa irritar os foliões também foram proibidas (DIÁRIO MERCANTIL, 1965, p. 3).

Este período trouxe também uma série de problemas envolvendo as diretorias das Escolas de Samba da cidade e o diretor do Departamento Autônomo de Turismo (DAT), responsável pela organização da festa, o Sr. Dante Antônio Pereira. O motivo foi devido a verba, para ajudar as Escolas na criação das fantasias para o desfile, não ser entregue as mesmas.

[...] No contato que ontem tivemos com elementos ligados aos setores carnavalescos de Juiz de Fora, apuramos que não haverá este ano no carnaval que se aproxima, desfile de qualquer entidade, já que as gestões que estavam sendo movimentadas pelo Sr. Dante Antônio Pereira, diretor do Departamento Autônomo de Turismo, fracassaram por completo. Já a menos de um mês do carnaval e sem dinheiro para começar pelo menos a preparar um desfile apenas razoável, decidiram os dirigentes do Feliz Lembrança, Unidos da Serrinha, Turunas do Riachuelo, Não Venhas Assim e outras, não desfilar mesmo em 65, dando assim ao carnaval de rua um aspecto de desânimo total, o pior mesmo da história do nosso Reinado de Momo. (DIÁRIO MERCANTIL, 1965, p. 1)

A população não ficou satisfeita com a decisão, e para agravar ainda mais o problema, o Clube Sírio Libanês procura auxílio do DAT para custear um evento que seria organizado por eles: a vinda do Rei Momo da cidade de Guanabara (RJ) para Juiz de Fora. O departamento, no entanto, não colaborou. Em resposta ao acontecimento, o Diário Mercantil publicou que "é uma pena que isso venha ocorrendo, pois Juiz de Fora, graças a sua magnífica localização e aos seus dotes naturais, poderia ter bom turismo" (1965, p. 1). A visita porém, rendeu um desfile de automóvel pela cidade, após um coquetel organizado no Palace Hotel, com a presença do diretor do Sírio e Libanês, Antônio Couri. Após o desfile, o Rei Momo seguiu até a sede do clube para um jantar. Tudo pago pelo então clube em questão (DIÁRIO MERCANTIL, 1965, p. 3).

No intuito de aquietar a situação perante a população juizforana, o DAT começou a realizar ações na cidade, porém, estas não contribuíram com as Escolas. Uma delas foi a contratação de uma agremiação de outro município para desfilar no Carnaval de Juiz de Fora, devido a um desentendimento com a Turunas do Riachuelo. Com o problema ocorrido na primeira reunião, onde o então diretor não compareceu e se negou a informar o motivo, Dante

Antônio Pereira marcou outro encontro para resolução do caso. Mas, dessa vez, as agremiações que não compareceram. Acreditando ser uma afronta, o diretor negou o parecer de aprovação da verba. Além da Turunas, o rancho Não Venhas Assim também não recebeu o dinheiro. Somente a Castelo de Ouro foi beneficiada com 350 mil cruzeiros para realizar seu Carnaval. Assim, Dante resolve contratar uma Escola de Três Rios para desfilarem na avenida, junto com a agremiação juizforana. A Feliz Lembrança, que não desfilava na cidade desde 1960, também não compareceu na avenida em 1965 (DIÁRIO MERCANTIL, 1960, p. 4).

4.2.1 Novas agremiações para o Carnaval

E para dar mais vida ao carnaval, a cidade ganha novas agremiações. Em 1963, Edival, Carlos Assumpção, Antônio de Almeida, Ernesto, João Leonel, José Benedito da Silva (Bené), Djalma Faria, Adair Silva, Carlos Bernardo Winter (Bolão), Jorge Geara, Oswaldo Tobia (Vadico), Horcade Simon e outros, procuraram o presidente do Social Atlético Clube, que possuía sede no Bairro Senhor dos Passos, Zona Sul da cidade, e apresentaram a ideia de formar um bloco carnavalesco com as cores do time em questão - vermelho e branco. Sendo aprovada, foi então, oficialmente formado o "Bloco Unidos dos Passos".

Até 1966 o bloco desfilou como "sujo" (referenciado anteriormente seu significado). Com aprovação de um estatuto em 1967, Danilo Vidal Ramos sugeriu o acréscimo da cor azul nas fantasias e, assim, a partir de então, as cores oficiais passaram a ser vermelho, azul e branco (REVISTA OFICIAL DO CARNAVAL DE JF, 1979, p. 10). Em 1968, a Unidos dos Passos ganha o Carnaval pela primeira vez. Em 1975 é transformada em Escola de Samba.

Em 1963, um pequeno grupo de sambistas da Vila Olavo Costa, região Sudeste da cidade, se reuniram e formaram um bloco chamado "Bloco do Olavo". Um ano depois, recém chegado do Rio de Janeiro, David Chaves trouxe seus instrumentos de bateria, pois já possuía um bloco na Cidade Maravilhosa, e se une ao grupo, que muda o nome para "Bloco Juventude

Imperial". No ano seguinte, torna-se Escola de Samba. A frente da agremiação estavam Ismael Dias, Waldir Neves Toledo, Edson Gracelino da Silva, Veloso Pablo Dutra do Carmo, Darcy Jeronimo da Silva e David Chaves, que até os dias atuais, responde pela presidência da Escola.

Nesse período surge também a Real Grandeza, na Avenida Sete de Setembro. Como um bloco, a agremiação surgiu através de uma divergência de pensamentos de pessoas não satisfeitas com a administração da Feliz Lembrança. Foi elevada a Escola de Samba em 1966 e em 67 ficou em terceiro lugar no desfile (REVISTA OFICIAL DO CARNAVAL DE JF, 1979, p. 11).

4.2.2 O Primeiro Desfile Oficial das Escolas de Samba de Juiz de Fora

Com a ascensão da festa e o destaque da cidade no que diz respeito a Carnaval, o turismo de Juiz de Fora cresceu ainda mais após um grande feito do DAT. Até meados da década de 60, não existia na cidade um desfile oficial das Escolas participantes da folia. As mesmas se apresentavam no intuito de levar alegria ao público, cantando diversos sambas e apresentando suas fantasias, sem fazer alusão a nenhum enredo especificamente. As campeãs eram decididas pelos foliões, onde cada um apontava sua preferida sem um resultado confirmado. O malandro carioca e as baianas (apêndice 2 - M, p. 151) eram os personagens presentes em todas as agremiações. O que diferenciava uma da outra, eram o mestre-sala e a porta-bandeira.

Carnaval aqui em Juiz de Fora era animadíssimo. Ficava lotado de gente. Vinha gente de fora. As escolas não tinham alas. Eram várias fantasias. Tinha a primeira parte, da diretoria, depois vinham as baianas e seus acompanhantes, aí vinha o coral e a bateria. Não tinha som. Era todo mundo cantando. O som era da escola inteira. (ENTREVISTA NANCY DE CARVALHO, apêndice 1 - A, p. 115)

No intuito de modificar esse cenário, tornando-o mais justo, além de amenizar os conflitos gerados entre os integrantes e apreciadores das agremiações, em 1966, o DAT

oficializou a disputa através do Desfile Oficial das Escolas de Samba (apêndice 2 - G, p. 147). O cenário para o evento foi montado na Avenida Rio Branco, que em épocas passadas já sediava a comemoração. Mas dessa vez, o local, estava "feericamente iluminado, com uma decoração vistosa e artística e com o Parque Halfeld dotado de arquibancadas para que o público acompanhe bem de perto o concurso" (DIÁRIO MERCANTIL, 1966, p. 7). O departamento estipulou que a agremiação campeã ganharia o prêmio de meio milhão de cruzeiros, que equivale hoje a cerca de R\$ 7 mil.

Com a divulgação deste evento, o turismo da cidade, que já era grande, cresceu ainda mais. Os hotéis, conforme o Diário Mercantil de 19 de fevereiro, estavam lotados, não realizando reservas. Cinco dias antes do desfile, a cidade já contava com 5 mil turistas (1966, p. 8). E os preparativos das agremiações também foram grandes. A Escola de Samba Feliz Lembrança, por exemplo, contratou uma equipe de profissionais para organizar seu desfile. "Seis costureiras, quatro pintores, três marceneiros, um instrumentador e dois decoradores participam da grande equipe mobilizada pela agremiação da avenida 7 de Setembro (antiga quadra da Feliz Lembrança - **grifo meu**) para o Carnaval de 1966" (DIÁRIO MERCANTIL, 1966, p. 5). E todo esse trabalho foi apresentado pela Escola através do enredo "Mascarada Veneziana", que resultou no título de campeã do desfile. O compositor Gilson Campos relata para a Revista Em Voga o desfile deste ano.

[...] Lembro-me que o melhor vivido por mim foi em 66, quando a Feliz Lembrança veio com o enredo "Mascarada Veneziana" arrebatando, em termos de música, letra, enredo e desfile, a Turunas do Riachuelo, sua grande rival. Sobre a batuta do maestro Nelson Silva, foi um carnaval que empolgou o público. Presidida por Álvaro Santos, a azul-vermelho-e-branco levou Nancy como porta-bandeira e Nelinho (pai do Mamão), como porta-estandarte. Na ala das baianas, Judith era a sensação. Djalma Carvalho, Leonardo Cherem, Praxedes e Sarrafo engrossavam o coral. (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 10)

A letra é de autoria de Nelson Silva e José Carlos de Lery Guimarães. A Feliz Lembrança desfilou ao som do samba que é lembrado até os tempos atuais, que trazia como diferencial a mistura da Tarantela ao samba brasileiro (apêndice 2 - H, p. 148).

Ardem círios nos palácios de Veneza,
 Vive amores a nobreza
 Entre as luzes do festim...
 E na grande praça, a luz da lua.
 Por Colombina, alma da rua,
 Chora Pierrot, dança Arlequim!...

Tarantela, tarantela,
 Tarantela napolitana...
 Tarantela, tarantela,
 Na mascarada veneziana...

Tarantela veio de Nápolis
 Pra brincar o Carnaval

Na Veneza de São Marcos,
 No Rialto e do Grande Canal...

Distante da louca mascarada
 Surge a gôndola dourada
 De Rolando e Leonor!...
 Fantasmas do Grande Canal,
 Os Amantes da Lenda Imortal,
 Eternos, na eternidade do amor!

Rolando e Leonor,
 Arlequim, Pierrot
 Carnaval... multidão...
 ... E o meu destino rola
 Na barcarola
 Da solidão...

Meu destino é gondoleiro,
 Lançando o remo ligeiro
 Sob as pontes, nos canais...
 Meu amor, à flor das águas,
 É uma gôndola de mágoas:
 Não tem âncora nem cais!...

Essa atitude foi de grande importância para o desenvolvimento e reconhecimento do Carnaval da cidade, conforme apontado pela Revista Em Voga.

Neste ano tinha início o chamado concurso oficial. Sob a liderança de Nelson Silva (compositor genial) e com enredo e letra do jornalista José Carlos de Lery Guimarães, a Feliz Lembrança inaugurou uma nova fase do nosso carnaval: a do enredo trabalhado em toda sua plenitude e com figurinos (Oney Moraes) fora do tradicional. "Mascarada Veneziana" foi um marco definitivo de nossos desfiles oficiais, do tipo "antes e depois de". Uma verdadeira ópera popular. (REVISTA EM VOGA, 1989, p. 9)

De acordo com os autores Victor Rosa e Renan Carvalho (2006, p. 82), citando Rodrigo Coimbra e Najla Passos (1994), afirmam que foi nesse Carnaval, pela primeira vez, que uma Escola de Samba desfilou com um verdadeiro carro alegórico.

[...] O Gran Finale do desfile apresentava uma piscina móvel com uma gôndola flutuando, em tamanho original. A música especialmente composta para o enredo apresentava elementos do samba-enredo, como o tom épico e a narrativa extensa. As fantasias acompanhavam os motivos do desfile (apud COIMBRA, PASSOS, 1994, p.14)

Nancy de Carvalho (apêndice 1 - A, p. 115) comenta que o desfile da Mascarada Veneziana foi um dos mais bonitos da Escola. O Diário Mercantil (1966) aponta que o mesmo foi um verdadeiro sucesso. "A turma este ano, comandada por José Carlos Lery Guimarães, deu um 'show' de beleza, bom gosto e animação, realizando, talvez a sua melhor apresentação, tendo sido aclamadíssima" (p. 3). Mas apesar da animação e da beleza, a Feliz Lembrança foi criticada, pois apresentou um enredo que não era brasileiro.

"A Escola de Samba Feliz Lembrança, após o grande sucesso de "Mascarada Veneziana" e a exemplar apresentação de meio de ano, estava na obrigação de oferecer a seus admiradores e a cidade em geral, um carnaval em grande estilo para o ano de 68. Ainda mais diante de críticas feitas quando de seu renascimento com o enredo, partindo de setores mais exaltados, quanto a brasilidade do tema. Diziam ser desnecessário buscar temas alienígenas (porque todos sabemos do grande potencial de nossa história e folclore) [...]. E diziam mais: no Estado Novo (ditadura Vargas) Lourival Fontes, que respondia pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), através de uma portaria, regulamentou a matéria, tornando obrigatória a exaltação, o enfoque, em todas as manifestações populares (e aí se enquadra as Escolas de Samba) de temas autenticamente nacionais. (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1972, p. 93)

José Carlos de Lery Guimarães rebateu a crítica, dizendo que "no caso específico da Mascarada Veneziana, tenho a declarar que não havia, no recém criado DAT, nada

regulamentando a matéria. O povo entendeu a mensagem. A Feliz Lembrança cumpriu a sua missão" (MOSTARO, FILHO E MEDEIROS, 1972, p. 93).

Foi também em 1966 que Zezé Garcia (apêndice 1 - D, p. 125) inicia sua jornada no Carnaval da cidade, vindo a se tornar figura marcante na folia.

O Turunas tinha o Jairo e a Feliz Lembrança tinha a Pirupita, que era a Maria Helena, e a Judith, que era tia dela. O meu primeiro desfile de Baiana foi 1966, na Turunas, porque o Jairo tinha morrido em 64, aí vieram me chamar. O Manoel Caolho me chamou, e eu aceitei, porque eu gostava muito do Jairo. Ele freqüentava minha casa, minha mãe adorava ele. Foi um desfile muito legal, porque foi na Avenida Rio Branco e foi o primeiro concurso das Escolas. O enredo da Turunas era sobre Belmiro Braga. (apêndice 2 - N, p. 152)

Neste desfile, apesar de um bom desempenho, a Turunas do Riachuelo, ficou em segundo lugar. Com a decepção da perda, Ministrinho sai da agremiação e a Primeira Escola de Samba de Minas Gerais cessa suas atividades, retornando somente em 1972.

Em 1967 surge no Largo do Cruzeiro, o bloco "Partido Alto" e sua história está ligada a cinco nomes: Newton da Cruz, Orlando Gonçalves, Sebastião Ataíde, Paulo César Calíquo e Nelson Papinha. A inspiração veio de um bloco que já estava desaparecendo, "As Pastorinhas do Morro". No mesmo ano que se formou, o Partido Alto se tornou Escola de Samba.

Na Zona Norte de Juiz de Fora, no Bairro Benfica, em 1969 surge o bloco "Rivais da Primavera". Sua história está atrelada a família Epiphânio, remanescente da cidade de Lima Duarte, que trouxeram a tradição do rancho "Estrela" para a cidade. Em 1970, o DAT convidou os Rivais a participar do desfile oficial, estreando em 1971 na avenida (CARVALHO, ROSA, 2006, p. 96-97).

4.3 DÉCADA DE 70 E A SAFRA DE POEMAS CANTADOS DAS ESCOLAS DE SAMBA

Com a desfile oficial decretado, a popularidade do Carnaval de Juiz de Fora se espalhou por toda Minas Gerais. Nas Escolas de Samba, um time forte de compositores

criavam letras que seriam cantadas e lembradas pelas gerações futuras. As quadras ficava cheias e o público se fazia presente em todos os eventos.

Em 1970 a Juventude Imperial vence o desfile, e repete o fato em 1971, 1972 e 1973. Em 1972, a Castelo de Ouro desfila com um de seus melhores enredos. O samba, de Zezé do Pandeiro e Bené, intitulado de "Festa Folclórica" falava das maravilhas brasileiras através de suas manifestações populares, como Boi Bumbá, Maracatu e Folia de Reis (apêndice 2 - Q, p. 155).

O meu boi Morreu
O meu boi bumbá
O meu boi morreu
Vivia o vaqueiro a cantar

Brasil
Nesta noite colorida
Vamos mostrar na avenida
Teus folguedos
Neste enredo original
E alegrar o povo
Neste Carnaval

Tão sublime é recordar
É tão sublime recordar
No folclore, nossas tradições
Pregões, poesia, fantasia
Neste festival de ilusões

Olha a roda de samba
O batuquejê
Tem Folia de Reis e Fandango
Calango tango, Maculelê

Desfilam maracatu, capoeira
Mulher rendeira
Cateretê, candomblé
Lindo cerimonial
Na festa do lava-pés
Jangadeiro lança o barco
Leva a rede, joga ao mar
Pede em sua prece, proteção a Iemanjá
Olha lá
A fogueira queimando
A quadrilha no terreiro

Ao som alegre da sanfona e do pandeiro

O intérprete Zezé do Pandeiro (apêndice 1 - I, p. 140) relembra como foi esse desfile que coincidentemente, foi cantando o primeiro samba que ele compôs.

Em 72 fui convidado a compor, pelo José Bendito Martins, o Bené. Foi a primeira vez que mexi com samba, mas eu trabalhava e trabalho até hoje mais com a linha melódica. Até dou pitaco [sic.], escrevo alguma coisa, vejo rimas, mas sou mais a melodia. E o Bené era ligado a Juventude Imperial, mas não sei o que aconteceu que alguns elementos de lá saíram da Juventude e foram pro Castelo. E dessa leva foi o Ismael, Sadi, Bené... Foi uma turma tremenda. E o Bené me convidou pra participar com ele no samba pro enredo "Festas Folclóricas". Quando eu cheguei o samba estava praticamente pronto. Mas alterei algumas coisas, dei opinião em outras e fechamos o samba. O Castelo de Ouro saiu muito bonito e estava disputando de fato o Carnaval. Mas infelizmente não ganhou. E esperávamos que depois desse desfile, a Escola levantasse e fosse adiante, Mas foi o contrário. O Euclides (que era o presidente da escola - **grifo meu**) não deu muita atenção mais, teve um desanimo.

Em 1973, a Juventude Imperial leva o tri-campeonato com o enredo "Zumbi, Rei Negro dos Palmares". Flávio Aloísio Carneiro, o Flavinho (apêndice 1 - H, p. 137) conta como foi a preparação do samba.

Em 70, ela (Juventude Imperial - **grifo meu**) ganhou o Carnaval. Em 71 ganhamos de novo. E em 72 de novo. Aí começou a ficar difícil pra ganhar. Foi aí que apareceu o Zezé do Pandeiro. E o Roberto Medeiros (ex-presidente da Juventude Imperial - **grifo meu**), ele era atrevido. Ele era cheio de coisa, parecia músico famoso. Aí ele se juntou com o Coronel Félix, [...] e os dois escolheram o tema "Zumbi dos Palmares", e era proibido falar nessas coisas de liberdade e tudo mais, por causa da ditadura. [...] Nessa época, teve um festival de música e eu participei com uma música romântica, que eu fiz pra um amor platônico meu, e ganhei. Aí foi um tumulto no bairro, aquela festa. E quem passa na hora? Roberto Medeiros.[...] Eu trabalhava de engraxate ali perto do Central. Apareceu uma mulher bonita sabe, perguntando se eu era o Flávio e falando que tinha um amigo dela advogado que queria falar comigo. Era o Roberto. Aí ele falou: "Te achei uma pessoa interessante. E a Escola precisa ganhar o tetra campeonato. E pra ganhar, eu vou te apresentar uma letra aqui". Era a letra do Zumbi. Ele falou que o Zezé já estava mexendo na letra, mas ele queria alguém do bairro pra entrar na jogada também, cativar o pessoal e ganhar. E nós ganhamos. Foi um negócio retumbante.

Zezé do Pandeiro (apêndice 1 - I, p. 140) também foi escolhido por Roberto Medeiros para participar desse desfile da Juventude Imperial, que, de acordo com os integrantes da Escola, foi um dos mais bonitos que a agremiação apresentou.

Nessa época, eu comecei a freqüentar o bloco Balaio de Gato. Lá na Vila São Benedito, tinha um compositor, o Sarrafo, que me convidou a participar do bloco, que era no Jardim Glória, era muito bem organizado. E eu já sai cantando lá. E foi justamente através do Sarrafo, que fui convidado pelo Roberto Medeiros pra ir pra Juventude. Isso em 73. Aí, o Sarrafo chegou perto de mim e falou que o Roberto queria falar comigo. Aí, eu encontrei com ele no Beco (no Bloco do Beco - **grifo meu**) e nesse dia ele estava com a letra do "Zumbi dos Palmares", enredo da Juventude naquele ano. E falou comigo que ele queria que eu trabalhasse uma música com aquela letra. E era uma letra enorme, um testamento. E comecei a trabalhar nela lá mesmo no Beco. O Flavinho da Juventude participou também, porque na época ele já tinha uma liderança, um movimento no Furtado de Menezes, e o Roberto achou interessante a participação dele. [...] Desfilamos e ganhamos o Carnaval.

O samba antológico é de autoria de Zezé do Pandeiro, Flavinho e Roberto Medeiros.

Oia Zumbi Muxicongo
 Oia Zumbi
 Que todos os deuses do Congo
 Em coro cuidem de ti

Silêncio
 Está nascendo um deus negro
 No quilombro dos Palmares
 Ex-escravos aos milhares
 Cantavam, rezavam, pediam
 Que o neto da princesa
 Tivesse toda destreza
 Pra defender sua terra
 Contra a invasão, contra a fome
 E em louvor ao deus da guerra
 Dera ao menino seu nome... Zumbi

No calor da juventude
 Por seu bravo desempenho
 O jovem guerreiro nato
 Se forjou na luta rude
 Contra os senhores de engenho
 Contra capitães do mato

Oia Zumbi Muxicongo
 Oia Zumbi
 Que todos os deuses do Congo
 Em coro cuidem de ti

E agora
 Está lutando um deus negro
 No mocambo fortaleza
 Atacado de surpresa
 Ardis, canhões, artilheiros

Ordena o rei, com vontade
 Que mulheres e crianças
 Aprontem flechas e lanças
 E em defesa dos Palmares
 Convida seus guerreiros
 A morrer em liberdade... Zumbi

Ih ô ô ô ô...
 Do lamento das senzalas
 Ih ô ô ô ô...
 Da sevícia dos broncos
 Lá laiá laiá...
 Do estalo das talas
 Ú ú ú ú ú...
 Do gemido dos troncos
 Num canto de ressurreição
 Ouvia-se um mágico refrão

Em 1974, a Real Grandeza retorna ao Carnaval. Ao cessar as atividades em 1969 devido a um ruim sexto lugar que ganhou naquele desfile, a agremiação apresenta o enredo "O Circo". Apesar deste ano não levar o prêmio, que ficou com a Turunas, o samba com os marcantes versos "Chora palhaço/ que a vida não é de brincadeira/ Chora palhaço/ a função do seu circo termina na quarta-feira", teve destaque. A letra é de Gilson Campos e Geraldo Souza.

Este céu azul
 Que cobre o asfalto da avenida
 É a imagem de um circo diferente
 Onde o palhaço
 Chora o drama dessa vida
 São apenas três dias de espetáculo
 Em que os artista irão se apresentar
 A vida sempre triste de um palhaço
 Dividindo a platéia
 Uns a sorrir, outros a chorar
 Muito embora nesse circo diferente
 Em que o Pierrot, a Colombina e o Arlequim
 Vivem a vida num trapézio
 Em que a gente
 Nunca sabe onde o circo tem seu fim

 Chora palhaço...

Chora palhaço
 Que a vida não é de brincadeira
 Chora palhaço
 A função do seu circo
 Termina na quarta-feira

Em 1975, a Turunas do Riachuelo surpreende novamente e com o enredo "Lenda da Floresta Encantada" e fica com o primeiro lugar, conquistando o bi-campeonato. O samba "Ao Cair da Noite na Floresta Encantada", é de Jeovah Leal.

Vem, minha fada, vem
 Vestida de azul Turunas
 Ao cair da noite
 Descrever no quadro negro do asfalto
 A lenda da floresta encantada
 Vem minha fada, vem ligeira
 Salvar o pescador
 Que negou seu amor à feiticeira
 Meu corpo foi transformado
 Metade peixe, metade gente
 E no velho rio ao ver a lua
 Derramando claridade
 Eu pesco mágoas
 De mim mesmo
 No remanso da saudade

A feiticeira encantou a floresta
 E fez adormecer
 O caipora, a mãe d'água e o saci-pererê

Uma noite
 Compadeceu-se o deus Tupã
 E pra salvar o pescador
 Uma fada bondosa enviou
 E ela, voando sobre a floresta
 Transformou a tristeza em festa
 Quando seus habitantes desencantou

E nesta noite até o Uirapuru cantou

É noite de lua cheia, olê olá
 Já libertos da magia, olê olá
 Dançam os desencantados, olê olá
 Explodindo de alegria, olê olá

Neste ano, inicia as atividades da Unidos do Ladeira. O bloco foi criado em 15 de janeiro, pelo Sr. Elson Duarte, "o Raposa", cujo do apelido surgiu o ideia de usar o animal como símbolo da Escola. Apesar de ter sua criação em 1975, ela só saiu em 1976. Depois disso, foi convidada pela DAT a desfilar oficialmente, mas ainda com a condição de bloco. Em 1979 torna-se Escola de Samba e sobe para o primeiro grupo em 1986 (REVISTA OFICIAL DO CARNAVAL JF, 1979, p. 14).

Em 1976, a Turunas é tri-campeã com o enredo "Canto à Estrela", em homenagem a cantora Dalva de Oliveira, que faleceu em 1972. O enredo ficou popularmente conhecido como "Dalva estrela", referente ao verso do samba composto por José Carlos, Dilermando Cândido e Saratoga, que diz: "Dalva, estrela e mulher/ Seu canto de amor nessa avenida/ Queremos exaltar".

Quando a noite abre seu véu
Unindo realidade e fantasia
Uma estrela vem cantar
Na passarela do samba
Participando da folia
Um pequenino grão de areia
Por ela se apaixonou
E ela, ouvindo seu canto
Não resistiu ao encanto
Naquele momento de amor
Vem a Turunas saudar

Minueto, tirolesa
Praça Onze, zum zum zum
Laiá laiá laiá, laiá laiá, lari laiá

Dalva, estrela e mulher
Seu canto de amor nessa avenida
Queremos exaltar
Dos astros que brilham no céu
És nossa estrela colorida
Hoje a lua anda tonta com tamanho esplendor
Na terra ficou a lembrança
E em sua homenagem
Com bandeiras brancas de amor
Vem a Turunas saudar

Minueto, tirolesa
Praça Onze, zum zum zum
Laiá laiá laiá, laiá laiá, lari laiá

Em 1976 o Bloco "Vai Quem Quer" surgiu através de uma brincadeira de amigos. Ele foi crescendo e ganhando fama e recebeu o convite da Prefeitura da cidade para desfilarem na avenida. Em Março de 1977 o bloco passa a ser Escola de Samba e modifica seu nome para "Acadêmicos do Manoel Honório". Em 1978 estréia na avenida e sobe para o Segundo Grupo.

Em 1977, A Escola de Samba Unidos dos Passos leva o título. Com o enredo "Exaltação ao Rio São Francisco", o samba de Walter de Paula, João Leonel e Zezé do Pandeiro foi considerado um dos mais bonitos da época. De acordo com o Diário Mercantil, "[...] Cerca de 1.200 figurantes da Escola de Samba Unidos dos Passos desfilam hoje pela avenida, mostrando toda as magias, lendas e tradições do rio São Francisco - 'um caminho de amor, em contato com a realidade brasileira' - em busca de mais uma vitória carnavalesca". (1977, p.3). O samba fez tanto sucesso, que foi regravado na voz de grandes cantores, como Elza Soares, em 1979, para seu álbum "Senhora da Terra" (<http://www.sambaderaiz.net/senhora-da-terra-elza-soares/>, acesso em: 10 jan 2014).

Hei, hei vaqueiro
É hora de passar
Sacrifica o boi cansado
Pra boiada se salvar

Do ventre...
Do ventre de uma serra verdejante
Nasce a corrente de um rio
Que a mão divina traçou
Marcando seu destino de gigante
Segue crescendo o menino
Formando elos de amor...

Ô ô ô... Ô ô ô...
Leva por onde passar,
A história de um povo sonhador

És a fonte de esperança
 Na tristeza do sertão
 Vai correndo amigo Chico
 Liberta o verde do chão

Vadia na planície colorida
 Onde a mãe d'água veste raios de luar
 E quando o sol começa no horizonte a despontar
 Barraqueiros fazem a festa
 Vendo a gaiola chegar
 Além do esplendor de Paulo Afonso
 Unidos qual um rio a desfilar
 Vamos seguir com o velho Chico
 Levando suas lendas para o mar...

O desfile foi tão bem elogiado que, segundo o Diário Mercantil da época, "o samba do Unidos dos Passos foi tão querido que, num baile no Clube Bom Pastor, depois do desfile da agremiação, os foliões começaram a cantar o samba. 'Um grande samba'. foi a definição do prefeito Mello Reis" (DIÁRIO MERCANTIL, 1977, p. 12).

Já em 1978, o título ficou com a Escola Turunas do Riachuelo, que apresentou o enredo "A, E, I, O Urca", reeditado pela Escola no Carnaval de 2012, e também levou o título de campeã. A Escola Partido Alto, que apresentou o enredo "O Carnaval Através da Comunicação", samba de Luiz Antônio, Jubinha e Vornei, ganhou destaque naquele ano.

Desponta como sol no horizonte
 O carnaval e em três tempos vem brilhar
 Dando vida a própria vida
 A este meu cantar
 De Granbell ao telefone
 Taí a comunicação
 Que transformada em imagem
 Reflete cores na televisão

Olha o rádio tocando a canção que diz
 Carnaval é festa é samba
 É o povo feliz...

Será...
 Será, será, não sei

Sonhar, sonhar, sonhei
 Com o futuro da história
 O fantástico será o que passei...
 Vai pombo...
 Vai pombo correio
 Por onde voar aonde for
 Leve o canto
 Que amanhã será lembrança
 E traga uma mensagem de amor
 Verde e rosa

Em 1979, a Turunas ganha o bi-campeonato com o enredo "É isso aí... Nós temos". O samba é de Zezé do Pandeiro, Coração e Charuto. A Juventude Imperial desfila com o enredo "Carnaval do Povo no Mundo dos Astros". O samba foi reeditado em 2005, e deu o título a Escola do Furtado de Menezes neste ano. O samba é de Flavinho, Chiquinho e Kelmer.

A Juventude tem o tarol
 Que anuncia a morte do Rei Sol
 Agora é noite
 É noite enfim
 Nas mãos do povo
 A lua cheia é tamborim

Hoje
 Juventude vem do alto
 Vem trazendo para o asfalto
 Serpentinhas de luar
 Hoje no embalo da avenida
 Minha escola tão querida
 Vem de novo desfilar

Deixo
 Lá no morro o meu cansaço
 Minha vida, meu fracasso
 Meu lamento e minha cruz
 Venho melhorar o meu astral
 No esplendor do carnaval
 Ilusão feita de luz

A Juventude tem o tarol
 Que anuncia a morte do Rei Sol
 Agora é noite
 É noite enfim
 Nas mãos do povo
 A lua cheia é tamborim

Planeta Marte
 Eu sou guerreiro
 E o pandeiro
 Vou repicando a minha dor
 E as estrelas
 Do universo
 São mulatas do meu verso
 De sambista sonhador

Ô ô ô ô laiá laiá, laiá

Neste período, o Carnaval de Juiz de Fora ficou conhecido por toda região, e até mesmo fora do Estado, recebendo um título muito importante para a história dos festejos de Momo na cidade: o 3º melhor Carnaval do Brasil.

4.4 A ÉPOCA DE OURO DO CARNAVAL JUIZFORANO

A Década de 70 marcou época não só em questão dos belos sambas produzidos, mas pelo desenvolvimento e o apoio da administração local para a realização da festa. Com o cenário de fundo da apresentação das Escolas de Samba definido, a Avenida Rio Branco, e depois do grande sucesso e desenvoltura apresentada, a cidade ganha novos aparatos para incrementar a festa.

Surgem novos blocos, que ficaram marcados na história da cidade, e fazem parte da folia até os dias atuais. Depois da revolução de 64, um grande movimento cultural contrário ao golpe militar foi instaurado no município. Sua maioria formada por artistas, poetas, escritores e compositores. Um grupo pertencente ao intitulado NUME - Núcleo Mineiro de Escritores se reunia na Galeria Juiz de Fora, em um bar chamado "Bar dos Bregas". No início dos anos 70, Armando Fernandes Aguiar, mais conhecido na cidade como Mamão, freqüentava o ambiente, e junto com César Itaborai compuseram uma música que foi

intitulada de "Beco do Baltazar". Graças a isso, ficaram conhecidos no bar como "Turma do Beco".

Em 1972, após bebidas e conversas, Mamão e seus amigos resolveram montar um bloco e desfilar pelas ruas da cidade, visitando todos os bares que passavam. Foi então fundado o "Bloco do Beco". Nancy de Carvalho (apêndice 1 - A, p. 115) estava presente na data.

Um dia, a turma toda reuniu e resolvemos ir numa festa no Tupynambás. E fomos descendo a Espírito Santo pra chegar lá. Até hoje não chegamos, porque todo o bar que tinha ali a gente parava pra fazer um sambinha. E tinha um bar em frente a Ozório de Almeida, e nós ficamos lá, cantando e tudo. Quando nós saímos de lá do bar, resolvemos que iríamos fundar um bloco. Eu já iniciei no Bloco como porta-bandeira. A minha irmã que fez a primeira bandeira do Bloco.

O Bloco do Beco cresceu e sua importância e reconhecimento na cidade foram tão grandes que, em janeiro de 2006, o bloco é tombado como patrimônio cultural da cidade. (<http://isal.camarajf.mg.gov.br/jornal/noticias/noframe.php?110120062>, acesso em: 02 jan 2014). Com sambas de temas polêmicos, o Bloco do Beco sai toda sexta-feira antes do Carnaval, abrindo os festejos de Momo na cidade.

Outro bloco que surgiu na década de 70 é o Bloco Daki, criado pela turma do São Roque, que tinha o intuito de movimentar a cidade no sábado de Carnaval, pois os festejos eram domingo, segunda e terça. José Carlos Passos, o Zé Kodak (apêndice 1 - G, p. 135) que está no grupo desde a fundação, conta sobre seu início.

Eu trabalhava na época na Galeria Pio X, em 1972, e tinha uma loja lá chamada Ipiranga. A turma que trabalhava lá, que era a turma de estudantes do São Roque, tinham vontade de sair com um bloco no sábado de manhã. [...] Então eles fizeram uma reunião no antigo restaurante Rio Lima, onde hoje funciona o Brasão, mas eu não participei porque estava trabalhando, mas conhecia a turma toda. O bloco saiu, e se chamava "Bloco Daki". [...] Ele foi crescendo e não tinha mais como passar na Halfeld, e mudou o nome também pra Banda Daki, e começamos a passar na Rio Branco e seguir nela, até a Catedral. Saíamos as 10 horas, 11 horas, até chegar no horário que ela sai hoje, entre 12h30, 13 horas.

Desde a fundação, são 42 anos abrindo o Carnaval na cidade com o ritual em que o Prefeito eleito naquele período, passa a chave da cidade para o Rei Momo e a Rainha do

Carnaval, dando a responsabilidade a eles e entregando a cidade aos festejos da época. Após o ato, a Banda se desloca até Rio Branco, próxima a Avenida Itamar Franco (antiga Avenida Independência) onde encerra seu desfile. Atualmente, a Banda Daki, tombada como Patrimônio Cultural da cidade em 2003, movimenta mais de 10 mil foliões e a cada ano trás uma novidade. Seu local de concentração permanece o mesmo desde a década de 70: na Avenida dos Andradas, em frente ao Instituto Vianna Júnior.

No início da década, um grupo de foliões que participava do bloco caricato Domésticas de Luxo decidiu formar um bloco onde a participação de mulheres era permitida, já que as Domésticas eram só homens. O sucesso foi grande e o grupo recebeu um convite da Prefeitura para ingressar no desfile. O bloco recebeu o nome de Mocidade Independente de São Mateus, se tornando anos depois, mais uma Escola de Samba da cidade. Ao perder sua quadra, a agremiação ficou 22 anos sem desfilar, retornando as atividades em 2003 e permanecendo até os tempo atuais (CARVALHO, ROSA, 2006, p. 99).

Neste período, a Prefeitura resolve lançar algumas novidades no Carnaval. Entre elas, as arquibancadas cobertas, em 1977, proporcionando conforto e proteção ao público. A estrutura tinha capacidade para cinco mil pessoas, conforme o Diário Mercantil (1977, p. 5). Foram investidos 132 mil cruzeiros, além do pagamento das despesas dos cinco técnicos responsáveis pela instalação delas, o que fez com que esse período fosse considerado como o de maior interesse e apoio do poder público.

A iluminação também foi reforçada pelo trecho do desfile. Com decoração para a avenida, foram gastos 200 mil cruzeiros. Um esquema especial de transporte e segurança foi realizado, onde "[...] 750 homens da Polícia Civil foram destacados para todos os pontos da cidade, enquanto que, nos locais de maior concentração foram instalados postos de atendimento policial e médico" (DIÁRIO MERCANTIL, 1977, p. 1). A verba para as Escolas de Samba também foi alta. Cada agremiação recebeu 40 mil cruzeiros e os blocos, 20 mil.

Além desse valor, cada Escola recebeu a ajuda de 4 mil cruzeiros para a contratação de equipamento de som para o desfile (DIÁRIO MERCANTIL, 1977, p. 4). Esse período contou com um grande trabalho de divulgação da festa.

Ontem (dia 10 - **grifo meu**), a Coordenação de Carnaval iniciou a divulgação dos festejos em todo o interior do Estado. Três mil cartazes foram enviados a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo para distribuição direta as Prefeituras Municipais. Na Zona da Mata, a distribuição será iniciada também ainda neste final de semana. (DIÁRIO MERCANTIL, 1977, p. 6)

Além desse material, outros 10 mil exemplares da Revista Oficial do Carnaval - um avanço na época realizado pelo DAT que continha a história das agremiações e do Carnaval de Juiz de Fora, além das letras dos sambas que seriam apresentados naquele ano - foram distribuídas as prefeituras da região, para maior divulgação e conhecimento da festa. A ação gerou bons resultados para a turismo local.

Uma análise comparativa do movimento registrado no ano passado (1966 - **grifo meu**) pelo Terminal Rodoviário demonstra que cerca de 20 mil pessoas deverão chegar a Juiz de Fora nos próximos dias para o Carnaval, contra um embarque de apenas de 5 mil. A diferença pode ser também constatada nos próprios guichês da empresa que já não dispõe de passagens para a quarta-feira de cinzas. (DIÁRIO MERCANTIL, 1977, p. 4)

A procura pelos ingressos foi grande, apesar do aumento do preço. Outro valor que subiu foram as mesas para os bailes nos clubes da cidade: 43%, em relação ao ano anterior (DIÁRIO MERCANTIL, 1977, p. 6).

E 1977, com a vitória do Unidos dos Passos e uma boa organização do evento, o prefeito Mello Reis se mostrou satisfeito, de acordo com declaração do Diário Mercantil (1977, p. 12).

Decididamente entusiasmado com o sucesso do carnaval, o prefeito Mello Reis nos dizia: "No próximo ano vamos começar a divulgar bem antes, com cinco meses, o carnaval de Juiz de Fora. [...] Pensaremos num carnaval maior ainda, utilizando o máximo da avenida Rio Branco, com os desfiles pelo centro da pista e as arquibancadas instaladas nas laterais, bem rente ao passeio."

Em 1978 a promessa foi cumprida e novamente a administração municipal investiu altos valores para a construção do Carnaval local, além de mostrar ao público como se faz um evento bem organizado. Com o tema "Carnaval Tropical", a decoração teve um investimento de 700 mil cruzeiros (DIÁRIO MERCANTIL, 1978, p. 1). Além desse valor, houve um aumento na verba para as Escolas também. E o diferencial estava no fato de que com a criação de novas Escolas de Samba e convites aos blocos para participar do evento, as agremiações foram divididas em três grupos para participar do desfile: Primeiro, Segundo e Terceiro Grupo.

Sendo assim, as Escolas do Primeiro Grupo receberam uma verba de 65 mil, as do Segundo Grupo 35 mil e as do Terceiro Grupo, 13 mil, além de uma ajuda de 10 mil, para as do Primeiro Grupo e 5 mil para as do Segundo, que deveria ser investido na contratação de equipamento de som para o desfile. Com esse aumento, os dirigentes ficaram "animados para o desfile, mesmo se chover durante os três dias" (DIÁRIO MERCANTIL, 1978, p. 5). Neste ano, surge um desejo que é concretizado no ano seguinte: o de gravar um LP com os sambas apresentados na avenida pelas agremiações locais.

[...] Estão pretendendo no próximo ano, gravar um LP com todos os sambas carnavalescos do ano - "mas para isso seria preciso que as agremiações já tivessem seus sambas escolhidos com mais antecedência", afirma Waltinho (compositor de Juiz de Fora - **grifo meu**). Para Zezé (do Pandeiro, compositor e interprete local - **grifo meu**), esse LP tem sido um sonho que começou há alguns anos atrás e até hoje não concretizou-se - "é uma forma de todas as escolas gravarem sambas-enredos com qualidade de som igual e mesmas vantagens para não dizerem hoje que só as músicas gravadas são as melhores".

Em setembro de 1978, acontece um fato que vai mudar a cara do Carnaval da cidade, e da arte como um todo em Juiz de Fora. É criado pelo então prefeito Mello Reis a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, a Funalfa, responsável pela política cultural do município, conforme depoimento do ex-superintendente do órgão, Ismair Zaghetto (apêndice 1 - E, p. 127).

[...] Chega um certo momento que o Carnaval cruza com Mello Reis, ao mesmo tempo que surge a Funalfa, que foi até ele que me convidou para criá-la. Naquele tempo eu era sociólogo da Prefeitura. E nós conseguimos montar uma equipe fantástica. Alguns deles infelizmente já partiram. A Avenida Rio Branco ficava toda decorada. O desfile ia da Independência até o Largo do Riachuelo. Olha a dimensão! Toda essa área era decorada. E por coincidência o grande decorador dessa época foi o Pimpinela, que foi Rei Momo por muitos anos em Juiz de Fora (apêndice 2 - E, p. 146).

E esse encontro do Carnaval com o Mello Reis foi um casamento perfeito. Ele gostava muito da folia. Ele sempre gostou muito de arte como um todo, tanto que criou a Funalfa. Ele não permitia que a Avenida Rio Branco tivesse desfile se ela não fosse muito bem decorada.

Neste mesmo ano, no Bairro Linhares, um grupo de amigos compra os instrumentos de um bloco carnavalesco da cidade, e funda o bloco Cacique de Lins. O nome carrega uma curiosidade: Lins é devido ao bairro de origem e Cacique surgiu a partir de uma lenda, onde na fazenda de Yung, localizada acima da represa existente no bairro, vivia uma tribo indígena. Em 1981 o bloco passa a ser Escola de Samba e é acrescentado a lista de agremiações da cidade a desfilar na Avenida Rio Branco.

Em 1979, o Carnaval já estava bem consolidado, e com a criação da Funalfa, muitas ações são criadas, assim como outras que saem do papel. Com uma equipe estruturada, Ismair (apêndice 1 - E) realizou uma grande divulgação da folia, maior do que as dos anos anteriores.

[...] Tínhamos uma fluência imensa. E ela se devia principalmente, a intensa divulgação que nós fazíamos da festa. Porque tem que ser divulgado lá fora. Na época descobrimos isso, o que não é tão difícil de descobrir, mas enfim, fazíamos cartazes pro Carnaval, concurso para tema dos cartazes. O concurso em si já chamava atenção. E depois imprimíamos milhares e milhares, e despachávamos para Guarani, Rio Novo, São João Nepomuceno, Guarará, Bicas, Barbacena, Leopoldina, enfim, na região, e os hotéis ficavam lotados. Ganhavam uma lotação excepcional. Eram disputadas as sacadas do Ritz, por exemplo, que dá pra Rio Branco. Tinham outros hotéis também que as pessoas disputavam as sacadas. Os em frente a Rio Branco esgotavam rapidamente.

Chamado de "Adeus Avenida", o Carnaval de 79 ganhou esse nome devido as obras de revitalização que iriam acontecer na Avenida Rio Branco na época. Então, aquele seria o último carnaval no local antes das obras.

"O 'Adeus Avenida' não é simplesmente um tema de decoração carnavalesca. Ele encerra muito mais. Não é tampouco, um título meramente ocasional, rotulando uma via que não mais abrigará o desfile oficial das Escolas de Samba. Também não é apenas afeição por essa larga passagem que testemunha, como ninguém, as transformações que passaram a ser o projeto de vida da gente juiz-forana [...] Mas, em seu mais profundo cerne, está o símbolo de uma cidade que muda sua fisionomia urbana, identificando-a com os novos tempos que passamos a viver. Um tempo talvez apressado, mas disposto a oferecer melhores oportunidades. Todo um imenso processo de transformações culturais que prende nessa motivação que, se marca o fim dos desfiles na Avenida, registra a abertura de um novo estágio urbanístico do qual a nova Rio Branco será ponto capital, por sua estratégica função estrutural no contexto viário da cidade. (REVISTA OFICIAL DO CARNAVAL DE JF, 1979, p.1)

Neste ano, o primeiro LP de Samba Enredo de Juiz de Fora é gravado e grandes nomes da cidade, como o intérprete Zezé do Pandeiro, participa dessa gravação. (apêndice 2 - R, p. 156). No total, oito agremiações do Primeiro e do Segundo Grupo participaram. A coordenação ficou por conta da Fá-Sol Fonografia Indústria e Comércio Ltda, e o produtor Assis Gomes foi responsável pela coordenação geral do disco.

No LP - também encontrado na fita cassete por Cr\$ 200, podem ser apreciados os sambas da Turunas do Riachuelo, Mocidade Independente de São Mateus, Partido Alto, Real Grandeza, Manoel Honório e Domésticas de Luxo. Segundo Assis Gomes, as outras escolas não gravaram seus sambas por não terem apresentado suas músicas a tempo, já que o disco gravado em 16 canais nos Estúdios Hawai, no Rio, foi feito em apenas 3 dias.

Nos dias 21, 22 e 23 de janeiro, uma equipe Juizforana seguiu para o Rio, com o objetivo de gravar o disco, gravação esta avaliada em 200 mil cruzeiros. Cada escola de samba, anteriormente, havia dado a coordenação do LP, uma quantia, que variava de cinco a sete mil , sendo que as agremiações receberiam em troca discos para vender em suas quadras. Assim, oito escolas de samba se reuniram e mandaram a equipe para o Rio.[...] Quando os LPs ficaram prontos essa semana, mais de dois mil discos haviam sido encomendados com antecedência, sendo que a venda está fixada em Cr\$ 180. Em uma semana, cinco mil discos foram vendidos. (DIÁRIO MERCANTIL, 1979, p. 4)

Com o sucesso das ações realizadas pela Funalfa, com a forte divulgação e a gravação do LP, o Carnaval de Juiz de Fora é eleito em 1979 pela Riotur, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, como o 3º Melhor Carnaval do País. O resultado disso foram quadras lotadas nos ensaios antes dos festejos de Momo e ingressos esgotados para os desfiles e bailes.

[...] Não há dúvida que o nosso carnaval está entre aqueles que já consideramos como os melhores do país. Uns dias depois, tivemos a satisfação de ver, pela televisão que a Prefeitura está realmente, divulgando o carnaval de JF. É claro que vamos ter muita gente de outras cidades, com isso, ganhamos o único ponto que temos em termos políticos. (DIÁRIO EMERCANTIL, 1979, p. 11)

E com isso, os resultados se refletiam cada vez mais no turismo local, onde pessoas da região e outros estados lotaram a cidade para os dias de folia.

Um fato curioso está sendo observado pelos encarregados do tráfego das empresas de ônibus de várias linhas: os pedidos de carros extras já estão calculados em 145 horários em apenas 3 dias, mas para apenas dar entrada na cidade, não para sair. [...] Até o momento, os mais solicitados: Barbacena, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Com isto, eles estão prevendo a chegada de um número bastante acentuado de turistas a cidade para o carnaval. Somente para o Rio foram pedidos 90 horários extras. [...] Anteriormente, até o ano passado, a população de Juiz de Fora é que viajava para assistir ao carnaval no Rio. De Belo Horizonte para cá [...] 22 ônibus extras foram pedidos. (DIÁRIO MERCANTIL, 1979, p. 11)

Com o título ganho, o Carnaval de Juiz de Fora larga ares de amorismo e uma grande festa é realizada. De acordo com Ismair (apêndice 1 - E, p. 127) até artistas do Rio de Janeiro vinham prestigiar o evento, como Edson Celulari.

Nós os convidávamos pra assistir o desfile, como o Edson Celulari, que fiquei sentado muito perto dele. [...] Era um investimento que a cidade tinha que fazer, mas na época não era tão caro assim não. Eles nem cobravam cachê. O que fazíamos era hospedá-los num bom hotel e ir buscar e levar para a avenida. Soltávamos do carro no início dela, mesmo podendo entrar lá com o carro e estacionar perto do camarote, mas desembarcávamos lá e vínhamos andando com eles até o lugar que ficariam. E o povo ia a loucura. Não tinha como não vir pro Carnaval de Juiz de Fora. Porque tinha que fazer esse tipo de coisa pra atrair o público mesmo, principalmente o de fora.

E para continuar atraindo turistas e organizar de uma melhor forma o desfile, novos regulamentos são criados e passam a ser aplicados as agremiações participantes do Carnaval, normas estas que são utilizadas até os dias atuais.

Um dos principais dispositivos do regulamento do carnaval de Juiz de Fora determinado pela coordenação geral deste ano é o de que a escola de samba classificada em primeiro lugar no segundo grupo, será, automaticamente, promovida ao primeiro grupo, ao mesmo tempo em que a última colocada do 1º grupo descerá para o segundo grupo. Este esquema já havia sido colocado em discussão em 78, mas sua aplicação será definitiva a partir deste ano. Conforme divulgado pela Prefeitura, o acesso das escolas de samba seguirá os dispositivos do regulamento oficial do carnaval. Por exemplo, as duas últimas colocadas no 3º grupo deixam o desfile oficial, entretanto em seus lugares, duas novas agremiações interessadas. (DIÁRIO MERCANTIL, 1979, p. 5)

A cidade passava por um período de maior ápice dessa manifestação popular mundialmente conhecida. Estava entre o segundo lugar, disputando com cidades como Rio de Janeiro, que já realizava desfiles das grandes Escolas de Samba como Portela, Beija-Flor de Nilópolis, Estação Primeira de Mangueira, entre outras. Mas esse período não foi constante na cidade, infelizmente, perdendo rapidamente seu brilho e sua fama.

5 A QUEDA DA FESTA JUIZFORANA

Até o final da década de 70, o Carnaval de Juiz de Fora parecia que perduraria por anos. Querida pelos turistas, a festa de Momo da Manchester Mineira, agora a 3ª melhor do Brasil, estava com seus dias de glória contados. Com o baixo investimento para as Escolas de Samba e a ida da população para as áreas litorâneas durante o feriado, possibilitou que a popularidade da festa na cidade de destaque em Minas Gerais diminuísse.

5.1 DÉCADA DE 80 E O INÍCIO DOS PROBLEMAS

E a situação começou a ganhar outros rumos quando, no início da década de 80, o superintendente da Funalfa na época, Ismair Zaghetto, informou que iria retirar algumas "regalias" da festa. Segundo o Diário Mercantil, para evitar que fosse um Carnaval de "mordomias", como disse Ismair, "a COPROEX - empresa responsável pela montagem das arquibancadas - colocará apenas 20 lugares, de tribuna de honra, para as maiores autoridades do município" (1980, p. 4).

Outra modificação foi feita na verba destinada as Escolas de Samba. Os bloco receberam a quantia de Cr\$10 mil cada um. Já os ranchos, Cr\$ 60 mil. As agremiações de Segundo Grupo ficaram com Cr\$ 80 mil e as de Primeiro, com Cr\$ 120 mil. Para realizar um bom desfile, de acordo com o número de participantes que cada agremiação apresentava - na faixa de 2 mil pessoas na época - a Escola gastaria em média Cr\$ 900 mil cruzeiros (DIÁRIO MERCANTIL, 09/02/1980, p.11). Isso resultou numa avaliação negativa do público perante o desfile, onde "a divulgação da festa foi intensificada, mas o nível do espetáculo se manteve aquém das expectativas do público e principalmente dos turistas que procuravam na cidade uma variante do carnaval do Rio, com menor tumulto e maior possibilidade de participação" (DIÁRIO MERCANTIL, 21/02/1980, p.6).

Os desfiles deste ano ainda foram realizados na Avenida Rio Branco, onde, após um levantamento e várias reuniões com o atual prefeito, Mello Reis, as obras de revitalização previstas na via ainda não tinham começado e não começariam no período de Carnaval. Mas a cidade estava crescendo, e antes os problemas que não existiam ou não eram sentidos, passam a fazer parte do dia-a-dia.

Infelizmente, todos estão vendo que o carnaval precisa mesmo sair da Avenida Rio Branco, pois mal foram colocados os primeiros lances de arquibancadas, o trânsito tornou-se um tormento, devendo piorar muito quando forem colocadas todas as arquibancadas, sem se falar no que será os quatro dias de desfile. [...] A Avenida é o pulmão de Juiz de Fora e não sendo possível utilizá-la para o trânsito, todos estão vendo o que ocasiona, precisando da transferência do Carnaval da nossa maior avenida ser olhada objetivamente, estudando e preparando-se o local de futuros desfiles. (DIÁRIO MERCANTIL, 1980, p. 11)

No intuito de esquentar o evento, as Escolas de Samba da cidade convidam famosos para desfilar. A Turunas do Riachuelo convidou o cantor Vinícius de Moraes e a Real Grandeza, com um enredo homenageando Ziraldo, conta com a presença do cartunista para a escolha do samba enredo e para o desfile (DIÁRIO MERCANTIL, 1980, p.5). Fato que, para o intérprete Zezé do Pandeiro (apêndice 1 - I, p. 140), poderia voltar a acontecer.

Tinha época que eles (a Funalfa - **grifo meu**) traziam famosos para as Escolas. Isso é uma atração. E isso enche qualquer lugar. A Funalfa tem uma verba destinada para o Carnaval. Porque não pegar uma parte dela e pagar um cachê pra alguns famosos desfilarem nas Escolas, por exemplo? Acho que seria uma ideia.

Para movimentar o público antes do feriado e arrecadar dinheiro para o desfile, Escolas como a Juventude Imperial recebem visitas das baterias das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, como Mocidade Independente de Padre Miguel, Beija-Flor e Portela, o que movimentou cerca de 3.500 pessoas na agremiação (DIÁRIO MERCANTIL, 09/02/1980, p.5). Já para as crianças, a COPROEX realizou a distribuição de balas e doces na passarela do samba. A promoção da empresa foi tão grande, que alguns dias depois, ela teve que realizar a ação novamente, mas dessa vez, com a participação de um circo, que se apresentou onde

estavam instalados dois módulos das arquibancadas, em frente a Prefeitura, no Parque Halfeld (DIÁRIO MERCANTIL, 1980, p. 5).

No ano seguinte, o desfile muda de local, devido as obras de revitalização da Avenida Rio Branco, com seu início prometido para 1979. E é esse momento, de acordo com alguns foliões, considerado o início da queda do Carnaval local.

Pra mim, começou com a saída da Rio Branco e o fato de não ter buscado um local definitivo. Essa mudança de local constantemente esfriou o Carnaval. Local é fundamental. Sem campo, por exemplo, não tem futebol. E tem que ser um local adequado. Tudo começa dali. (ZAGHETTO, apêndice 1 - E, p. 127)

Para amenizar o trabalho focado nas mãos da Funalfa no período de folia de 1981, o então prefeito Mello Reis cria o DEPROM - Departamento de Promoções. Ismair Zaghetto (apêndice 1 - E, p. 127) relata como era seu funcionamento.

A criação dele se deu porque como a Funalfa tinha muitas coisas pra resolver, e o carnaval tomava tempo, o Mello Reis criou o DEPROM pra tomar conta do evento, mas só naquele momento, e juntava várias secretarias, que iam de acordo com as funções, por exemplo, a Secretaria de Obras pra montagem das arquibancadas, e por aí vai. Mas funcionava só para o Carnaval.

O desfile então é transferido para a Avenida Francisco Bernardino, o que aumenta o trabalho de montagem de uma estrutura, já que algumas medidas precisaram ser tomadas, como instalação de uma melhor iluminação no local. Isso provocou um desestímulo, principalmente nos componentes [...] "e dos próprios destaques das Escolas, que não estão querendo investir em um desfile que não seja na Rio Branco (DIÁRIO MERCANTIL, 04/01/1981, p. 3).

Falar na avenida Francisco Bernardino é o mesmo que prever futuros transtornos, segundo afirmam os próprios dirigentes das Escolas, como a péssima acústica do local, [...] na Bernardino as Escolas estarão dando o melhor que podem quando já estiverem terminado seu desfile. E ainda ao deslocamento de alegorias que terá problemas para a nova avenida. Além disso, um número muito grande de elementos (não poderá ultrapassar 700) irá prejudicar ainda mais, facilitando o atravessamento do samba. (DIÁRIO MERCANTIL, 04/01/1981, p. 3)

Após a tomada dessa decisão e a insatisfação dos componentes das agremiações, os dirigentes das Escolas de Samba da cidade se reúnem e chegam ao consenso que o desfile deve ser na Rio Branco. Após essa reunião, eles pedem um encontro com o prefeito, no intuito de solucionar o caso, porém, de nada adiantou. O Carnaval seria mesmo na Avenida Francisco Bernardino. Com a queda do valor da verba dado as agremiações, algumas não conseguiam montar um bom desfile, como foi o caso da Turunas de Riachuelo, que apresentou uma solicitação ao DEPRON, informando que gostaria de sair no Carnaval de 81 "*hors-concours*" (não concorrendo, em francês - **grifo meu**), mas o pedido foi negado. Não querendo realizar um desfile inferior aos de anos anteriores, de acordo com o presidente da agremiação na época, a diretoria se reuniu e foi decidido que ela não participaria do Carnaval (DIÁRIO MERCANTIL, 01/02/1981, p.5).

Como se não bastasse, os compositores da cidade reivindicaram o chamado "Direito de Arena", onde eles tem direito a uma parte de valor gerado da venda dos ingressos das arquibancadas, que deveria ser dividido para os autores dos 11 sambas-enredos das agremiações daquele ano: cinco do 1º Grupo e seis do 2º. Mas, a Prefeitura informou que é isenta desse valor, por isso não aconteceu o pagamento. Os compositores entraram na Justiça, mas não obtiveram resultado positivo. Devido a essa gama de situações, os problemas refletiram em outros setores como o turismo, que apresentou queda, o que gerou a baixa reserva nos hotéis locais. "Nem os da Avenida Francisco Bernardino possuíam grande número de reservas, sobrando até os quartos de frente para a via" (DIÁRIO MERCANTIL, 01/02/1981, p. 6).

Em 1982, com o insucesso do evento anterior e último ano do governo de Mello Reis, a Prefeitura e a Funalfa modificam novamente o local do desfile, que passa para a Avenida Getúlio Vargas, no centro de Juiz de Fora, o que gerou novamente insatisfação e reclamação, principalmente dos comerciantes do local, devido a rede de esgoto na via. A revolta aumenta

quando num dia de chuva, a água que escorreu das arquibancadas, inundou algumas lojas na região (TRIBUNA DE MINAS, 06/02/1982).

A montagem das arquibancadas para o desfile das escolas de samba no carnaval não vão afetar a rede de esgoto da avenida Getúlio Vargas porque toda a estrutura metálica será apoiada apenas sobre o asfalto e não será necessário furar sequer um buraco, segundo informou a firma Rohr, que ganhou a concorrência aberta pela Prefeitura.

[...] Outra reclamação muito comum, que foi alvo inclusive de pedido de uma liminar de suspensão das obras de colocação das arquibancadas, é dos comerciantes ali alojados. "A avenida Getúlio Vargas sempre foi um local de muita movimentação. As pessoas, principalmente os moradores do subúrbio, sempre fizeram ponto aqui, trazendo muito mais movimento de dinheiro que na Rio Branco. Agora não. Com essas obras, não há mais ponto de ônibus, diminuindo assim o fluxo de compra e venda, prejudicando bastante a nós, comerciantes", reclamou Sebastião Cardoso de Souza, comerciante no local. (TRIBUNA DE MINAS, 17/01/1982, p. 6)

A Tribuna de Minas de 20/02/1982, publicou um texto no editorial, mostrando sua opinião perante a situação, informando que o problema não é da administração e nem da escolha do local, e sim deixando claro que o Carnaval da cidade já está acabando.

Nostalgicamente, as pessoas reclamam contra as mudanças exibidas pelo carnaval hoje. E, como não poderia deixar de ser, investem contra os administradores, aos quais debitam todas as culpas por uma festa que tem padrões diferentes. Esse comportamento não é uma exclusividade juizforana, mas um sentimento generalizado, de proporções idênticas as dimensões da promoção.

Mudar o carnaval para a avenida Francisco Bernardino ou a Getúlio Vargas é tão somente uma alteração física, sem maior significação filosófica. [...] Determinar a rua em que será realizado constitui uma instrumentação puramente legal e não afeta as emoções que faziam a promoção, anteriormente. [...] As alterações físicas são apenas aparentes, camuflando um espírito que já mudou há muito tempo.

Há uma semana do evento, os dirigentes das Escolas de Samba se reuniram na Prefeitura durante duas horas para a discussão da liberação da verba que ainda não tinha sido passada a eles. Elas alegaram que se não saísse no prazo de cinco dias, não aconteceria o desfile, já que estavam passando por problemas financeiros. A resposta do Secretário de Governo da época, Fernando Rainho, era de que a Câmara Municipal não tinha aprovado a lei que autorizava esse pagamento. O mesmo foi entregue as agremiações um tempo depois do debate (TRUBINA DE MINAS, 12/02/1982, p. 3).

Outro problema que quase prejudicou o Carnaval da cidade, foi a falta de jurados para o desfile. Devido a recusa do empresário Rubens Vasconcelos e do coronel Félix a indicarem alguém para a função, fez com que o comitê responsável pela organização da folia também se recusasse a arrumar outro corpo de jurados, informando as Escolas que, caso os profissionais não fossem encontrados, não haveria disputa. Os dirigentes se reuniram com o comitê e ficou estabelecido que o coronel Félix, Rubens Vasconcelos e Maurílio Corrêa seriam os responsáveis em escolher o corpo de jurados para o desfile daquele ano (TRIBUNA DE MINAS, 16/02/1982, p. 3).

Para arrematar a situação, os comerciantes assinam um mandato de segurança impetrado, pedindo uma liminar para que a Prefeitura parasse a montagem das arquibancadas na Getúlio Vargas. A Prefeitura apresentou sua justificativa e as obras continuaram (TRIBUNA DE MINAS, 13/02/1982, p. 4). Essa gama de fatos possibilitou que os foliões usassem na abertura do Carnaval, no desfile da Banda Daki, fantasias e placas com dizeres que satirizassem a administração pública e a atual situação que a cidade passava (TRIBUNA DA MINAS, 21/02/1982, p. 5).

Em 1984, com uma nova administração, a esperança volta a cidade, mas não para o Carnaval. Com o aumento e interesse do público pela folia de rua, o novo prefeito, Tarcísio Delgado, resolve mudar a programação dos festejos de Momo e estabelece que os desfiles sejam, naquele ano, no domingo e na terça, onde ambos os Grupos desfilaram no mesmo dia, e na segunda e no sábado, a animação ficava por conta dos trios elétricos. Apesar dos desfiles retornarem a Avenida Brasil, o valor investido em verba e na montagem do Carnaval foi pequeno, o que gerou enorme insatisfação nos presidentes das agremiações (TRIBUNA DE MINAS, 10/02/1984, p. 1).

Neste ano, a crise financeira não atacou somente as Escolas, o que é de praxe. Outro setor que teve queda de público foram os bailes nos clubes da cidade, que "nem tão cheios

como o esperado, [...] perderam para a avenida e para o carnaval de rua, que não chegaram a oferecer grandes atrações para o público" (TRIBUNA DE MINAS, 07/03/1982, p. 1). A chegada de turistas é menor e a população passa a preferir viagens para o litoral do que a permanência na cidade.

Apesar da Funalfa insistir que o Carnaval ainda é um atrativo para os hotéis de Juiz de Fora, este será um dos piores anos. Poucas reservas foram feitas e já se fala em queda de até 80% em relação a anos anteriores. Hoje o superintendente da Funalfa, Reginaldo Arcuri, depõe na Câmara sobre a crise criada pela desistência das grandes agremiações de desfilar. Os proprietários dos hotéis afirmam que está havendo um grande desestímulo geral com relação ao turismo da cidade. (TRIBUNA DE MINAS, 15/01/1984, p.1)

Em 1986, ainda com a crise financeira perdurando na Prefeitura, quatro das cinco principais Escolas de Juiz de Fora (Feliz Lembrança, Turunas do Riachuelo, Juventude Imperial, Manoel Honório e Partido Alto) não desfilam. Os motivos são vários, indo desde a irrisória verba de 38 milhões de cruzeiros até problemas administrativos internos nas agremiações. Mas, de acordo com a Tribuna de Minas (02/02/1986), "apesar de todos os problemas, no perde e ganha, as opiniões dos dirigentes das Escolas de Samba tendem a considerar que o Carnaval de 86, de Juiz de Fora vai ser bom. Meio sem graça, é verdade, [...] mas que pode até ter algumas surpresas" (p.1).

Começam a aparecer com maior intensidade, anúncios de aluguel de casas na praia, como Cabo Frio, Porto Seguro e Guarapari. No caderno da Tribuna de Minas, chamado "Boa Viagem", dicas de roteiros para se passar o Carnaval também aparecem com intensidade no periódico. Todavia, apesar do desanimo, a Funalfa vende cerca de 70% dos ingressos para as arquibancadas e camarotes (TRIBUNA DE MINAS, 1986, p. 1). Mas a avaliação dos foliões sobre a folia daquele ano não foi boa.

Quem ficou na avenida Rio Branco para assistir ao desfile das Escolas de Primeiro Grupo, não se surpreendeu. O Carnaval este ano em Juiz de Fora foi como esperado: menos criativo, mais pobre, menos empolgante, demonstrando que, de fato, muito se perdeu em relação aos anos anteriores. Faltou a beleza e a garra das tradicionais agremiações responsáveis, nos últimos anos, pela evolução do Carnaval local, que chegou a ser considerado um dos melhores do país. O desfile mostrou que o Carnaval passa por um momento de transição e que precisa ser repensado. Diante de tantas limitações, Real Grandeza, Unidos do Grizzu e Unidos do Ladeira tiveram uma pesada missão: cobrir o vácuo deixado pelas Escolas tradicionais, responsáveis pelo aprimoramento do próprio espetáculo, a briga pelo título, para grandeza do próprio Carnaval. (TRIBUNA DE MINAS, 12/02/1986, p. 1)

Mesmo com a onda de desânimo, em 1987, é fundada por Sérgio Antônio Januário, a Escola de Samba Rosas de Ouro. Já no ano seguinte, em 1988, a agremiação conseguiu o acesso ao 2º Grupo. A Rosas de Ouro passa por problemas em 2001 e 2002 e não participa dos desfiles. Em 2003 retorna suas atividades.

Mas foi no dia 22 de dezembro de 1988, que é decretado por muitos participantes do Carnaval da cidade, como a data oficial da queda da folia. Nesta época, a administração estava nas mãos de Alberto Bejani, e uma de suas determinações foi que, em 1989, não haveria desfile das Escolas de Samba do 1º Grupo em Juiz de Fora. O motivo, de acordo com o jornal Tribuna de Minas, foi que o atual prefeito esperou até o final da tarde deste dia a respostas dos dirigentes das agremiações da cidade sobre duas propostas que foram passadas a eles, dizendo respeito a verba que seria dada para o Carnaval daquele ano.

Bejani explicou que a administração só poderia oferecer uma verba de Cz\$ 3 milhões para cada Escola 15 dias após o Carnaval, ou ainda Cz\$ 4 milhões, sendo Cz\$ 2 milhões liberados após o desfile e o restante até o dia 15 de março. O prefeito eleito deu um prazo até as 16 horas para uma resposta das Escolas, e como isso não aconteceu, decidiu que somente as Escolas do Segundo Grupo serão beneficiadas. Bejani anunciou também que o desfile será realizado na Avenida Rio Branco, entre a ponte do Manoel Honório e o Mergulhão. Cada Escola do Segundo Grupo vai receber verba no valor de Cz\$ 2 milhões. As Escolas que desfilam para avaliação vão receber Cz\$500 mil. A Prefeitura tem Cz\$67 milhões e 250 mil para serem aplicados no Carnaval. (TRIBUNA DE MINAS, 22/12/1989, p.1)

O fato da decadência do Carnaval, baseada na decisão de Alberto Bejani é confirmado por Zezé do Pandeiro (apêndice 1 - I, p. 140), que aponta o caso como notório. "Fato até, pra mim, ditatorial. Ele tirou o prazer do público. O motivo pra mim é indiferente, mas acho que

indiferente disso, poderia ter punido os responsáveis de outro jeito. [...] Se o Carnaval já vinha sofrendo um esfriamento, nessa época, foi a gota d'água pra situação".

Devido então a decisão, o desfile oficial em 89 não aconteceu na cidade. O local escolhido para que as Escolas do 2º Grupo passassem foi a Rio Branco, mas no trecho que compreende a ponte do Manoel Honório e o Mergulhão.

5.2 DÉCADA DE 90 E O ESFRIAMENTO DA FOLIA

Durante a administração de Bejani, entre 1989 até 1992, foi o período com maior descaso do poder público perante o Carnaval. Em 1990, para tentar amenizar a situação, a Funalfa monta um stand no Calçadão com uma urna, para a população votar em qual local deveria ser realizado o desfile. Vence a Avenida Rio Branco.

O desfile das escolas de samba volta para a avenida Rio Branco, entre a Catedral e a Rua Floriano Peixoto. Dos 7.378 juizforanos que votaram no plebiscito, 5.700 optaram pela volta a Rio Branco, 600 pela Rio Branco entre a ponte do Manoel Honório e o Mergulhão, 500 pela avenida Brasil (próximo ao Terreirão do Samba - **grifo meu**), 283 pela avenida Francisco Bernardino e 295 foram brancos ou nulos. A contagem dos votos deixou representantes das escolas e carnavalescos otimistas. (TRIBUNA DE MINAS, 05/01/1990, p. 1)

A Funalfa retorna também com o projeto de gravação do LP do Carnaval da cidade. Algumas mudanças foram realizadas no intuito de melhorar o Carnaval local, como os dias de desfile.

A grande novidade no carnaval organizado pela administração diz respeito aos desfiles das Escolas de Samba. Elas desfilarão somente uma vez, ao contrário de anos anteriores, onde todas as agremiações tinham duas oportunidades de estarem na passarela do samba durante os quatro dias de carnaval. Esta decisão foi tomada pela Comissão de Regulamento, composta pelos organizadores do evento e representantes de todas as Escolas de Samba inscritas. O desfile único de cada uma das agremiações vai possibilitar a diminuição da margem de atrasos verificados nos desfiles dos anos anteriores. (TRIBUNA DE MINAS, 05/01/1990, p.5)

Passando por problemas financeiros e sem componentes para levar a avenida, a Turunas do Riachuelo cessa suas atividades naquele ano, mas já se prepara para o Carnaval do

ano seguinte. Essa decisão de última hora fez com que a Escola fosse rebaixada para o 2º Grupo no próximo Carnaval. Duas agremiações do 2º Grupo, Águia de Ouro e Leões do Manoel Honório, também decidem não desfilar (TRIBUNA DE MINAS, 06/02/1990, p. 1). As demais Escolas estavam animadas, esperando um bom Carnaval, diferente de anos anteriores.

A volta das grandes Escolas, que integram o 1º grupo é a grande novidade do Carnaval de 90. Ausentes no ano passado por conta de um atrito com a Prefeitura por causa das subvenções, as grandes retornam prometendo mostrar um belo espetáculo. [...] E o público respondeu a altura o retorno a avenida das Escolas mais tradicionais do Carnaval de Juiz de Fora. Todos os ingressos para as 3 mil arquibancadas descobertas e para as 4 mil cobertas esgotaram-se logo no primeiro dia de vendas

O prefeito Alberto Bejani, que no ano passado prometera não subvencionar mais as Escolas de Samba, [...] mas acabou cedendo e cada uma das Escolas de 1º grupo recebeu NCz\$ 123.100,00. Para cada uma das Escolas do 2º grupo coube a cota de NCr\$82.100,00. (TRIBUNA DE MINAS, 25/02/1990, p. 1)

Surge então, pela primeira vez na história da folia na cidade, o projeto de uma possível construção de um sambódromo. Alberto Bejani toca nesse assunto em 1990, visto que todo ano estavam acontecendo mudanças nos locais do desfile, o que gerava desconforto para o público e reclamações dos foliões e principalmente dos dirigentes das Escolas de Samba.

Para o compositor Edynel (apêndice 1 - F, p. 131), a construção do sambódromo nos dias atuais seria uma solução, mas deve-se trabalhar a credibilidade perdida com o público antes de se pensar num projeto dessa proporção.

Esse local para a construção ninguém sabe aonde ele pode ser. Já teve época que foi discutida, mas ainda não foi resolvido. Juiz de Fora perdeu grades oportunidades a meu ver, porque isso depende de boa vontade política. [...] Não sei o pensamento deles do porque ainda não foi realizado um projeto ou a construção desse sambódromo, porque um carnaval que já foi considerado o 2º maior do Brasil e hoje está nessa penúria que estamos vendo, é triste! [...] Mas a gente torce. Sou um cara do Carnaval, torço e vivo do Carnaval, mas o otimismo está fraco. Mas acho que falta deixar a emoção de lado e olhar pra razão, mas torço pra que tudo dê certo.

Em 1990, José Maria de Oliveira, mais conhecido como Latão, juntamente com Paulo César de Castro Garcia e Luiz Roberto Tibúrcio, fundam a Mocidade Independente do

Progresso. A agremiação foi a primeira Escola de Samba da cidade a ter como presidente uma mulher.

Em 1991, novamente devido a problemas administrativos, não acontece o desfile das Escolas de Samba. Em 1992 o cenário se repete, porém, para não passar a data em branco, as Escolas de Samba que tem seu reduto na Zona Norte da cidade, decidem montar um desfile e mostrar para as demais Escolas, como se faz um Carnaval sem verba da Prefeitura.

Benfica vai mostrar hoje como colocar a Escola na rua, sem verba da Prefeitura, apoio oficial e patrocínio. Seis escolas - GRES Jóquei, Baronesas, Prazer das Morenas, Rivais da Primavera, Estação Primeira de Benfica e Cidade do Sol - vão desfilar no 1º Carnaval da Zona Norte, a partir das 19 horas. Quatro disputam o título de campeã, mas vencedoras são todas elas, que em tempo de crise montaram uma estrutura para reviver o Carnaval que a cidade viu morrer. As despesas saíram do esforço dos componentes das Escolas, que deixaram as reclamações de lado e partiram para fazer o que mais gostam: desfilar na "avenida", ainda que ela seja uma rua estreita de subúrbio, com fantasias modestas e alegorias de papel. (TRIBUNA DE MINAS, 02/02/1992, p.1)

O sucesso da empreitada foi tanto que Benfica quis sediar o próximo Carnaval da cidade. O pedido foi levado em consideração pela comissão organizadora da folia, que pensaram até em "transformar a Zona Norte na sede da 'segundona' (desfiles das Escolas de Samba do 2º Grupo - **grifo meu**), deixando as apresentações do Primeiro Grupo para o Carnaval do centro da cidade" (TRIBUNA DE MINAS, 05/03/1992, p.1). A ação reuniu cerca de três mil pessoas nas arquibancadas e ainda possibilitou lucros para o comércio local.

Em 1993 acontece o desfile, mas não oficial. A folia volta para a região central da cidade, na Avenida Rio Branco, mas o esfriamento por parte do público já estava numa grande dimensão. As agências de viagem anunciam seus pacotes com frequência nos periódicos. No Terminal Rodoviário Miguel Mansur, em Juiz de Fora, o movimento foi intenso, com cerca de 35 mil embarques e 14 mil desembarques (TRIBUNA DE MINAS, 20/02/1993, p. 9). Alguns hotéis da cidade decidem fechar as portas e curtir a folia de Momo, já que o movimento de turistas foi quase nulo neste ano.

O César Palace, por exemplo, vai fechar nos quatro dias de folia e dar folga a seus funcionários. Outros diminuirão o prejuízo com alguns poucos hóspedes que confirmaram reservas. Em coro, a maioria relembra tempos em que o Carnaval em Juiz de Fora atraía turistas do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Época e que a procura superava a quantidade de vagas. Enquanto isso, as agências de turismo da cidade, estão oferecendo pacotes para viagens, principalmente no litoral. A cidade mais procurada é Porto Seguro. São pacotes que custam de Cr\$ 3 milhões a Cr\$ 11 milhões. (TRIBUNA DE MINAS, 20/02/1993, p.9)

Para amenizar a situação, a Prefeitura resolve realizar bailes de Carnaval nos bairros Santa Luzia, Benfica, Bandeirantes e Ladeira. Apesar de não receberem premiação, as Escolas decidiram desfilar. Foram cinco agremiações da cidade e o encerramento ficou por conta dos 200 componentes da Escola de Samba carioca Mocidade Independente de Padre Miguel, que foi o destaque da noite (TRIBUNA DE MINAS, 11/02/1993, p. 1).

Em 1994, o desfile passa para a Rio Branco, no trecho entre a ponte do Manoel Honório e o Mergulhão. De acordo com Custódio Mattos, prefeito eleito na época, a região central se tornou um local muito movimentado, devido ao crescimento da cidade, se tornando impossível a realização do evento na via. Os festejos desse período ficaram marcados pelo tiroteio na praça do Bom Pastor, no baile pré-carnavalesco, com a Banda Repouso, do Rio de Janeiro. Dois jovens morreram (TRIBUNA DE MINAS, 1993, p.9).

A folia de 1996 foi de polêmicas. A Funalfa decide chamar jurados do Rio de Janeiro para definir o campeão do desfile da cidade. Os dirigentes foram contra a ideia, argumentando que fossem escolhidas pessoas do município, pois conhecem o contexto que o desfile está inserido e a história do Carnaval em Juiz de Fora, quesitos que devem ser levados em consideração na hora da votação. Devido a essa escolha, a apuração foi adiada, pois uma briga generalizada começou após a Escola Juventude Imperial receber a nota cinco devido a atraso.

Depois de muita discussão, troca de acusações e até ameaças, as quase mil pessoas na torcida foram convidadas a deixar o estacionamento do Espaço Mascarenhas, sem conhecer a campeã. Uma nota cinco na cronometragem dada à Juventude Imperial, até então favorita com nota 10 em todos os quesitos, foi o motivo do tumulto. Os dirigentes da Escola protestaram porque o atraso foi decorrente de problemas no carro de som. Os jurados da Riotur também foram alvo de muitas críticas. Nas justificativas das notas, segundo os dirigentes, "demonstram total despreparo com contradições e erros absurdos". (TRIBUNA DE MINAS, 1993, p. 1)

Após justificativa, os pontos foram entregues a agremiação. Outros problemas como troca de envelopes dos quesitos e justificativas consideradas pelos presidentes como "sem lógica", provocaram mais brigas na apuração.

No ano de 1997, a Funalfa inova e cria o Pandeiro de Ouro, um troféu entregue aos destaques do Carnaval daquele ano. A premiação é dividida em categorias, onde algumas são os quesitos avaliados no desfile e outras são à parte, como "Destaque", "Melhor Intérprete" e "Ala de Baianas". A premiação deu certo e foi apreciada pelos componentes das Escolas, tanto que é realizada até os dias atuais.

Neste mesmo ano, os amigos Luiz Álvaro Dilly de Medeiros e Luiz do Carmo de Assis resolvem criar um bloco no Bairro Milho Branco. De 1997 até 2001, o bloco chamado União das Cores desfilou pelas ruas da região que foi fundada. Em 2002 entra no grupo de avaliação e se torna Escola de Samba.

Em 1999, a Funalfa investiu 45 mil reais no Carnaval da cidade, pois novamente, não aconteceu os desfiles das Escolas de Samba. O valor foi passado para blocos e bailes populares. O caderno "Boa Viagem" da Tribuna de Minas, lança um especial sobre as praias mais procuradas pelos juizforanos naquele ano, que são o litoral do Espírito Santo e Rio de Janeiro. As viagens para o Nordeste também aumentaram nesse período (TRIBUNA DE MINAS, 02/02/1999, p. 1).

A Polícia Militar decide aumentar o efetivo de policiais nos dias de folia, devido aos resultados de violência na cidade. "A expectativa é de que o Carnaval 99 tenha mais casos do que os 7.184 registrados no ano passado. Em 1997, foram 6.848 casos e em 1996, 4.158

chamadas", mostrando assim o alto índice de violência já existente na cidade no período de Carnaval (TRIBUNA DE MINAS, 09/02/1999, p.4).

Em março de 1999, no Bairro Santo Antônio, surge a Escola de Samba Vale do Paraibuna. Sua origem está ligada ao bloco "Boca Maldita", que percorreu as ruas do bairro durante quatro anos. Seus fundadores são Alexandre da Rocha Pires, Dalva Feliciano Ribeiro e Waltencir Feliciano Ribeiro, atual presidente da agremiação.

5.3 A FOLIA NOS DIAS ATUAIS: COMO SERÁ O AMANHÃ?

Com o histórico de Carnavais mal sucedidos, a Funalfa e a Prefeitura decidem realizar ações que possam trazer de volta o público para os festejos locais. E a primeira delas foi o retorno dos desfiles das Escolas de Samba a Avenida Rio Branco, em 2000. A iniciativa teve resultados positivos, onde refletiram no número de embarques no Terminal Rodoviário da cidade.

Apesar de milhares de juizforanos estarem deixando o município desde quinta-feira pelo Terminal Rodoviário Miguel Mansur, a maioria dos funcionários dos guichês admitia, ontem a tarde, que houve queda no movimento de embarque de passageiros em relação ao mesmo período no ano passado (1999, que não teve desfile das Escolas de Samba - **grifo meu**). Isto pode ser o início de que muitos juizforanos até mesmo visitantes vão prestigiar o desfile das Escolas de Samba da cidade, que volta para a parte nobre da Avenida Rio Branco. (TRIBUNA DE MINAS, 04/03/2000, p. 1)

Além do desfile, a Banda Daki também resolveu inovar e leva para a avenida um trenzinho onde os pais podiam deixar seus filhos e acompanhar a multidão com segurança. Outra novidade foi a entrega da chave da cidade ao Rei Momo e sua Rainha. Todos os anos, a ação acontece na concentração da Banda. Em 2000, ela aconteceu quando a Banda passou em frente ao Parque Halfald. O desfile parou e o prefeito passou a chave ao Rei (TRIBUNA DE MINAS, 05/03/2000, p. 5).

Alguns bailes ainda tem sucesso na cidade, como o "Verde e Branco", do Sport Club Juiz de Fora, que existe até os dias atuais, e "A Noite Borbulhante", baile criado em 2002 pelo colunista social, César Romero. O diferencial está na camisa, que funciona como o convite de entrada para a festa, onde cada folião a customiza da forma que desejar. O baile alcançou fama na cidade, e até os tempo atuais é realizado todo sábado, uma semana antes do Carnaval.

Enquanto muitos dirigentes apontam "as viagens para a praia" como principal motivo da diminuição de público, o diretor de comunicação da Liga das Escolas de Samba, Fernando Luiz Baldioti (apêndice 1 - B, p. 118), acredita que outros motivos estão envolvidos.

Não tinha tecnologia avançada como hoje. A diversão era partir para os ensaios das Escolas de Samba, que era de segunda a segunda e ficavam todas lotadas e com gente bonita. Só pra você ter uma idéia, a fila na quadra da Real Grandeza para ensaios, começa na portaria na Rua Carlos Otto entrava pela Av. Sete e ia até nas proximidades da padaria na mesma rua. Na Juventude Imperial era a mesma coisa, como também na Turunas e no Partido Alto, sem contar, é claro, a Feliz lembrança. Era bom demais! Você saía de um ensaio e ia pro outro. [...]Acho que foi também o trabalho errado dos presidentes das agremiações. Não teve uma reciclagem, não teve uma renovação de dirigentes. É aquele pensamento de "eu sou o dono, aqui quem manda sou eu".

Em 2004, com os desfiles se mantendo na Avenida Rio Branco por cinco anos, surge novamente a discussão de onde seria o melhor local para a realização da folia. Paralelo a isso, a Funalfa retoma com atividades que, em tempos de outrora, faziam sucesso entre os foliões, como um concurso de fantasia, realizado no Clube Sírio e Libanês, sendo o prêmio para o vencedor o valor de R\$ 8.000,00. Houve também a criação do Baile Oficial do Carnaval e a volta das Batalha de Confete, realizada na Praça Antônio Carlos, com direito a corsos saindo da Rua Halfeld, em frente ao prédio da Funalfa (antigo prédio da Prefeitura - **grifo meu**) e seguiam em direção a praça. A expectativa era de que cerca de 20 mil pessoas circulassem na passarela do samba nos dias de desfile (TRIBUNA DE MINAS, 20/02/2000, p. 4). Neste ano também, após 32 anos de sua criação e por fazer parte e com sucesso do

Carnaval da cidade, atraindo a cada ano mais participantes, a Banda Daki é tombada como Patrimônio Cultural de Juiz de Fora.

Em 2005, Alberto Bejani retoma a Prefeitura e mantém o desfile na Rio Branco, porém, diferente de seu primeiro mandato, as realizações pelo Carnaval foram maiores. Mas ainda assim, não foram consideradas suficientes para os dirigentes das Escolas de Samba. Tanto que, a Escola Turunas do Riachuelo quebra tabu e desfila na avenida com o enredo "Hoje tem alegria?", satirizando a organização e a atenção dada ao Carnaval da cidade. A ousadia quase rendeu a queda da agremiação para o 2º Grupo, onde a "azul e branco" ficou em terceiro lugar. De acordo com o presidente da agremiação na época, Luiz Carlos do Valle (Luluca), "esse resultado já era esperado, uma vez que o enredo foi uma crítica contundente à administração passada. No final das contas, saímos como vitoriosos, por ter cumprido a missão de alertar o Executivo para a situação em que se encontra nosso Carnaval" (TRIBUNA DE MINAS, 10/02/2005, p. 5). O samba é de Edynel, Zezé do Pandeiro, Ciuffo, Tonhão, Flávio e Juarez.

Meu canto é primazia
 A emoção está no ar
 Navegando neste mar de incerteza,
 A Turunas com certeza
 Não vai naufragar
 Quanta sacanagem...
 Fizeram ao nosso Carnaval,
 É só cascata e demagogia
 Incompetência é o grande mal

Eu sou sambista e quero protestar
 A quem servir a carapuça pode usar
 Enquanto houver essa bagunça de sambeiro
 Turunas grita pelo samba verdadeiro

Em busca da felicidade
 De azul e branco lá vou eu (lá vou eu)
 Na esperança de encontrar na avenida
 Alguém que diga que o samba não morreu
 Ao repicar dos tamborins,

Vem a saudade...
 Dos tempos que não voltam mais...
 Hoje eu quero alegria,
 Companheira da folia

E o Carnaval...
 Onde será? Qual é a verba?
 Ninguém "Liga"
 É muita gente empurrando com a barriga

Neste ano, o Carnaval foi considerado uma verdadeira "piada". A campeã não foi uma agremiação, e sim três: Juventude Imperial, Unidos do Ladeira e Real Grandeza. Este fato foi inédito na história da folia na cidade, pois em nenhum outro momento, três agremiações ganharam o mesmo título.

O resultado não agradou as outras Escolas, principalmente o que diz respeito as do 2º Grupo. A vencedora foi a Águia de Ouro. No Desfile das Campeãs, a Escola de Samba Partido Alto realizou um protesto contra o resultado, pois ficou em terceiro lugar, com um enredo em homenagem a Clara Nunes. O resultado se deu pois os jurados consideraram o enredo repetitivo e uma das alegorias veio com um cavalo alado, sendo que a mesma falava de mar. Revoltados, os componentes pararam o desfile em frente as cabines da imprensa, e fizeram um minuto de silêncio (apêndice 2 - T, p. 157). O intérprete Zezé do Pandeiro disse que "essa é a maneira mais simples de demonstrar nosso sentimento" (TRIBUNA DE MINAS, 10/02/2005, p.1).

O clima de revolta já era percebido na concentração. "Certa é a Turunas: 'chega de tanta sacanagem'", dizia Zezé do Pandeiro, que também puxou o samba da Escola do Primeiro Grupo. Já a agremiação campeã do Grupo 1B, Águia de Ouro, surpreendeu o público em outra manifestação. Quando estavam no meio da passarela do samba, os integrantes também pararam o desfile por um minuto e um puxador falou ao microfone a favor dos jurados, pedindo mais humildade à Partido Alto. (TRIBUNA DE MINAS, 10/02/2005, p.1)

Após essas manifestações de desagrado, além das reclamações da população com o montagem das arquibancadas na Avenida Rio Branco, Alberto Bejani retoma uma antiga discussão sobre a construção do sambódromo na cidade, mas dessa vez, criou-se uma

comissão que, "além de começar a organizar o Carnaval do ano que vem, terá a incumbência de coordenar a construção do sambódromo em Juiz de Fora" (TRIBUNA DE MINAS, 11/02/2005, p.1).

Em 2006, após a realização de um estudo, foi decidido que o Carnaval sairia da Avenida Rio Branco e a nova passarela do samba ficaria na Avenida Brasil, atrás do Museu Mariano Procópio, na margem direita do rio, sentido Norte/Sul, entre as pontes do Manoel Honório e Santa Terezinha, local que permanece até os dias atuais. As discussões sobre a criação de um local fixo, o sambódromo, continuam, onde Bejani, prefeito na época, manifestou um grande interesse para que ela fosse realizada naquele local. Neste ano, a verba aumenta, de R\$ 684 mil passa para R\$ 1 milhão. A parte que cabe as Escolas, que era de R\$ 300 mil, foi para R\$ 500 mil (TRIBUNA DE MINAS, 25/02/2006).

Este local se tornou um grande motivo de discussão, principalmente por participantes do Carnaval, como Nancy de Carvalho (apêndice 1 - A, p. 115), que acredita que a saída da Rio Branco foi um erro. Zé Kodak (apêndice 1 - G, p. 135) completa o coro, principalmente porque, quando o Carnaval passou para a Avenida Brasil, Bejani tinha o desejo de que a Banda Daki também mudasse seu percurso.

Eu tenho um pensamento totalmente diferente. O Carnaval no Rio de Janeiro é no entro da cidade, é em Ipanema, Copacabana, na Avenida Getúlio Vargas. O de São Paulo é na Avenida Paulista. Então o que está faltando é um apoio do órgão público. Nosso Carnaval é na Avenida Rio Branco, tanto o de rua quanto de Escola de Samba. (ZÉ KODAK, apêndice 1 - G, p. 135)

Novamente, em 2006, os números de juizforanos que vão viajar aumenta, tendo uma estimativa de 80 mil pessoas saindo da cidade no feriado. Para que o restante da população vejam o que será preparado pelas Escolas antes do Carnaval, e até mesmo sua atuação na avenida, a Prefeitura cria dois projetos: o "Juiz de Fora com Arte", onde a cada sexta-feira, iniciando em janeiro, cada agremiação da cidade se apresenta no Parque Halfeld, com intérprete, bateria, rainha de bateria, mestre-sala e porta-bandeira e alguns integrantes

fantasiado; e o "Viver Juiz de Fora - Descobrimos essa cidade", onde um grupo de pessoas conhece a história do Carnaval no município, assistindo a telejornais de João Carriço que falam da folia de antigamente e, logo em seguida, saindo para um passeio pelos barracões de todas as Escolas de Samba de Juiz de Fora (TRIBUNA DE MINAS, 09/02/2006, p.1).

Mantendo os desfiles ainda na Avenida Brasil, em 2011, o então prefeito Custódio Mattos e o superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, criam o chamado "Corredor da Folia", um final de semana de apresentações em vários locais da cidade como bares, casas de show, Praça Antônio Carlos, Praça da Estação, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM) e outros. As apresentações vão desde blocos da cidade, até do Rio de Janeiro e grupos famosos, como Monobloco, em 2011 e Demônios da Garoa, em 2014. Toninho Dutra fala sobre a iniciativa.

Em 2008 a gente criou o Corredor Cultural e teve uma resposta muito bacana da sociedade. A gente percebeu que as pessoas estavam ansiosas com esse tipo de trabalho. E os artistas contribuíram muito. [...] Tínhamos uma equipe que pensava o carnaval. Um belo dia, um membro dessa equipe pegou e falou que podia repetir a questão do Corredor Cultural, mas fazendo o Corredor da Folia, uma semana antes do carnaval. [...] No início a gente pensou em uma coisa bem maior, mas como não tínhamos dinheiro, fizemos uma coisa mais encolhida e deu certo. [...] Então trouxemos coisas tradicionais como as Domésticas de Luxo, que se reencontraram no Carnaval da cidade com o Corredor da Folia, e os novos, como o "Parangolé Valvulado" que não é um bloco com samba enredo, mas com frevo enredo, que é completamente diferente do perfil do "Come Quietamente", que é um bloco mais elitizado, da Zona Sul da cidade, e que reúne um grande número de pessoas. Não tem quem é melhor do que o outro. Ambos tem suas características e tem espaço na cidade. (TONINHO DUTRA, apêndice 1 - C, p. 121)

Fernando Luiz Baldiotti se diz a favor dessa iniciativa da Funalfa, acreditando que "Corredor da Folia foi um grande achado por parte da Funalfa e Prefeitura. Dar o entretenimento para o público naquela semana que antecede o carnaval, com várias atrações em diversos pontos da cidade" (apêndice 1 - B, p. 118).

A iniciativa fez sucesso entre a população juizforana e outras ações também foram aderidas a programação, como o Concurso de Marchinhas. Alguns até questionavam do

porque não realizar essa iniciativa na semana do Carnaval, junto com os desfiles das Escolas de Samba.

E em 2014, o pedido foi aceito. A Liga das Escolas de Samba de Juiz de Fora (Liesjuf) decidiu, junto a Funalfa, adiantar os desfiles e as comemorações carnavalescas na cidade. Intitulada de "Mais Carnaval", a iniciativa começa em 20 de fevereiro e termina em 1º de março, fechando as comemorações com a Banda Daki, no sábado de Carnaval. No total, serão dez dias de festa. O objetivo, segundo o atual prefeito, Bruno Siqueira, é “para que possamos ter mais pessoas freqüentando o evento, diminuindo a concorrência de outros municípios pelo Brasil. A expectativa é muito positiva para ter uma festa diferenciada em 2014, para que a população da cidade e região possa aproveitar o nosso carnaval” (<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/carnaval/2014/noticia/2014/01/carnaval-em-juiz-de-fora-e-antecipado-para-receber-mais-folhoes.html>, acesso em: 10 jan 2014). A Funalfa investiu R\$ 2 milhões no evento. Desse valor, R\$ 1,5 milhão são repassados para as Escolas e os outros R\$ 500 mil para as demais atividades.

Esse era um pedido da Liga das Escolas de Samba de muitos anos. [...] Então agora, nós nos comprometemos na Câmara a fazer um estudo sobre essa antecipação Fizemos e mostramos que era possível e viável . E esse ano pra gente tudo é Carnaval. O Corredor da Folia vai estar entre os desfiles das Escolas de Samba. A gente começa com ele, tem o desfile, aí começa a semana do Carnaval tradicional e termina com o desfile da Banda Daki, no sábado. Então serão 10 dias de Carnaval da cidade. (TONINHO DUTRA, apêndice 1 - C, p. 121)

O general da Banda Daki, Zé Kodak (apêndice 1 - G, p. 135) se diz completamente contra essa iniciativa, pois, de acordo com ele, "Carnaval é uma festa popular, tem seus dias pra acontecer. Não tem que mudar época, nem nada. Igual Natal. Natal é dia 25 de dezembro. Imagina se passasse a comemorar em novembro?". Zezé do Pandeiro considera a iniciativa válida, afinal toda mudança é bem-vinda, mas ainda não é possível dizer se dará certo.

Eu posso até me enganar, mas eu não vejo isso como a solução do nosso Carnaval. Porque Juiz de Fora não é cidade turística, então o que vai atrair o público? A maioria do pessoal trabalha também. Em outros lugares deu certo, mas não tem como comparar esses lugares aqui a Juiz de Fora, como Vitória. Lá tem praia, então a pessoa pode ir pro Carnaval e depois ir pra praia. E aqui, o que tem? Eu posso até me enganar, mas não sei. Espero que dê certo sim, mas só quando acontecer é que vamos ter certeza. (ZEZÉ DO PANDEIRO, apêndice 1 - I, p. 140).

Mas após essa decisão de antecipação, no final de 2013, alguns problemas aconteceram com as agremiações, fazendo até com que uma delas, a Mocidade Independente do Progresso, desistisse de desfilar. Em outubro do ano informado, a Secretaria de Atividades Urbanas, juntamente com o a 5ª Companhia de Prevenção e Vistoria do Corpo de Bombeiros de Juiz de Fora, realizou uma vistoria nas quadras das Escolas de Samba da cidade. Ao verificar a falta ou vencimento de documentação, o estabelecimento teve que ter suas portas fechadas e impedindo a realização de atividades no local⁴. As primeiras a fecharem as portas foram a Turunas do Riachuelo e a Real Grandeza. Na semana seguinte, a Acadêmicos do Manoel Honório também teve sua quadra interditada. Em novembro, Mocidade Independente do Progresso, Juventude Imperial, Vale do Paraibuna e Rivais da Primavera foram as próximas na lista. Assim, das 13 agremiações que desfilam na cidade, sete estavam com suas quadras interditadas para suas atividades (<http://www.tribunademinas.com.br/cultura/mais-quatro-quadras-s-o-interditadas-1.1376544>, acesso em: 20 dez 2013).

Após essa situação, a Liga e a Funalfa se reuniram com os presidentes das Escolas para chegar a uma solução, já que todas as agremiações necessitavam de local para montagem das fantasias e ensaio da bateria, pois essa é uma das formas da Escola arrecadar dinheiro. A Unidos do Ladeira e Turunas conseguiram entregar a documentação e tiveram suas quadras liberadas. Reuniões com os bombeiros e responsáveis da SAU foram realizadas, porém sem

⁴ Um dos principais motivos foi a falta e/ou vencimento de documentação exigida pela legislação para ter o funcionamento do local, como alvará, e a documentação exigida pelo Corpo de Bombeiros para a realização de eventos na quadra, onde o principal é o auto de vistoria do Corpo de Bombeiros.

sucesso (<http://www.tribunademinas.com.br/cultura/liga-discute-nesta-quarta-destino-do-carnaval-1.1377512>, acesso em: 20 dez 2013).

Uma das soluções apresentadas pela Liga aos presidentes foi a realização de um ensaio abertos e coletivo, aos sábados, na Praça da Estação. E após muito relutarem, foi aprovada a alternativa pelas agremiações. Além disso, aquelas que ainda não terminaram de concluir suas alegorias, o Parque de Exposições foi cedido e vai funcionar como um barracão para as Escolas (<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/carnaval/2014/noticia/2014/01/escolas-de-samba-de-juiz-de-fora-fazem-ensaio-conjunto-em-praca.html>, acesso em 05 jan 2014).

Sobre o público e a possibilidade de sucesso do desfile, Toninho Dutra diz que isso é uma incógnita, já que o evento neste ano, será um teste. "Não sei dizer se vai dar certo ou não. É algo a ser testado. Esse e o ano seguinte vamos fazer de teste e ver se vai dar certo ou não" (apêndice 1 - C, p. 121). Ao ser questionado sobre a situação atual do Carnaval da cidade, o superintendente da Funalfa diz que não tem como voltar a ter a grandeza de outrora. Mas tem como melhorar.

Acho que para isso acontecer, tem que ter uma maior união entre os integrantes das escolas, maior tempo de preparação, busca de envolvimento comunitário, para as pessoas se sentirem mais englobadas ali. Um pai que tem um filho numa Escola de Samba vai querer vê-lo desfilar. Um cara que tem uma namorada desfilando vai querer ver. Então é essa questão do envolvimento comunitário que vai buscando outras pessoas. A questão de envolver a comunidade na confecção de adereços, uma oficina para que as pessoas possam aprender a fazer as fantasias. Eu sei que ele pode vir a ser muito importante e interessante para a cidade. (TONINHO DUTRA, apêndice 1 - C, p. 121)

Fernando Luiz Baldioti aponta que a construção do sambódromo é um sonho, pois "não temos Escolas capacitadas pra receber esse investimento. Primeiro, os dirigentes terão que mudar a mentalidade. Eles tem que resgatar o público para dentro das quadras, ai sim poderíamos pensar em sambódromo, pois é um investimento caro" (apêndice 1 - B, p. 118). Zezé do Pandeiro avalia o Carnaval de hoje precário, com muitos erros a serem corrigidos, principalmente se tratando da renovação dos dirigentes.

[...] No Rio, os departamentos das Escolas formam Escolas Mirins, com projetos e tiram as crianças da rua, proporcionando cursos diversos. Lá ela aprende a ter amor a camisa. Hoje se perguntar uma criança, um adolescente as cores do Turunas, Feliz Lembrança ou Ladeira, é capaz dele não saber. Não é porque ele não gosta, mas é que ele não é chamado a participar. Aí eles falam que é porque o povo vai embora da cidade que o Carnaval está assim. Mas temos muita gente que mora aqui. Não vão porque não tem incentivo. As Escolas trancam o seus portões e pronto. Igual recentemente, os Bombeiros fecharam as Escolas. As que têm interesse em movimentar a quadra, arrumaram os documentos e liberaram o local. E tem Escola que não fez nada até agora. Aí a culpa é de quem, da administração? Não é não. [...] Uma coisa também, é muito fácil você pegar e ver quanto que tem de verba e sair distribuindo para as Escolas. Não tem uma fiscalização, não tem interesse em saber para onde esse dinheiro está indo e nem as Escolas de prestarem conta. É verba pública. Acho que faltou uma visão dos administradores, uma visão futura. Porque na época que aqui ganhou o título de 2º melhor Carnaval do país, deveria-se pensar em manter isso de alguma forma. Mas não. De repente eles acharam que o que tinha que ser feito, já estava sendo. (ZEZÉ DO PANDEIRO, apêndice 1 - I, p. 140)

Zeze Garcia (apêndice 1 - D, p. 125) diz que se sente uma tristeza muito grande ao ver o ponto que a folia atualmente chegou. Mas sonha e espera dias melhores. "Eu queria muito antes de morrer ver o Carnaval daqui de Juiz de Fora bem melhor. Porque aqui merecia. Sempre teve um Carnaval muito bonito, maravilhoso, muito espetacular. Quem sabe eu consiga ver?".

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Carnaval de Juiz de Fora passou por diversos momentos nas mãos de vários administradores. Alguns possibilitaram seu desenvolvimento já outros, sua queda, que hoje é visivelmente percebida, diferente de tempos de outrora. Tendo como base esse fato, esse Trabalho de Conclusão de Curso buscava relatar a história do Carnaval da cidade, passando por seu período de grandeza, mas não esquecendo de mostrar o período de decadência e seus reflexos nos dias atuais.

Há quem diga que o Carnaval decaiu com a saída da Rio Branco. Porém, avaliando os jornais pesquisados, ao sair desse local e ir para outro, e novamente retornar para a avenida central, pode-se perceber uma participação maior do público, mas em épocas específicas, de governos também específicos, como do ex-prefeito Mello Reis, que foi o administrador que mais investiu e colaborou para o Carnaval da cidade chegar aonde chegou em 1979. Então não se pode dizer que esse é o principal motivo de sua decadência.

Porém, o período que é possível visualizar um dos fatores para sua queda, foi na primeira administração do ex-prefeito Alberto Bejani, de 1989 a 1992, onde com a não realização dos desfiles das Escolas do 1º grupo, em 1989, o administrador jogou um "balde de água fria" na população e principalmente nas agremiações. Apesar de no seu segundo mandato, de 2005 a 2008, proporcionar sinais de melhora na folia, os reflexos de tempos passados ainda estavam presentes, o que não proporcionou um resultado tão visível como o esperado.

Com a passagem da folia para a Avenida Brasil, a situação piorou mais ainda. A participação do público diminuiu visivelmente. A falta de investimento nas Escolas de Samba, uma falha da administração nas agremiações e no governo, além da não renovação das diretorias das Escolas só proporcionaram problemas maiores. A maioria das agremiações não

utiliza o espaço que possuem para a realização de eventos durante o ano para arrecadação de dinheiro. Com isso, a verba dada pela Funalfa é a única fonte de renda para realizar o desfile, o que origina uma atuação pobre, já que o valor pago não é suficiente para a compra de material, que encareceu ao longo dos anos. Já o fato de algumas Escolas possuírem o mesmo presidente a mais de 30 anos e os mesmos não realizarem uma reciclagem de ideias, proporciona um atraso para a agremiação, pois não se tem um fluxo de novos pensamentos que poderiam ser trazidas por novas mentes ou até mesmo pelos dirigentes já existentes.

Através das entrevistas com os participantes do Carnaval da cidade, é possível perceber que estão sendo feitos vários projetos para trazer de volta o público que está indo viajar ao invés de ficar na cidade. O Corredor da Folia é um exemplo que, além de possibilitar um contato da população com o Carnaval existente no município, dá possibilidade de visualização de blocos que antes estavam fechados a suas comunidades, e claro, o retorno daqueles que fizeram parte da história da cidade, como as Domésticas de Luxo. Esse investimento mostra que é possível dar maior ênfase no Carnaval local.

Todavia, outro fator que deve ser levado em consideração, são as novas tecnologias e o advento dos novos ritmos musicais, que a cada dia mais atraem a atenção. Música tipicamente baiana que surgiu na década de 80, o Axé, acompanhado dos trios elétricos, saiu da Bahia e invadiu os estados pelo Brasil. Outros estilos como Funk e o Sertanejo também ganharam fama. A partir de sua utilização nos Carnavais de rua, através dos blocos, esta forma de folia recebeu uma visibilidade grande perante a população, o que deixou o samba em segundo plano. Na cidade, os blocos no Corredor da Folia e a Banda Daki atraem mais foliões do que nos dias de desfile. A Banda, mesmo apresentando marchinhas em seu repertório, teve que anexar na lista as músicas que estão entre as mais tocadas nas rádios. Um ponto que contribuiu para que esses ritmos se espalhassem, é a divulgação em massa presente

por trás deles. Rádio, televisão e internet, trabalhando constantemente para que todos conheçam a música do momento que, conseqüentemente, será tocada no Carnaval.

E é justamente a falta de divulgação que foi um outro ponto falho na folia de Juiz de Fora. Nas pesquisas em jornais, até início da década de 80, noticiava muito sobre a festa. Dessa época em diante, a frequência diminuiu, mas não desapareceu. Sobre o Carnaval 2014, a divulgação foi mais freqüente no final de 2013, devido ao fechamento das quadras das Escolas de Samba pelo Corpo de Bombeiros. Isso é um reflexo de que a divulgação pelos organizadores do evento ainda é falha, e isso acarreta uma série de resultados, com a diminuição de público entre eles.

De acordo com as pesquisas e entrevistas, verifiquei que a cidade necessita de um local apropriado e oficial, ou seja, o Sambódromo, para a realização dos desfiles. Este seria um investimento de muito retorno para o município, principalmente no que diz respeito a recuperação do Carnaval de Juiz de Fora. Esse local seria um motivo de maior envolvimento e seriedade das agremiações, além de ser um fator motivacional para seus componentes e daria novamente a mentalidade profissional que os desfiles tiveram em outras décadas.

Sobre os relatos, foi possível coletar um bom material através das pesquisas realizadas nos jornais Diário Mercantil, Tribuna da Tarde, Tribuna de Minas e Jornal Panoama, além de revistas como O Lince, Banda Daki em Revista, Revista Em Voga e a Revista Oficial do Carnaval de 79. Nas entrevistas, percebi a indignação e acima de tudo a tristeza dos personagens que participaram do Carnaval de outras décadas e vêem hoje o ponto que este chegou. Mas é possível verificar que a maioria tem esperanças que a folia de Momo volte a ter um ápice. Não como antes, mas o suficiente para atrair público, até mesmo de outras cidades.

Conclui-se então que o Carnaval de Juiz de Fora foi muito importante para o desenvolvimento da mesma em épocas passadas, e devido a displicência da administração

pública, teve uma decaída. Porém, a festa em Juiz de Fora tem solução, mas não para voltar a ser o que era, mas para atrair novamente os olhares, principalmente da cidade. Mas para isso, deve-se continuar seguindo alguns passos dados nas administrações atuais, além de um maior entrosamento da Liga das Escolas de Samba com os dirigentes das agremiações e um maior envolvimento dos mesmos. Estar aberto a novas experiências, como o fato de antecipar o Carnaval local, também é um fator a ser seguido e colocado em prática, para que assim, atraia novamente a credibilidade do evento, pois o povo gosta de Carnaval.

Outro fator verificado é que, após a pesquisa, nota-se que o juizforano não conhece a história do Carnaval na cidade. Através disso, tem-se uma grande necessidade de mostrar ao público essa informação, pois o conhecimento adquirido se torna um fator e uma influência para buscar soluções aos problemas e trazer de volta a alegria e o reconhecimento do Carnaval de Juiz de Fora.

7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACESSA.COM. **História do Carnaval de Juiz de Fora**. Disponível em: <<http://www.acesa.com/carnaval/2006/historia/>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

_____. **Corredor da Folia é alternativa para revitalizar Carnaval em JF**. Disponível em: <<http://www.acesa.com/cultura/arquivo/noticias/2011/02/04-carnaval/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BANDA DAKI EM REVISTA. Juiz de Fora: Grupo Panorama, 2^aed, 2004.

CÂMARA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. **Bloco do Beco é tombado como entidade cultural da cidade**. Disponível em: <<http://isal.camarajf.mg.gov.br/jornal/noticias/noframe.php?110120062>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

CARVALHO, Renan Alexandre Ligabo de; ROSA, Victor de Oliveira. **Carnaval das Escolas de Samba de Juiz de Fora: Análises e Projeções de uma Festa Inconstante**. 2006. 240 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) - Faculdade de Turismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 157-167.

DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, 06 jan. 1960, p. 7.

_____. Juiz de Fora, 03 fev. 1960, p. 8.

_____. Juiz de Fora, 12 fev. 1960, p. 3.

_____. Juiz de Fora, 26 fev. 1960, p. 6.

_____. Juiz de Fora, 27 fev. 1960, p. 5.

_____. Juiz de Fora, 03 mar 1960, p. 5.

_____. Juiz de Fora, 04 mar. 1960, p. 7.

_____. Juiz de Fora, 29 jan. 1965, p. 3.

_____. Juiz de Fora, 02 fev. 1965, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 03 fev. 1965, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 28 fev. 1965, p. 4.

_____. Juiz de Fora, 19 fev. 1966, p. 5.

_____. Juiz de Fora, 20 fev. 1966, p. 7.

_____. Juiz de Fora, 24 fev. 1966, p. 3.

- _____ .Juiz de Fora, 12 fev. 1970, p. 8.
- _____ .Juiz de Fora, 02 fev. 1977, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 11 fev. 1977, p. 6.
- _____ .Juiz de Fora, 13 fev. 1977, p. 4.
- _____ .Juiz de Fora, 15 fev. 1977, p. 4.
- _____ .Juiz de Fora, 16 fev. 1977, p. 4.
- _____ .Juiz de Fora, 17 fev. 1977, p. 4.
- _____ .Juiz de Fora, 19 fev. 1977, p. 1.
- _____ .Juiz de Fora, 24 fev. 1977, p. 12.
- _____ .Juiz de Fora, 12 jan. 1978, p. 1.
- _____ .Juiz de Fora, 21 jan. 1978, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 23 jan. 1978, p. 3.
- _____ .Juiz de Fora, 24 jan. 1978, p. 1.
- _____ .Juiz de Fora, 04 fev. 1979, p. 4.
- _____ .Juiz de Fora, 13 fev. 1979, p. 5-11.
- _____ .Juiz de Fora, 22 fev. 1979, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 29 fev. 1979, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 04 jan. 1980, p. 4.
- _____ .Juiz de Fora, 20 jan. 1980, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 22 jan. 1980, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 24 jan. 1980, p. 11.
- _____ .Juiz de Fora, 25 jan. 1980, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 07 fev. 1980, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 09 fev. 1980, p. 5.
- _____ .Juiz de Fora, 21 fev. 1980, p. 6.

_____. Juiz de Fora, 04 jan. 1981, p. 3.

_____. Juiz de Fora, 10 jan. 1981, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 01 fev. 1981, p. 5.

_____. Juiz de Fora, 22 fev. 1981, p. 7.

_____. Juiz de Fora, 17 jan. 1982, p. 6.

_____. Juiz de Fora, 20 fev. 1982, p. 2.

DOMÉSTICAS DE LUXO. **História**. Disponível em:

<http://www.domesticadeluxo.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=84&Itemid=102>. Acesso em: 02. jan. 2014.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FUNALFA. **Antologia de Sambas de Enredo em Juiz de Fora**. Manaus: MICROSERVICE, 2000. CD

_____. **Recordar é Viver: CD Comemorativo aos 40 anos dos Desfiles Oficiais de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Idéia Forte Records, 2006. 2 CDs.

_____. **Revista Oficial do Carnaval JF**. Juiz de Fora, 1979.

G1. **Carnaval 2014**: Escolas de Samba de Juiz de Fora fazem ensaio conjunto em praça.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/carnaval/2014/noticia/2014/01/escolas-de-samba-de-juiz-de-fora-fazem-ensaio-conjunto-em-praca.html>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

_____. **Carnaval 2014**: Carnaval em Juiz de Fora é antecipado para receber mais foliões.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/carnaval/2014/noticia/2014/01/carnaval-em-juiz-de-fora-e-antecipado-para-receber-mais-folioes.html>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. p. 10

JF 150 ANOS. **Enchente em 1940**. Disponível em:

<<http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/1104/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

JORNAL PANORAMA. Juiz de Fora: Grupo Panorama, 1 fev. 2004, caderno ETC.

_____. Juiz de Fora: Grupo Panorama, 22 fev. 2004, caderno ETC.

MARIA DO RESGUARDO. **Fotos do Carnaval**. Disponível em:

<<http://www.mariadoresguardo.com.br/search/label/Carnaval>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

MOSTARO, Carlos Décio; FILHO, João Medeiros; MEDEIROS, Roberto Faria de. **História Recente da Música Popular Brasileira em Juiz de Fora (1945-1975)**. Tomo I. Juiz de Fora: Edição dos Autores, 1977. p. 11-163

O LINCE. Juiz de Fora, n. 335, ano IX, 31 jan. 1920.

_____. Juiz de Fora, n. 338, ano IX, 21 fev. 1920.

_____. Juiz de Fora, n. 386, ano X, 05 fev. 1921.

_____. Juiz de Fora, n. 387, ano X, 12 fev. 1921.

_____. Juiz de Fora, n. 388, ano X, 19 fev. 1921.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **História da cidade**. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>>. Acesso em: 20. nov. 2013.

REVISTA EM VOGA. Juiz de Fora: Grupo Tribuna da Tarde, n 35, jan, 1989.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

TRIBUNA DA TARDE. Juiz de Fora, 07 mar. 1984, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 15 jan. 1986, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 23 jan. 1986, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 31 jan. 1986, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 02 fev. 1986, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 12 fev. 1986, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 21 dez. 1988, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 05 jan. 1990, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 06 fev. 1990, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 25 fev. 1990, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 02 mar. 1992, p. 1.

_____. Juiz de Fora, 05 mar. 1992, p. 1.

TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora: Grupo Solar, 03 fev. 1993, p. 1.

_____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 03 fev. 1993, p. 1.

_____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 11 fev. 1993, p. 1.

- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 20 fev. 1993, p. 9.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 08 fev. 1994, p. 9.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 13 fev. 1996, p. 9.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 22 fev. 1996, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 02 fev. 1999, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 09 fev. 1999, p. 4.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 06 fev. 2000, p. 3.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 04 mar. 2000, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 05 mar. 2000, p. 5.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 19 fev. 2004, p. 4.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 20 fev. 2004, p. 4.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 21 fev. 2004, p. 4.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 03 fev. 2005, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 08 fev. 2005, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 10 fev. 2005, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 11 fev. 2005, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 13 jan. 2006, Caderno Dois, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 09 fev. 2006, Caderno Dois, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 24 fev. 2006, p. 1.
- _____. Juiz de Fora: Grupo Solar, 25 fev. 2006, p. 1.
- _____. **Cultura:** Liga discute nesta quarta destino do carnaval. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cultura/liga-discute-nesta-quarta-destino-do-carnaval-1.1377512>>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- _____. **Cultura:** Mais quatro quadras são interditadas. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cultura/mais-quatro-quadras-s-o-interditadas-1.1376544>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS

ENTREVISTA A:

Entrevista com NANCY DE CARVALHO (NANCY)

(Primeira porta-bandeira de Juiz de Fora)

Data: 26/11/2013, às 8h30 (duração: 40 minutos)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Nancy, sua família foi muito importante no Carnaval da cidade, principalmente na Feliz Lembrança. E você desde pequena envolvida também. Como foi essa época?

R: O Feliz Lembrança foi fundado lá na Rua Redentor, no Morro do Redentor. Foi até na casa do Geraldo Abissínio, o Geraldo de Oliveira. Foi fundado lá. E depois foi lá pra casa, porque eu morava nos fundos da Avenida (Sete de Setembro - **grifo meu**), e tinha um quintal imenso, onde o Feliz Lembrança começou a ensaiar ali. A casa era pequena, eram cinco cômodos, mas cabia todo mundo. Ficava sempre cheio de gente. E sobre o samba, meu pai era músico, meu irmão era músico (Djalma de Carvalho - **grifo meu**), então eu nasci no meio da música.

Já que minha casa era a sede do Feliz Lembrança, lá era feito o chapéu de palha, que tinha que colocar uma fita ao redor dela, cada ano de uma cor. Então a gente que tinha que colocar. E eu comecei a fazer isso pequena ainda. Porque era tudo feito lá em casa. Éramos 15 irmãos. Minha irmã ajudava muito também. Depois as irmãs foram casando e foi diminuindo a família, né? Mas a gente fazia tudo lá em casa. Consertar instrumento, as camisas, escolhia desenho. E fui crescendo ali nesse meio. Eu lembro que eu saí de enfermeira quando terminou a guerra, saí de índia... De várias coisas. Quando Juiz de Fora completou os 50 anos, a Feliz saiu homenageando a cidade, e eu saí de baiana.

A primeira vez que eu sai eu tinha 5 anos. Subia a Rua Halfeld como se fosse um bloco. E como eu era pequenininha, já que a minha família inteira desfilava, eu ia também. Nesse ano, eu como era pequena, cansava. Aí um dos meus irmãos me colocava no ombro pra eu descansar. Ai passava um tempo eu pedia pra descer. Eles me desciam e eu continuava pulando, toda saliente. (risos)

2. E como que a escola foi lá pra sua casa?

R: Por causa do Djalma. Ele e meu primo, Ivan Maria, que também foi um dos fundadores do Feliz Lembrança. Eles se reuniram na casa do Geraldo, fizeram a reunião e fundaram o Feliz Lembrança. Como lá não tinha espaço, aí meu irmão falou com eles: "Vão lá pra minha casa que lá tem espaço", aí foi todo mundo pra lá. E ali ficou, até que foi crescendo, crescendo, crescendo, e lógico e evidente, teve que sair lá da minha casa. Mas uns dois anos saíram lá da minha casa. Tanto que os sambas que o Djalma fez, foram feitos lá. Teve um samba, que eu não lembro agora qual, que ele fez e quando a escola estava armando na Av. Sete pra sair, ele cantou o samba trepado no muro.

3. E quando você se tornou porta-bandeira?

R: Foi em 1952. Eu tinha 18 anos. Porque antes não tinha porta-bandeira não. Eram os porta-estandartes. Eram só homens que desfilavam. Na época, o pai do Mamão e o Rabeca. Aí eles que saíam. Em 1952 eu fui a Rainha do Feliz Lembrança. Eles tinham um clube ali na Av. Sete de Setembro, esquina com a Cesário Alvim. Ali o Nelson Silva falou pra mim:

"Ah não, agora a gente vai mudar. Você já é rainha. Então agora eu vou te ensinar tudo sobre porta-bandeira". Ele ia lá pra casa e ali a gente ensaiava, ou sábado ou domingo. A gente pegava uma vassoura, amarrava uma toalha e ensaiava. O Nelson Silva que foi o meu primeiro mestre-sala. No primeiro ano foi com ele, no segundo foi um rapaz no Feliz Lembrança que o Nelson deu aula pra ele também, e depois foi mudando. Só a porta-bandeira que não mudava. O desfile era ali da Rua Halfeld, na Praça da Estação e ia até o Parque Halfeld. Foi ele (O Nelson Silva- **grifo meu**) que me influenciou. Tanto que eu desfilei com a mesma roupa de Rainha que eu usei. Foi um evento mesmo. Todo mundo ficou chocado. Sai na Feliz e no Real Grandeza também, quando ainda era bloco. Mas sai no Grizzu, no Partido Alto. Mas desfilei e desfilo ainda em outras escolas como destaque. Sempre gostei de samba né?

4. Como que o público ficou quando te viu desfilando, já que antes eram só homens que levavam a bandeira e você foi a primeira mulher a fazer isso?

R: Nossa, eles ficaram assim... Chocados. Era uma coisa que nunca tinha acontecido. As mulheres não participavam dos desfiles não. O meu pai que ia na casa das meninas e falava com os pais delas que ele ia se responsabilizar. Antigamente, sair na escola de samba era coisa de mulher a toa. Aí meu pai que começou a conversar com eles e a chamá-las, porque eu que já estava envolvida, já desfilava, dependendo do enredo eu me fantasiava. Eu saía muitas vezes de baiana. Aí depois que eu entrei como porta-bandeira que as mulheres começaram a participar. Aí saíam de baiana e dependendo do enredo, fantasiavam de outra coisa.

5. E o Djalma? O que você lembra dele na escola?

R: Ele era só o compositor. Não cantava não. Ele gostava muito de fazer o que a gente chamava de "samba de improviso". Era ele e o Praxedes. Um respondia uma coisa, o outro falava outra coisa. Era assim que funcionava no desfile.

6. E as Batalhas de Confete e os bailes nos clubes, Nancy? Você participou deles?

R: Muito... As minhas irmãs participaram muito dos corsos. Elas fantasiavam, alugavam um carro, aqueles todo aberto, e saíam pela Halfeld. Eu também desfilei muito com elas. Pequena também. Eu me lembro que o desfile era assim: Rua Halfeld e Marechal. Cada bairro fazia a sua batalha. Era bom pra caramba. Era muito diferente do que temos hoje. Tinham muitos blocos, corsos com seus carros enfeitados. Tinha muito confete, serpentina e lança-perfume. Participavam escolas de samba, blocos. Os carros então, todos enfeitados. Aí eles paravam, as mulheres desciam para sambar, aí subia todo mundo e continuava o desfile. E tinha uma rivalidade tão grande entre os Turunas e a Feliz Lembrança. Sempre acabava em briga. Uma vez, fomos numa batalha lá no Mariano, aí tinha o palanque onde o pessoal tocava. Aí o pessoal do Turunas subiu no palco e derrubaram o pessoal da Feliz que estava lá em cima tocando. Era uma brigaiada danada. Mas só no carnaval. Saiu dali todos eram amigos. Eu tinha um primo que era Turunas, e olha, ele brigava mesmo. Mas depois que o carnaval passava ele não saía lá de casa. (risos)

Já o baile foi quando eu fiquei mais velha, depois dos meus 15 anos. Tinha nos Bancários, no Tupi, no Tupynambás. Meu pai era maravilhoso. Ele que levava a gente. Não era só eu não, minhas irmãs também. E as colegas das minhas irmãs ele levava também. As Batalhas eram antes, uma semana antes. E duravam até o carnaval. Antes as pessoas tinham paixão por isso. Elas participavam mesmo. Hoje isso foi se perdendo, né?

7. Então foi pelo seu pai que surgiu essa paixão por Carnaval?

R: Deve ter sido, né? Mas acho que veio pelos meus irmãos também, porque eu era a mais nova, criada nesse ambiente de samba e tudo, aí foi crescendo essa paixão em mim e estou aí até hoje. Mas acho que mesmo que eles não tivesse participado, eu iria participar.

8. E o público? Você acha que a maioria era Turunas ou Feliz Lembrança?

R: Acho que era meio a meio. Não tinha uma maioria não. Mas assim, o público que era um deles, era um só. Se tivesse briga, entrava todo mundo na briga. Era assim.

9. E quando surgiram as outras escolas?

R: O público dividiu né? E dividiu muito. Cada bairro torcia pra sua escola. Mas a rivalidade era na mesma intensidade, não mudou nada não.

10. O que você mais gostava no carnaval?

R: Ah, dos desfiles! Era ótimo! Quando chegava no Parque Halfeld, eles montavam arquibancadas, tinha palanque para os prefeitos, políticos. Todo mundo participava.

11. Como eram os desfiles?

R: Carnaval aqui em Juiz de Fora era animadíssimo. Ficava lotado de gente. Vinha gente de fora. As escolas não tinham alas. Eram várias fantasias. Tinha a primeira parte, da diretoria, depois vinham as baianas e seus acompanhantes, aí vinha o coral e a bateria. Não tinha som. Era todo mundo cantando. O som era da escola inteira. Nessa época assim, por exemplo, as quadras estavam lotadas. E eram todos os dias da semana. Não tínhamos tempo de ir nas outras quadras. Antes você ficava numa quadra só. Primeiro que a gente tinha que ir trabalhar. Bordar fantasia. A gente trabalhava muito mesmo. Na minha casa não tinha hora pra isso, era o dia inteiro. Era muito chapéu, muita fantasia pra bordar. A Avenida Rio Branco ficava lotada. Era um caos de tanta gente. Mas era bom. Não tinha isso de sair de Juiz de Fora pra ir ver desfile em outra cidade. Era o contrário: eles que vinham pra cá. O carnaval antes era sim o 2º melhor do Brasil, porque era animadíssimo. Hoje não tem mais aquele convívio pra montar os desfiles.

12. Como foi o desfile da Mascarada Veneziana?

R: Foi muito lindo. Foi a primeira escola a desfilarem com uma alegoria mesmo. Aquele carro imenso. Muita gente que desfilou. Foi um sucesso imenso. Tanto é que nós ganhamos.

13. Quando que começou seu envolvimento com o Bloco do Beco?

R: Tem muito tempo. Uns 40 anos. Um dia, a turma toda reuniu e resolvemos ir numa festa no Tupynambás. E fomos descendo a Espírito Santo pra chegar lá. Até hoje não chegamos, porque todo o bar que tinha ali a gente parava pra fazer um sambinha. E tinha um bar em frente a Ozório de Almeida, e nós ficamos lá, cantando e tudo. Quando nós saímos de lá do bar, resolvemos que iríamos fundar um bloco. Eu já iniciei no Bloco como porta-bandeira. A minha irmã que fez a primeira bandeira do Bloco. Quando tínhamos um bar na Independência, o ex-prefeito Tarcísio Delgado nos deu uma bandeira nova. E é essa que a gente desfila até hoje. A gente tinha muito apoio dos políticos. Antes era assim, mas tínhamos mais ainda dos amigos.

14. E o Carnaval de hoje? Qual sua opinião?

R: As coisas mudaram muito em Juiz de Fora. O carnaval não é mais animado. Primeiro porque saiu da Avenida Rio Branco, coisa que eu não achava que deveria ter saído. Essa saída deu uma esfriada sim. Mas nem posso falar muito porque nem eu mais passo o

carnaval aqui. Desfilo no Bloco do Beco e na sexta-feira mesmo já viajo pra Três Rios ou pra outra cidade qualquer. Mas antes era mais animado. Não sei se é porque antes eu participava mais, desfilava na Feliz Lembrança e hoje não, mas sei lá. Deu uma desanimada sim. Antes tinha minha família também. Mas ai, eles foram morrendo. Dos 15 irmão, sobrou eu e mais uma irmã, que está com 98 anos. A família vai acabando, né? E acaba que a gente vai desanimando também né? Hoje eu vou muito pouco na Feliz Lembrança, por exemplo. A quadra é longe e pra mim fica ruim. Aí é complicado. As pessoas antes tinham paixão mesmo. Agora hoje...

ENTREVISTA B:

Entrevista com FERNANDO LUIZ BALDIOTI (BALEIA)

(ex-presidente da Escola de Samba Real Grandeza e diretor de comunicação da Liga Independente das Escolas de Samba de Juiz de Fora)

Data: 10/12/2013, às 18h53 (via email)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Fernando, como começou seu envolvimento com o Carnaval da cidade?

R: Desde cedinho, ainda criança no bairro Floresta, no clube social dos funcionários da Fábrica de Tecidos São João Evangelista, minha mãe Dolores com minhas saudosas tias Liquinha, Dagmar e Dinah, me levava as matinês. Era bom demais! Peguei gosto. A família Baldioti foi sempre festeira. Meu saudoso pai, Adilceu Baldioti, que era instrumentista e fazia parte da bateria da Turunas do Riachuelo juntamente com o Ministrinho, colega de trabalho na antiga Companhia Mineira de Eletricidade.

Depois desfilei pela primeira vez na E.S Juventude Imperial. Também fiz parte da diretoria da Escola de Samba Império Serrano, no Rio de Janeiro por cinco anos, Participei também no Departamento de Harmonia, depois no Bloco Domésticas de Luxo, Real Grandeza e Unidos do Ladeira, na gestão do presidente Nilton Braida. Foi nesta escola que trabalhei profissionalmente. Desfilo também na Banda Daki há aproximadamente 30 anos, com uma mesma fantasia, lembrando os estudantes do Jardim da Infância do Mariano Procópio, com uma saia vermelha e plissada (risos).

Como radialista, o meu envolvimento com o carnaval começou em 1977, na Rádio Industrial, cobrindo os desfiles carnavalescos levado pelo radialista Toni Martins. De lá pra cá, apresentei programas na Rádio Sociedade, PRB-3, Rádio Nova Cidade, Rádio Juiz de Fora, Rádio FM 107,7, Rádio Globo, TV Tiradentes, Diário Regional, Jornal Voz do Samba e agora no Jornal JF NEWS. Fazia programas pelas madrugadas e na parte da tarde, com entrevistas desde o presidente até o funcionário do barracão. Tinha repórter para cobrir tudo. Os ensaios era uma festa. Criava o clima. Hoje não tem mais. As emissoras não acreditam no produto "carnaval". Adorava o que fazia.... Sinto falta! Era um "tititi" dos diabos Débora.

2. O senhor foi presidente da Real Grandeza durante um tempo. Quais mudanças você presenciou nesse tempo que esteve no cargo?

R: Na Real Grandeza, minha escola de coração, trabalhei em várias funções. Comecei como componente, depois fui ser gerente de bar, relações públicas, secretário, chefe de ala, diretor geral de carnaval, diretor de harmonia, vice-presidente e presidente.

Quanto a transformação observada, podemos afirmar que os desfiles cresceram muito e depois por vários motivos, foi caindo e chegando no estágio atual, que é o que eu chamaria de "O CTI do Carnaval", com vários problemas dos dirigentes e presidentes, que não fazem nada durante o ano nas suas quadras, e ficam esperando a verba da Prefeitura. Eles não reformam suas quadras e só pensam em colocar dinheiro no bolso. Não pagam os profissionais que contratam pra trabalhar para a escola, seja no barracão, na confecção de fantasias, até mesmo o carnavalescos e principalmente, os compositores e intérpretes. Tem presidente que aluga a quadra, as lojas pertencente a escola o ano inteiro e cadê o dinheiro gerado disso? Colocam no bolso, viajam e depois falam que a escola está devendo... Isso é roubo! A comunidade não acredita mais nas mentiras colocadas pelos presidentes, que na verdade, a maioria é caloteira. Essa é a minha opinião. Por isso o samba está nesta situação moribunda, morrendo, com as quadras vazias.

3. Como eram os desfiles antigamente na Rio Branco?

R: Os desfiles eram maravilhosos! Muito luxo, criatividade. Era uma disputa sadia. A Av, Rio Branco ficava completamente lotada. Eram quatro dias de desfiles: sábado, domingo, segunda e terça-feira. A população participava, as quadras ficavam lotadas... Era show! Quem viu, viu... hoje não vê mais.

4. Quais momentos pra você foram mais marcantes desde o início de seu contato com o carnaval?

R: Foram muitos amiga Débora. Se for enumerar, vai dar muitas laudas. Mas podemos destacar o Mascarada Veneziana, da Feliz Lembrança, que fez o diferencial nos desfiles. Numa obra do José Carlos Lery Guimaraes, foi um show. Os desfiles marcantes da Turunas do Riachuelo e o primeiro carro alegórico com movimento apresentado pela Real Grandeza, no famoso Carro das Margaridas, que giravam em todos os sentidos, foi marcante também. O tetra campeonato da Juventude Imperial e no meu caso, ser homenageado ainda vivo como enredo da Escola de Samba Unidos das Vilas do Retiro, na época dirigida pelo Jorginho, que infelizmente está num patamar maior. Minha passagem pela Império Serrano também foi marcante.

5. Durante a década de 70, o Carnaval na cidade alcançou seu ápice, mas a partir de 80 decaiu. Na sua opinião, a que se deve essa queda?

R: Acho que foi o trabalho errado dos presidentes das agremiações. Não teve uma reciclagem, não teve uma renovação de dirigentes. É aquele pensamento de "eu sou o dono, eu que mando. Aqui quem manda sou eu". Eu tenho 30, 40 anos de escola e ví que isso atrapalhou e muito o nosso carnaval, e principalmente as Escolas de Samba.

6. Na sua opinião, o que antigamente tinha envolvido por trás do carnaval para atrair tantas pessoas como atraía em meados de 70?

R: Não tinha tecnologia avançada como hoje. A diversão era partir para os ensaios das Escolas de Samba, que era de segunda a segunda e ficavam todas lotadas e com gente bonita. Só pra você ter uma idéia Débora, a fila na quadra da Real Grandeza para ensaios, começa na portaria na Rua Carlos Otto entrava pela Av Sete e ia até nas proximidades da padaria na mesma rua. Na Juventude Imperial era a mesma coisa, como também na Turunas e no Partido Alto, sem contar, é claro, a Feliz lembrança. Era bom demais! Você saía de um ensaio e ia pro outro. Tempos que não voltam mais...

7. E a Liga? O senhor já participou dela em vários momentos. Como o senhor avalia esse desenvolvimento durante esses anos?

R: Quanto a Liga, estou entre idas e vindas na diretoria da Liga desde a sua fundação, mas, na verdade a diretoria fica amarrada, devido ao estatuto da entidade que fica nas mãos dos presidentes das agremiações, que só querem levar vantagem e não nada fazer. Até para aprovar um assunto várias discussões são geradas, que não levam a nada. Os presidentes que passaram pela Liga tem e tinham vontades de incrementar o Carnaval, mas devido as "cabecinhas curtas" dos presidentes das Escolas de Samba, está tudo como está. Hoje, a Liga está falida, sem dinheiro em caixa pra promover um grande show e buscar recursos para as Escolas de Samba, mas os dirigentes com direito a voto (presidentes) travam tudo, fora a questão que envolve a política interna, que é um absurdo.

8. Depois que o desfile passou para a Av. Brasil, muitos foliões dizem que piorou o carnaval. O senhor acredita nisso? Porque?

R: Para quem desfila o local é excelente, pra quem assisti tem que melhorar alguma coisa, como transporte e conforto. Acho que não piorou não. Está faltando credibilidade das escolas. O povo gosta de ver coisa bonita, rica, o que não está acontecendo.

9. Sente saudades de que das épocas dos antigos carnavais? Porque?

R: Claro que sinto Débora. Era só curtidão, brincadeiras nos clubes, sem violência. A gente tinha uma turma que fazia fantasias para brincar nos bailes carnavalescos e descer a Rua Halfeld. Hoje não tem mais isso... Nas Escolas de Samba, tinha rivalidade internas sim, mas no bom sentido. Era saudável.

10. A que se deve, na sua opinião, o desinteresse do público hoje no carnaval da cidade?

R: Transparência e credibilidades dos dirigentes. O público sabe o que vem acontecendo nas Escolas de Samba. Não são todos, mas a grande maioria, infelizmente, está no meio.

11. Tem sido feito atualmente, no caso do Corredor da Folia, a intenção de atrair o público para o carnaval de rua. Como o senhor avalia essa ação?

R: O Corredor da Folia foi um grande achado por parte da Funalfa e Prefeitura. Dar o entretenimento para o público naquela semana que antecede o carnaval, com várias atrações em diversos pontos da cidade. Acho positiva a atuação do Corredor da Folia.

12. Fala-se até hoje na construção do Sambódromo na cidade. O senhor acredita que isso seja viável e venha até a melhorar o carnaval local?

R: Acho que é um sonho. Não temos escolas capacitadas pra receber esse investimento. Primeiro, os dirigentes terão que mudar a mentalidade. Eles tem que resgatar o público para dentro das quadras, ai sim poderíamos pensar em sambódromo, pois é um investimento caro. É muita grana a ser envolvida na construção que, é lógico, durante o ano, poderia ser utilizado pra outros eventos.

ENTREVISTA C:

Entrevista com TONINHO DUTRA

(Superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage - Funalfa)

Data: 18/12/2013, às 17h45 (duração: 30 minutos)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Quando começou seu envolvimento com o Carnaval?

R: Eu tenho uma relação com o Carnaval da cidade desde os meus primeiros anos de vida. Minha família era freqüentadora dos desfiles das Escolas de Samba e dos ensaios nas quadras das Escolas. Então eu conheço, por vivência, bastante da história do Carnaval, da qualidade das Escolas e dos blocos. E eles ascendiam para condição de Escola de Samba - Real Grandeza foi um bloco carnavalesco durante um bom tempo - e, de sentar na beirada do meio fio da Rio Branco, na escadaria da Catedral para ver os desfiles durante anos e depois nas arquibancadas. Nunca desfilei, mas sempre acompanhei esse trabalho. Depois de adulto, tive umas fases mais presentes. Já fui jurado três vezes. Aí, a partir de 2009, eu passo a assumir a organização do Carnaval pela Funalfa.

A partir daí, você começa a conhecer por dentro, as facilidades e as dificuldades, a questão do local, que é uma discussão até hoje, né? Se é apropriado ou não. Durante muitos anos houve o debate de que o Carnaval tinha que voltar para a Avenida Rio Branco, mas houve uma grande transformação nesse discurso. Hoje, ele praticamente inexistente, porque qualquer cidadão que observa a cidade percebe que qualquer batida que você tenha na Rio Branco, ela interfere no trânsito da cidade inteira. Aquele (na Avenida Brasil - **grifo meu**) é o melhor local, mesmo ele não sendo o local ideal. E a gente tem que continuar essa discussão.

O trabalho das Escolas diferem muito de estilo. Acho que o Carnaval nos últimos anos perdeu muita característica de comunidade. O discurso dos diretores da escola é "estou com a minha escola pronta, agora vou correr atrás de componente". Menos ensaios, menos freqüência, menos participação da comunidade. É um Carnaval que não passa o bastão. Eu puxo muito essa discussão com os dirigente, como a Juventude Imperial, de que nós já estamos com os cabelos brancos, não somos eternos, então temos que passar pra frente isso. Porque as pessoas só vão aprender fazendo. As pessoas tinham que estar dentro das quadras, participando. Essa transferência do "saber fazer" é que tinha que estar sendo feita, naturalmente como se acontece em qualquer tradição popular. As pessoas vão indo, vão aprendendo com os mestres e vão se tornando mestres. E depois, em décadas, elas serão as pessoas que vão estar tocando aquilo ali e mantendo a tradição viva. Não tendo isso, eu tenho uma preocupação muito grande, porque, como é que vai ficar esse Carnaval daqui há alguns anos? Não adianta dizer que "a gente não quer um modelo tal, um modelo X ou o modelo Y", mas se você não tiver uma proposta pro modelo atual, ele pode, mesmo não sendo do gosto de ninguém, se perder. Mas tem o lado bom. Eu acho que o Carnaval é forte. A gente acaba se surpreendendo com a qualidade mostrada na avenida. Acho que precisava de um pouco mais de investimento das Escolas durante o ano, na preparação dos desfiles, na busca de componentes, dessa coisa do pertencimento, que antes tinha, mas que

hoje não. Por exemplo, uma porta-bandeira passar de três a quatro vezes na avenida em diferentes Escolas. Não é mais a agremiação do coração, a de escolha. Ele está ali a convite, porque gosta de desfilar. Então algumas coisas tem que ser revistas e procurar um lugar nisso tudo. Porque o grande problema é sempre olhar pro que foi e nunca projetando o que pode vir a ser. Claro que foi bacana, mas a gente não consegue hoje ser como antes, vamos projetar um novo cenário, vamos projetar uma nova possibilidade. Eu brinco com os dirigentes assim "vamos olhar mais pro Carnaval de Rio Novo e menos pro do Rio de Janeiro. Vamos olhar mais pro interior". Eu lembro quando estava no meu segunda ano de mandato, cheguei da avenida, liguei a televisão em casa e estava passando o desfile da Unidos do Salgueiro. Aí um cara falava na TV que aquele carro tinha custado R\$ 500 mil. Aí eu pensei: "Nossa! Que distancia a gente tem disso!". A gente consegue R\$ 600 mil pras 13 escolas e um carro só lá, gasta R\$ 500 mil. Então, é pra esse Carnaval que a gente tem que olhar? É nesse modelo que a gente tem que se inspirar? Tem que andar pra frente! Porque Juiz de Fora foi o melhor Carnaval de Minas, foi a Manchester Mineira, e fica nesse "foi, foi, foi" e não consegue olhar pra frente, criar novas vocações, pensar em novas formas de adquirir recursos. Mas acho que tem coisas de muita qualidade sendo feita no modelo atual.

2. Um ponto que percebemos é o fato de que muitos falam que o "Carnaval está morrendo". Pra você, a que se deu essa situação, porque isso está acontecendo?

R: Antigamente você pegava um carnê da Feliz Lembrança ou de outra Escola e você ia pagando oito prestações, cinco prestações, para você desfilar. Aí você se preparava oito meses, cinco meses para ter aqueles dois dias, porque antes eram dois dias de desfile. Aí acontecia uma chuva e toda a sua preparação se prostrou diante daquela situação, o desfile ficou minguido, não teve aquela expectativa cumprida. Com a onda do Axé e demais músicas no Carnaval, se você está de calça e sapato, você entra naquele ambiente, naquela onda ali, sem nenhuma preparação prévia. E isso foi acontecendo. As manifestações mais informais foram ganhando mais massa de público. E a questão da viagem também começou a ganhar muita força, as pessoas irem pro litoral, irem para cidades que tem um Carnaval diferenciado. Mas não acho que isso seja um grande problema. Eu falo muito isso também, porque a cidade tem 600 mil habitantes. Se a metade viajar, ainda tem 300 mil pessoas na cidade, o que não acontece da metade viajar. Dessas 300 mil, se você pegar 5%, são 15 mil pessoas, o que garantiria a lotação de cinco vezes da nossa capacidade de pessoas na avenida assistindo ao desfile. Então não acho que a resposta esteja aí. Eu acho que está na questão do envolvimento, do que elas querem assistir, do modelo que precisa ser repensado, maior rapidez de uma escola pra outra, porque uma senhora que vai assistir, ela cansa. Chega duas horas da manhã ela quer ir embora. Então se tivesse uma duração mais rápida, um desfile ser mais ágil, de repente melhorava. Uma Escola do Rio, se eu não me engano, ela tem 80 minutos pra desfilar, e muitas vezes elas passam em média uns 4 mil componentes. Nós temos Escolas com 600 componentes que tem 70 minutos, ou seja, 10 minutos a menos para desfilar com um quinto do número de pessoas que as do Rio. São coisas que precisam ser mexidas. Mas quando você vai tocar nesses assuntos, quase vira a Terceira Guerra Mundial. Acho que a gente precisa ter coragem para enfrentar esses desafios. Ninguém quer que o Carnaval acabe é uma diversão bacana, mas a cidade podia ter um Carnaval em outro patamar, mas tem que se mexer em algumas coisas que são consideradas intocáveis, senão vamos sempre discutir a mesma coisa. Entra ano e sai ano e a gente fica na mesma, parecendo cachorro mordendo o próprio rabo.

3. E você tendo contato direto com as escolas, vivendo nesse contexto, com o carnaval que temos hoje, você acha que tem como ele voltar a ter a grandeza que ele já teve em outros tempos?

R: Eu não sei se tem como ele voltar a ter a grandeza que ele já teve, mas acredito que tem como sim ele ser algo maior do que é hoje. Acho que para isso acontecer, tem que ter uma maior união entre os integrantes das escolas, maior tempo de preparação, busca de envolvimento comunitário, para as pessoas se sentirem mais englobadas ali. Um pai que tem um filho numa Escola de Samba vai querer vê-lo desfilar. Um cara que tem uma namorada desfilando vai querer ver. Então é essa questão do envolvimento comunitário que vai buscando outras pessoas. A questão de envolver a comunidade na confecção de adereços, uma oficina para que as pessoas possam aprender a fazer as fantasias. Eu sei que ele pode vir a ser muito importante e interessante para a cidade.

4. Sobre as ações que você realizou na Funalfa. Quais as que você considera mais eficaz e porque?

R: Eu gosto muito de umas coisas que a gente fez. Eu gosto muito do Corredor da Folia, que trouxe um modelo de carnaval. Eu gosto muito do trabalho que a gente faz do Gente em Primeiro Lugar, que está atendendo 5 mil crianças, adolescentes e jovens. Esse é um modelo novo de cultura pra cidade. Isso eu sei que a gente trouxe de novo pra Funalfa e é muito significativo. Criamos o Centro Cultural Dnar Rocha, que é a evolução desse programa, além da ampliação do direito a vivência da cultura que pra mim, é o que eu tenho muito orgulho de ter feito e de continuar fazendo. E o Carnaval é uma grande questão dessa vivência ao direito da cultura, e por isso que as vezes quando a gente quer conversar. Não significa que as interpretações ruins que as vezes vem não são válidas. A gente está trabalhando com dinheiro público. Investimos todos os anos em 1,5 milhão de reais nesse carnaval. E nós temos que dar resposta disso pro público, pros órgãos que nos fiscalizam. Eu tenho que fazer com que esse dinheiro seja bem gasto, bem utilizado. Não posso entregar um cheque em branco na mão de quem quiser fazer o carnaval. É um cheque com regras de uso, porque é um dinheiro que você paga do seu imposto. E a gente pode pensar da seguinte forma: as pessoas falam "poxa, não tem escolha política pelo carnaval". Tem sim! Porque esse dinheiro garantiria a construção de uma escola pública a mais. Só no período que eu estou aqui, seriam cinco escolas públicas. As pessoas tem que enxergar que a cidade tem uma arrecadação menor que a sua necessidade, que investe atualmente, que são cerca de R\$ 2 milhões no Carnaval: R\$ 1,5 milhão para as Escola de Samba, R\$ 280 mil no Corredor da Folia e mais R\$ 220 mil de apoio a outros blocos. É muito dinheiro pra nós. Você pensar baseado no orçamento que temos, que é de R\$ 11 milhões pro ano inteiro, você tira dois só pra isso e sobram outros nove. Aí desses nove você tira pagamento de folha, pagamento de aluguel, ou seja, o que sobra de cultura para se aplicado durante o ano é dez vezes menor que o valor aplicado no carnaval. É muito dinheiro investido. Ele pode ser pouco pra quem recebe, mas não pode ser o único investimento. O poder público tem que incentivar. Ele não pode ser o único financiador da cultura. Ele não tem braços e pernas e muito menos capacidade financeira pra fazer isso.

5. Sobre a questão do incentivo, vemos muitas Escolas de Samba esperarem a verba dada a elas pra fazer o Carnaval. O que mais deveria ser feito para ter essa mobilização nas escolas durante o ano inteiro?

R: Conscientização de que o poder público não pode e não vai ser o único financiador dessa festa, assim como nenhuma modalidade de cultura. Porque não tem como pagar a conta final. Se o poder público foi financiador de toda e qualquer cultura feita no município, financiador de toda e qualquer modalidade de carnaval, ele não vai ter recurso

pra isso. Você pode usar o recurso inteiro pra cultura que o município tem, que você não vai cobrir. É um assunto que deve ser tratado com muita delicadeza e consciência. As pessoas tem que entender que não temos um saco de dinheiro e nem que ele brota do chão. Nós temos um limite, uma ação orçamentária que tem que ser cumprida. E eu tenho que trabalhar com esse orçamento ano a ano e fazer funcionar.

6. Especificamente do Corredor da Folia, de onde surgiu a idéia e como foi a receptividade do público?

R: Em 2008 a gente criou o Corredor Cultural e teve uma resposta muito bacana da sociedade. A gente percebeu que as pessoas estavam ansiosas com esse tipo de trabalho. E os artistas contribuíram muito. Chamamos os aprovados na Lei Murilo Mendes, outros contratamos e foram com o cachê possível que tínhamos e toparam, e tem sido um grande mosaico do que é feito na cidade. E através de pedido, referendado em pesquisa, que tivesse um Carnaval de um outro modelo. Que mantivesse o tradicional, mas que tivesse um de outro modelo, coisa nova. Tínhamos uma equipe que pensava o carnaval. Um belo dia, um membro dessa equipe pegou e falou que podia repetir a questão do Corredor Cultural, mas fazendo o Corredor da Folia. Fazia uma semana antes do carnaval uma concentração de atividades. No início a gente pensou em uma coisa bem maior, mas como não tínhamos dinheiro, fizemos uma coisa mais encolhida e deu certo. Tivemos a adesão de várias entidades que toparam participar e que teve uma resposta excelente. Tem horário de começar e de terminar. Isso também é um conceito do Corredor, pois a sua diversão não pode atrapalhar aquele que não quer participa, já que é um espaço público. Por isso, a gente sempre termina as atividades na rua, as 22h30, esse é o limite. Isso também contribui para que não tenho o consumo excessivo de álcool, que gera as vezes muitos conflitos. Quando não tem um conflito, você minimiza os problemas. Então trouxemos coisas tradicionais como as Domésticas de Luxo, que se reencontraram no Carnaval da cidade com o Corredor da Folia, e os novos, como o "Parangolé Valvulado" que não é um bloco com samba enredo, mas com frevo enredo, que é completamente diferente do perfil do "Come Quietto", que é um bloco mais elitizado, da Zona Sul da cidade, e que reúne um grande número de pessoas. Não tem quem é melhor do que o outro. Ambos tem suas características e tem espaço na cidade. É isso que quem é do Carnaval tem que entender. As pessoas acompanham a programação, pois tem espaço pra todos. E se eu fui hoje num evento desse e curti, quem sabe eu fique na cidade no Carnaval ao invés de enfrentar congestionamento na estrada e filas nos mercados das cidades praianas. As pessoas chegam perto de mim e falam "poxa, estou conhecendo um carnaval que eu não conhecia na cidade. Vou repensar em viajar". Ou seja, criou um elo importante, que muitas vezes é ignorado nessa briga que se cria, essa polarização que existe entre esses dois modelos. Elas tem que somar, tem que virar um Carnaval único.

7. E o Carnaval deste ano que será antecipado. Como ele vai ser já que o Corredor é uma semana antes do festa?

R: Esse era um pedido da Liga das Escolas de Samba de muitos anos. Tinham uns 4 anos que discutiam isso. Teve mudança de governo e outras coisas que atrasaram isso. Sempre acontecia alguma coisa que atrasava. Então agora, nós nos comprometemos na Câmara a fazer um estudo sobre essa antecipação Fizemos e mostramos que era possível e viável . E esse ano pra gente tudo é Carnaval. O Corredor da Folia vai estar entre os desfiles das Escolas de Samba. A gente começa com ele, tem o desfile, aí começa a semana do Carnaval tradicional e termina com o desfile da Banda Daki, no sábado. Então serão 10

dias de Carnaval da cidade. Sobre o público, não sei dizer se vai dar certo ou não. É algo a ser testado. Esse e o ano seguinte vamos fazer de teste e ver se vai dar certo ou não.

ENTREVISTA D:

Entrevista com JOSÉ FRANCISCO GARCIA (ZEZÉ GARCIA)
(Sambista e "baiana" de Juiz de Fora)

Data: 08/01/2013, às 17h30 (duração: 40 minutos)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Como começou seu envolvimento com o Carnaval? Descreva essa fase.

R: Eu comecei no Carnaval porque antigamente tinha o chamado Bloco de Sujo. A gente se vestia de sujo e ia pra rua. Eu morava no Costa Carvalho, hoje atual Bairro de Lourdes e como a gente era amigo do pessoal do Poço Rico, juntava a turma e ia, tampava a cara e ia pra rua. E aproveitava o dia. A noite a gente ia ver os desfiles da Turunas, Feliz Lembrança e Castelo de Ouro. O desfile era na rua Halfeld. Mas antes de ter o Carnaval, a gente tinha batalhas de confete, que aconteciam em vários pontos da cidade. Tinha no Mariano (bairro Mariano Procópio - **grifo meu**), tinha na Avenida Sete, tinha no Alto dos Passos, São Mateus, Benfica, em Santa Terezinha. E tudo isso era animada pelo Couri (Antônio Couri - **grifo meu**), o pai do Natalino Cury que era o dono da Casa Brasil. Mas as melhores que tinham era na Rua Halfeld e na Marechal. A Marechal encerrava o Carnaval, onde o Couri montava um palanque em frente a loja dele e entregava as taças ao melhor. Aí ficava aquela disputa entre Feliz Lembrança e Turunas pra ver quem sairia em primeiro. Ficava até tarde. Nós passamos muito sufoco, porque naquela época a sociedade não dava um pingão de apoio, porque quem saía na Escola de Samba era "mariquinha, camofa ou vagabundo".

Nessas alturas, em 1950 eu fiquei muito amigo da Iris, que era baiana do Turunas, e a mãe dela falava assim: "se o Zezé for, você pode ir com ele". E ela foi uma das baianas principais da escola, porque tinha o Jairo, que vinha a frente da ala, e ela bonita e sambava muito bem. Era muito bonito. Era um desfile mais simples, não tinha muitas alegorias, os homens eram de calça branca e camisa listrada nas cores da Escola. O Carnaval por si era de muita amizade. Não existia o que está existindo atualmente. Tinha o Carnaval mas você tinha os amigos que iam com você. Você podia contar com todo mundo, porque não tinha condução. Aí terminava duas, três horas da manhã e ia pra casa todo mundo a pé, porque não tinha ônibus. Era muito legal, porque saía todo mundo, a família de todos juntos pra ver os desfiles. Era muito bonito. Era um carnaval família. Todo mundo conhecia todo mundo porque tinha envolvimento. Tinha um bloco que saía do Morro do Sabão, na Avenida Sete, que era uns homens tudo esfarrapado e tinha um com um casco de tatu nas costas e o pessoal ficava cantando: "O tatu tá no pau, atira Antônio. O tatu tá no pau, atira Antônio...", e aquilo carregava mais de duzentas pessoas.

O Turunas tinha o Jairo e a Feliz Lembrança tinha a Pirupita, que era a Maria Helena e a Judith, que era tia dela. O meu primeiro desfile de Baiana foi em 1966, na Turunas, porque o Jairo tinha morrido em 64, aí vieram me chamar. O Manoel Caolho me chamou, e eu aceitei, porque eu gostava muito do Jairo. Ele freqüentava minha casa, minha mãe

adorava ele. Foi um desfile muito legal, porque foi na Avenida Rio Branco e foi o primeiro concurso das Escolas. O enredo da Turunas era sobre Belmiro Braga. A Feliz saiu com Mascarada Veneziana, e a Turunas perdeu e o Ministrinho parou. A Escola então ficou parada de 66 a 72. Aí quando foi em 70 nós começamos a agitar. Luiz Sefair, Meline, Alfeu, Rubens, Pedrinho, a turma toda começamos a agitar pra Turunas voltar. o Sefair pegou como presidente na época. Fomos chamar o Ministrinho e ele disse assim: "o Turunas morreu. Ela nunca mais vai sair". Em 71 não deu em nada, mas em 72 nós saímos. Foi um enredo muito bonito (o enredo foi "Transamazônica" e a agremiação ficou em 3º lugar - **grifo meu**). Nós começamos a lutar e lutar muito. Ensaivamos num lote na rua Batista e daí começamos. Fomos campeão com "Canto à Estrela", com os sambas do Jeová. E o Carnaval pra mim foi assim. Eu sempre sai como eu saia, de dentro do minha casa, nunca precisei de esconder de ninguém. E nunca ninguém me desrespeitou, pelo contrário, sempre fui muito respeitado.

E o tempo foi passando. A Escola cresceu muito. Arrumou a quadra. Eu lembro que eu estava operado e levava tinta pra pintar. Briguei muito com o Luiz por isso. Ele falava assim: "Não mandei você comprar". Aí eu respondia: "O dinheiro é meu e eu compro o que eu quero" (risos).

Mas antes disso, antes de 66 eu saia na Domésticas de Luxo. Fiz muita amizade. Era muito bom. Naquele tempo a gente não desfilava, a gente só ia pra rua. E quando encontrava o Balaio de Gato, quase dava briga, porque a rivalidade era muito grande. Mas eu não gostava da cara preta. Aí saí um ano só assim, os outro eu falei q não ia pintar e não pinteí. Tenho muita saudade dos carnavais da avenida Rio Branco. Muita mãe, muita mulher hoje chega perto de mim e fala: "minha mãe me levava na avenida só pra te ver". E eu falava que ia sambar só quando chegasse perto do palanque, mas não tinha jeito. Ia sambando da Independência até o final. Era um sufoco. A avenida era grande. Mas era bom demais. Tinham os bailes. Os corsos. O Baile do Elite, que ensinou muito branco a sambar. Tinha na antiga PRB-3, tinha baile lá também, na São João. Todo dia tinha baile de carnaval. Aí o tempo foi passando, as coisas foram acontecendo, até que eu me aborreci e não saí mais aqui. Aí deu uma discussão tremenda com o pessoal do Turunas e eu resolvi sair no Partido Alto. Até que eu desisti mesmo e resolvi voltar pra Mangueira, que sempre fui na quadra, pois morei um tempo no Rio, em Madureira, porque trabalhei lá quando eu tinha 14 pra 15 anos.

2. A sua família te deu apoio quando você resolveu desfilar?

R: Quando eu era mais novo eles me levavam, mas quando eu já tinha 15 anos eu trabalhava no Rio, sustentava a casa, então conseqüentemente eu podia fazer o que eu quisesse né? Nunca mesmo ninguém falou nada, sempre me respeitou. Saia daqui dessa casa que eu moro, porque estou aqui a 44 anos, os vizinhos viam me ajudar a arrumar. Era uma coisa fora do comum. Quando eu chegava na rua era uma coisa completamente diferente. E eu nunca liguei pra esse negócio de passar maquiagem na cara, porque eu não sou mulher e eu vou lá pra suar, pra dançar, pra defender a Escola que eu estava desfilando, então não adiantava passar nada na minha cara porque não ia ficar, porque transpira mesmo, a roupa é muito pesada, porque ela leva três tiras de aço: uma no meio, uma na cintura e uma embaixo. Você começa o desfile com ela pesando 20 quilos, no final ela está pesado 80 quilos, pelo cansaço.

3. Sobre o desfile da Turunas, como o público ficou quando te viu?

R: Ficaram maravilhados, porque minha roupa era completamente diferente do Jairo, meu tipo de dança era diferente dele. O Jairo não sambava com o pé. Ele só mexia o ombro e sorria. Eu já sambava. E além disso nós éramos diferente. Eu não tinha altura pra substituir

o Jairo e o tipo dele era completamente diferente do meu. Mas eles não ligaram e quiseram que eu saísse mesmo assim. E fui saindo...

4. E você era envolvido com a escola?

R: Eu era sim. Eu ajudava muito. Começamos a arrumar ala, a arrumar a escola, porque a Escola tinha o coro pra cantar o samba e quem dançava. No coral, por exemplo, quem tinha dente ficava nas beradas e quem não tinha, ia lá pra trás. Tinha que dar uma cara bonita pra Escola, porque já não éramos bem visto, então tínhamos que ajudar (risos).

5. Você foi muito ousado pra época né?

R: Eu digo que eu não fui ousado, eu fui doido mesmo. Mas só consegui o que consegui porque minha personalidade é forte. Mas eu nunca andei em turma ruim. A gente tinha amizade e apoio de muita gente. E as coisas eram diferentes. Tinha muito confete, serpentina e lança-perfume. As pessoas brincavam o Carnaval. Não era igual hoje, que tem gangue pra tudo quanto é lado

6. A década de 70 foi o auge do carnaval. Como que era o envolvimento dos políticos e das pessoas que participavam?

R: Aí nesse período começou a sair mais gente da sociedade nas Escolas, o pessoal começou a ajudar mais. Já era mais gente que vinha, não era mais aquela coisa. As fantasias mudaram, porque antigamente eram as baianas de babadinho e pronto. Aí o Carnaval saiu dali e foi pra Francisco Bernardino, depois pra Getúlio, pra Avenida Brasil, aí não deu mais certo. O melhor era na Rio Branco.

7. E o que você acha que foi acontecendo pro Carnaval decair?

R: As pessoas que gostavam do Carnaval foram deixando, outros desgostando. E tem aquela história de que "fulano está colocando dinheiro da Escola no bolso e tudo mais", e falam mesmo. E sem contar que as coisas ficaram perto, igual o Rio. Você chega lá tem telão, tem show. E tem a facilidade com a tecnologia, de você comprar passagem, ingresso e tudo mais.

8. Atualmente você só desfila no Rio?

R: Só. Vou pra outros eventos lá também, como o "Pagodão do Marcelo", que tem a Alcione. E vou pra Mangueira.

9. E você que viu o Carnaval alcançar um patamar alto e ver ele hoje, qual o sentimento disso?

R: Dá tristeza sabe. Nesses anos que eu trabalhei na Funalfa a gente via que o povo só ia lá com interesse. Acho que as pessoas tem que definir melhor o "gostar". É bater no peito e falar "eu gosto do Carnaval, então vou pra lá assistir, ou desfilar. Eu vou lá só pra aparecer". É assim que tem que ser, pra quem sabe, voltar a ser como era antes. Tem que ter um local melhor, tem que ter emprenho do povo. O povo gosta de samba. Mas não tem quem leve isso pra frente. Eu queria muito antes de morrer ver o Carnaval daqui de Juiz de Fora bem melhor. Porque aqui merecia. Sempre teve um Carnaval muito bonito, maravilhoso, muito espetacular. Quem sabe eu consiga ver né?

ENTREVISTA E:

Entrevista com ISMAIR ZAGHETO**(jornalista e ex-superintendente da Funalfa)****Data: 10/01/2014, às 15h30 (duração: 50 minutos)****Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada****1. Quando começou seu envolvimento com o carnaval de Juiz de Fora?**

R: O carnaval de Juiz de Fora hoje tem uma característica muito diferente dos anos 60. Nos anos 50 ainda existia rancho em Juiz de Fora. Você evidentemente só ouviu falar. Ao mesmo tempo que tinha rancho tinha Escolas de Samba também. Mas a grande expectativa do público em assistir o Carnaval, era pelos ranchos carnavalescos e havia uma disputa muito grande. Tinha o "Não Venhas Assim", "Rouxinóis", "Quem Pode, Pode". As Escolas de Samba tinham a Feliz Lembrança, Turunas do Riachuelo, que eram as de maior expressão. O rancho foi perdendo o sentido, porque tem uma marcha mais lenta, comparada as Escolas, que desfilavam pelo samba. Então elas substituíram o rancho, tempo este que o Carnaval veio para a Avenida Rio Branco. Ele era na Rua Halfeld, com ênfase na Praça João Pessoa, que é ali onde é o Cine Theatro Central. O ápice do desfile era ali. E na Avenida Rio Branco ele ganhou outra dimensão, foi crescendo, a administração municipal passou a investir, como por exemplo, montando arquibancadas metálicas. E ele cresceu muito. Chega um certo momento que o Carnaval cruza com Mello Reis, ao mesmo tempo que surge a Funalfa, que foi até ele que me convidou para criá-la. Naquele tempo eu era sociólogo da Prefeitura. E nós conseguimos montar uma equipe fantástica. Alguns deles infelizmente já partiram. A Avenida Rio Branco ficava toda decorada. O desfile ia da Independência até o Largo Riachuelo. Olha a dimensão! Toda essa área era decorada. E por coincidência o grande decorador dessa época foi o Pimpinela, que foi Rei Momo por muitos anos em Juiz de Fora.

E esse encontro do Carnaval com o Mello Reis foi um casamento perfeito. Ele gostava muito da folia. Ele sempre gostou muito de arte como um todo, tanto que criou a Funalfa. Ele não permitia que a Avenida Rio Branco tivesse desfile se ela não fosse muito bem decorada. E o Pimpinela tinha projetos maravilhosos. Transformávamos em peças que eram colocadas na Avenida.

E sobre o fato das pessoas irem embora da cidade, eu lamento muito ouvir falar isso. Parece até que eles vão fazer uma tentativa de atrair essas pessoas, antecipando o Carnaval. Ao contrário desse êxodo, tínhamos uma fluência imensa. E ela se devia principalmente, a intensa divulgação que nós fazíamos da festa. Porque tem que ser divulgado lá fora. Na época descobrimos isso, o que não é tão difícil de descobrir, mas enfim, fazíamos cartazes pro Carnaval, concurso para tema dos cartazes. O concurso em si já chamava atenção. E depois imprimíamos milhares e milhares, e despachávamos para Guarani, Rio Novo, São João Nepomuceno, Guarará, Bicas, Barbacena, Leopoldina, enfim, na região, e os hotéis ficavam lotados. Ganhavam uma lotação excepcional. Eram disputadas as sacadas do Ritz, por exemplo, que dá pra Rio Branco. Tinham outros hotéis também que as pessoas disputavam as sacadas. Os em frente a Rio Branco esgotavam rapidamente. E era muito interessante, uma disputa fascinante.

Então, esse foi o grande momento. Infelizmente ele só definiu com a saída dela da Avenida Rio Branco. E curiosamente ainda começou a sair com o Mello Reis mesmo, porque começou a ter uma pressão na cidade muito grande, porque bloqueava o trânsito e a administração começou a achar que o desfile estava complicando a Avenida. Também teve

a obra de revitalização ali... Eu sei que acabou o Carnaval ainda com ele mudando de local, e infelizmente mudou sempre pra pior. Ela até teve uma época interessante, quando ela era na Avenida Brasil, próxima ao Terreirão do Samba. Na pior das hipóteses, você tinha uma pista reta, porque parece até brincadeira, mas nossa pista hoje faz curva!... Eu me perguntou até hoje do porque lá... Me criticaram muito uma vez quando falei isso e me perguntaram aonde eu achava que tinha que ser feito o carnaval então, e eu respondi que tem que ser na Avenida Rio Branco. Ai falaram: "Mas vai parar a cidade". Mas gente, essa é a intenção! É pra parar mesmo. É um momento muito importante. É pra atrair o público. Mas enfim...

2. Então seu envolvimento começou com a Funalfa?

R: Não. Eu sempre vivi o Carnaval. Sempre gostei muito. Uma vez uma aluna me perguntou se eu gostava, aí eu respondi pra ela: "Minha filha, eu já tudo que você possa imaginar no Carnaval, até montá-lo eu já montei". Eu já desfilei, já vi, já fui diretor de Escola de Samba (foi diretor da Rivals do Samba, escola que desfilou em meados da década de 50 - **grifo meu**), como folião, já participei das Domésticas de Luxo. Foi muita coisa que eu já fiz.

3. Quais as ações que você realizou na Funalfa que você considera mais importante?

R: Em processo de produção cultural na cidade, a Funalfa foi a grande alforria dos artistas. O Mello investiu muito em cultura, sabe? E uma das coisas, das melhores coisas que a gente fez, foi criar a Funalfa. Você tinha duas instituições: a Secretaria de Cultura e o DAT. A Funalfa nasceu na extinção desses dois. o DAT já não tinha mais sentido mesmo. E a secretaria, por ter a cultura sendo desenvolvido por ela, ela fica engessada. Qualquer coisa que você desenvolve dentro de um órgão e não tem como expandir, ele fica engessado. E a produção cultural da cidade expandiu de uma tal forma depois da criação da Funalfa. Nós fazíamos no mês de Julho, o projeto Tear, que tinha shows, apresentações de arte dos artistas da cidade de todas as áreas. Tinha um palco imenso e passava por 30 dias tudo que Juiz de Fora podia produzir em arte e cultura. Essa é uma das coisas que a Funalfa fez na época. Reunimos também toda a produção de Carnaval em disco. Reunimos toda a produção literária da cidade em antologias, os prozadores, poetas, realizamos gincanas, e por aí vai. Fiquei até 82 na Funalfa. Ela foi criada em 78 e eu fiquei até 82, quando o Mello saiu.

4. Como era o trabalho da sua equipe na montagem do Carnaval?

R: Nós fazíamos primeiro o concurso do cartaz. Com ele pronto, fazíamos uma grande divulgação no interior de Minas, nas cidades da região. E essa equipe era ótima, mas infelizmente dois dos mais empolgados morreram, que foi o Arnaldo Ferreira e o Paulo Botti, que morreram no ano passado. Então, dois meses antes fazíamos essa divulgação, que era incansável. Saíamos de manhã e voltávamos a noite. E onde quer que você circulasse na Zona da Mata, você encontrava a divulgação do Carnaval de Juiz de Fora. Hoje em dia não vemos mais cartaz com divulgação. Ela é muito em cima do evento, isso quando tem. Em seguida a isso, fazíamos a Revista Oficial do Carnaval também. O Messias da Rocha me ajudou muito. Então era muito intensa. Tínhamos o compromisso de fazer um bom Carnaval, e fazíamos, porque a equipe era muito boa mesmo, muito eficiente.

É nesse tempo que a cidade toma contato com a arquibancada metálica, que alugávamos e depois compramos. Era um Carnaval muito bonito. E o povo correspondia. Os hotéis ficavam lotados, as pessoas dormiam na fila de compra de ingresso. Tínhamos os bailes dos clubes também. Eu saía aqui da minha casa, do Bom Pastor, pra caminhar de

manhã bem cedo, você tinha que ver a porta do Clube Bom Pastor O pessoal com colchonete, cadeira, tudo esperando na fila pra comprar mesa pras festas. Era impressionante.

5. Vocês ajudavam na montagem dos bailes também ou não?

R: Não. Nós apoiávamos, pois tínhamos que fazer o roteiro do Rei Momo e da Rainha, pois eles tinham o compromisso de se fazer presente em todos os eventos que tivesse na cidade. E eles iam. Mas era só uma ajuda. Nosso compromisso era com a Avenida Rio Branco. E é triste, porque eu acho mesmo, que o Carnaval tinha mesmo que ser na Rio Branco. Se eu tivesse lá na Funalfa até hoje, faria o Carnaval lá. É um palco natural. Eu falava isso na década de 70: é pra parar a cidade mesmo. Mostrar para as pessoas que aqui é o 2º melhor Carnaval do país.

6. Fala-se muito ainda da construção do Sambódromo da cidade. O senhor acha que a saída da Avenida Brasil seria uma solução?

R: Seria sim. O Carnaval do Rio aumentou sua popularidade e chegou aonde chegou, porque saiu da Avenida Getúlio Vargas e foi pro Sambódromo. Acredito que aqui em Juiz de Fora, tendo um melhor lugar, mais adequado, com melhor decoração e iluminação, além de uma intensa divulgação, acredito que ele retorne a um patamar maior. Mas pra mim, o melhor lugar é a Avenida Rio Branco.

7. Como era o seu envolvimento com os dirigentes das Escolas?

R: Nesse tempo eu brigava muito com as Escolas, mesmo tendo um envolvimento muito bom com os dirigentes, mas eles tinham uma forma de vida muito inadequada, de só se movimentar próximo do Carnaval. A quadra tem que ser um ser vivo, tem que ter um movimento o ano inteiro. Hoje não mudou, mas pra você ver, eu brigava desde a década de 70 com isso. Dávamos a verba sim, mas acho que as Escolas tinham que fazer algo mais em suas quadras, porque a municipalidade ajudava muito na questão do local próprio para as agremiações. Então se elas já tem um local porque não usá-lo, fazer algo aquele espaço pra conquistar laços fortes com a comunidade e acima de tudo, fazer renda? Porque é muito caro pra fazer um bom desfile e só a verba não dá.

8. Em 81 surge o Departamento de Promoção, o Deprom. Como ele funcionava? Era junto com a Funalfa?

R: Não, não era. A criação dele se deu porque como a Funalfa tinha muitas coisas pra resolver, e o carnaval tomava tempo, o Mello Reis criou o Deprom pra tomar conta do evento, mas só naquele momento, e juntava várias secretarias, que iam de acordo com as funções, por exemplo, a Secretaria de Obras pra montagem das arquibancadas, e por aí vai. Mas funcionava só para o Carnaval.

9. E vinham muitos artistas pra cidade também, não é?

R: Nós os convidávamos pra assistir o desfile, como o Edson Celulari, que fiquei sentado muito perto dele. A maioria vinha através de convite do projeto Tear, que participavam, a gente convidava e eles vinha no Carnaval. Era um investimento que a cidade tinha que fazer, mas na época não era tão caro assim não. Eles nem cobravam cachê. O que fazíamos era hospedá-los num bom hotel e ir buscar e levar para a avenida. Soltávamos do carro no início dela, mesmo podendo entrar lá com o carro e estacionar perto do camarote, mas desembarcávamos lá e vínhamos andando com eles até o lugar que ficaríamos. E o povo ia a loucura. Não tinha como não vim pro Carnaval de Juiz de Fora. Porque tinha que fazer esse tipo de coisa pra atrair o público mesmo, principalmente o de fora.

10. A que o senhor acha que se deu essa queda então, esse desinteresse do público e da própria comunidade em relação ao Carnaval?

R: As pessoas se acomodaram. Antigamente as Escolas tinham grandeza, e cabe a elas trabalharem essa grandeza. Hoje tem a Liga das Escolas de Samba, que antes não tinha no meu tempo, que ajuda e facilita mais a organização. As pessoas tem que brigar mais, querer mais. Eles aceitam, por exemplo, desfilar numa pista curva! Antes as pessoas tinham paixão. E está nas mãos dos dirigentes passar isso pra comunidade, essa energia... Infelizmente, hoje virou motivo de piada nosso carnaval. É triste, principalmente pra quem viu como ele foi e o que ele se tornou.

11. E onde o senhor acha que nessa parte do governo foi falha?

R: A liderança ainda fica com o Prefeito. Pra mim, começou com a saída da Rio Branco e o fato de não ter buscado um local definitivo. Essa mudança de local constantemente esfriou o Carnaval. Local é fundamental. Sem campo, por exemplo, não tem futebol. E tem que ser um local adequado. Tudo começa dali.

ENTREVISTA F:

Entrevista com EDYNEL RAIMUNDO VIEIRA

(Compositor de samba enredo de Juiz de Fora)

Data: 11/01/2014, às 15h00 (duração: 42 minutos)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Relate quando começou seu envolvimento com o Carnaval de Juiz de Fora?

R: Já fazem mais de 40 anos. Não sei exatamente precisar quando comecei, mas sei que já tem esse tempo, porque eu tinha 14 anos na época que comecei. Minha família sempre foi envolvida com o Carnaval. Minha mãe era porta-estandarte da Turunas do Riachuelo. Meu pai também era envolvido, ele tocava na bateria de lá também. Foi passando de pai pra filho. O meu tio, o falecido Bebem, era um dos improvisadores das Batalhas de Confete. Então eu tinha minha família participando no Turunas do Riachuelo. Mas a turma que eu andava, que eu conhecia, a maioria deles era do Largo do Cruzeiro e São Mateus, apesar de eu ser nascido e criado no Manoel Honório. E esse pessoal era do Partido Alto, ele era bloco na época. Gostei e resolvi ficar na Escola. Ia para os ensaios, as vezes até sem dinheiro, porque sabe como é adolescente, as vezes tem, no outro dia não tem. Eu atravessa a cidade a pé pra ir parar lá no Largo do Cruzeiro. E foi lá no Partido Alto que eu iniciei na bateria. Mas foi um ano apenas. Tanto é que o Partido Alto tem 46 anos e eu tenho 44 anos que estou lá. Já no segundo ano passei pra ala de passistas e formei uma dupla com a Tereza (atual esposa de Edynel - **grifo meu**) que era da ala. Era naquele esquema tipo gafeira.

Escrever samba eu já escrevia, mas ficava receoso de chegar perto de um intérprete. Era praticamente uma criança, com voz de moleque ainda. E naquela época eu já despontando como a grande promessa do Carnaval. Aí um dia criei coragem e apresentei o samba. A concorrência na escola mais uns quatro, cinco anos... Aqui no Manoel Honório tinha um bloco chamado "Flor da Mocidade", que chegou até a disputar o terceiro grupo dos

desfiles. Eu comecei a compor nele e fui desenvolvendo. Apesar de eu chegar a final, a disputar uma final demorou cinco anos pra eu ganhar o primeiro samba, que foi em 81, na Acadêmicos do Manoel Honório. De lá pra cá, não teve ano que eu passasse sem ganhar um samba. Tanto aqui, quanto nas cidades vizinhas, como Rio Novo, São João Nepomuceno, Santos Dumont, Três Rios, além de cidades do noroeste fluminense, como Cabo Frio, Santa Maria Madalena, Trajano de Moraes, Macaé. Eu comecei a viajar, na década de 80 e comecei a vencer concurso lá. Em Santa Maria Madalena foi o segundo lugar que eu ganhei, em 82. Aqui em Juiz de fora foram praticamente todas. Só não fiz samba ainda pra Mocidade Alegre do São Mateus e Unidos do Retiro. E tem coisa que eu nem lembro mais a letra, porque foram muitos. Até o presente momento, foram 89 sambas meus que já foram pra avenida. Mas pra ganhar isso, perdi mais de 100. Teve ano que ganhei em quatro lugares, três, e por aí vai. Até chegar no clímax que foi a Portela, em 2000.

2. Teve algum que você considera mais importante?

R: É difícil enumerar a importância deles e o gosto. Quando a gente ganha na Escola da gente, é uma coisa. É importante. Principalmente se a Escola ganha o Carnaval. Mas tem outros que não tem como definir, como a Portela. A emoção, o nível e a dificuldade foi completamente diferente daqui. O primeiro samba também que eu fiz, que foi no Manoel Honório, inclusive ela foi campeã neste ano. Na verdade, todas as vezes que o Manoel Honório foi campeão foi com samba meu. Um outro samba marcante também foi no Ladeira, da Clara Nunes em 1984, que foi quando o Ladeira foi pro primeiro grupo e dali em diante, nunca mais vences. Foi reeditado, em 2012, e foi campeão. Foi o único reeditado que foi campeão duas vezes. Outro que eu guardo com carinho, também no Ladeira, foi um em parceria com o Paulo Carioca e com o Zezé do Pandeiro, que o enredo foi criticado, todo mundo achou que seria uma coisa pejorativa, que foi "Quem comeu, comeu. Quem não comeu, não come mais", que era uma ode a Zona Boêmia da cidade. Aí o pessoal falou que não ia dar em nada, que era sacanagem, patifaria. E nós conseguimos fazer uma obra prima, e quando o pessoal percebeu isso, o Ladeira já tinha desfilado e passado na frente de todo mundo. Eu tive um prazer imenso também foi na Juventude Imperial, em 1995, em parceria com o Edinho Leal e o irmão dele, Jeovah Leal, que já faleceu. O tema era "Motumbalaxé" e aconteceu uma coisa que mudou o carnaval de Juiz de Fora. A bateria começou a fazer um movimento de braço e dava uma parada pra fazer isso. Aquilo provocou um alvoroço na avenida. E por aí vai.

3. E sobre suas parcerias? Quando elas começaram?

R: Agora, mais recente, tenho uma parceria com o Edinho Leal e com o Zezé do Pandeiro. Com o Edinho, já tinha desde de 1995, na Juventude. Já o Zezé foi de 1999 a 2000, com o samba da Portela. Aí começamos dali e continuamos até hoje. Os meus parceiros mais constantes fora Tiê, João Cobra, Tite, falecido Pelé, Calixto, José Américo. Mas um de grande destaque foi com o Paulo Carioca. Era um ping-pong sabe. Parecia que ele até já sabia o que eu estava pensando. Ele falava um coisa, eu outra, e quando víamos, tínhamos um samba enredo pronto em questão de minutos. Depois era só polir e estava pronto. Tive outros, mas alguns pararam, ou quiseram mudar a parceria. E assim foi indo.

4. A década de 70 teve sambas que são memoráveis, lembrados até hoje. Qual sua opinião, em relação aos sambas que são produzidos hoje com os dessa época?

R: Em termos de qualidade, os de hoje perde e muito. Eu surgi no samba na década de 70, mas fui ganhar na década de 80. Sabe porque? Não era fácil, um garoto de 18 anos competir com Mamão, Roberto Medeiros, Ricardo Barroso, Tuca, Jeovah Leal, Vorney,

Dedé, Flavinho, Valtinho de Paula. Era gente muito boa. A qualidade de sambas da década de 70 e 80 é muito superior aos produzido hoje.

5. E não foi só o samba, mas o Carnaval como um todo decaiu. Pra você, a que se deu esse acontecimento?

R: Acho que falta discussão. Planejamento é a palavra de ordem. A gente vê aqui isso peca. No Rio de Janeiro, por exemplo, claro que não se pode comparar com Juiz de Fora, mas lá se fala em Carnaval, o ano inteiro. Aqui começa a discutir alguma coisa em Setembro, e olhe lá! Isso porque a Liga obrigou, estabeleceu que agora tem que ter o CD com os sambas enredos. Aí tudo é na correria. A escolha do samba foi muito rápido. Não dá tempo de você divulgar, chamar uma torcida que incentiva, motiva e balança a quadra, que carrega o melhor samba, quase que como uma escolha popular, igual tinha antigamente. Antes, quando chegava na escolha do samba era porque ele estava sendo ensaiado três meses antes. E era aquele, escolhido entre 15 a 25 sambas, dependendo do tamanho da Escola. Hoje tem quatro, cinco sambas concorrendo. Quando tem seis já é uma glória. Esse desleixo em termos de planejamento, de organização, porque é cada um por si. E o resultado disso é que afasta público, desmotiva componente e fica desse jeito que está ai hoje.

6. E sobre o antecipação do Carnaval? Qual sua opinião sobre essa ação?

R: Toda experiência pra mim é válida. E eu espero mesmo que tenha sucesso. O que eles querem com isso, no fundo, é resgatar aquelas pessoas que vão pra praia no Carnaval. Porque eles não estão motivados a ficar aqui. O cara vai pra Cabo Frio, Guarapari, chega lá ele gosta e no ano seguinte ele vai, e vai de novo, e se for duas vezes ele não fica aqui mais, porque se ele passa uma vez aqui, ele fica chateado, pensando que perdeu um bom Carnaval lá. Isso acontece porque a cada ano vem decaindo a qualidade do samba, das fantasias, da organização. Acontece também que as coisas estão muito caras, o que não culpo as Escolas nesse sentido, porque o apoio dado pela administração é irrisória, para se fazer um bom Carnaval. Ainda tem esse ano o problema das Escolas terem sido fechadas pelos Bombeiros. Enfim, são vários fatores que contribuem para a queda do Carnaval. Espero, torço pra que dê certo, mas tem aquele negócio também, e se não der? O que vai se fazer? Vai voltar pra data anterior de novo? Mas ela não estava tão ruim que teve que mudar? Então isso é um tudo ou nada, pode ser um tiro no pé.

7. E você que já participou da década de ouro do Carnaval da cidade e participa dele hoje, qual o sentimento que te dá vendo o ponto que chegou?

R: Tristeza. Mas cada época teve um porém. Hoje, o Carnaval é mais luxuoso que antigamente mas é menos autêntico. Não é saudosismo não. Aqui funciona o seguinte: tudo que é bom pro Rio de Janeiro, Juiz de Fora tem que copiar. Mas nem sempre isso funciona. Hoje, aqui, são poucas as baterias que tocam cadenciadas e corretamente. Todo mundo numa correria desabalada. E com isso, chega um determinado momento que a bateria não te acompanha. Você que tem que acompanhar a bateria. Tem alguma coisa errada aí! Mas ninguém dá o braço a torcer, porque todo mundo se acha muito bom. Aí é uma junção de fatores, porque com isso a gente perde melodia no samba, a poesia passa batida também, por causa dessa correria. Dificilmente, no pé que a coisa está, a gente possa obter sucesso como foi na década de 70. É aquela velha história: o que passou, passou. Quem viu, viu, e quem não viu, não verá mais.

8. E quando começou a esfriar o Carnaval na cidade?

R: Os motivos foram vários, mas acho que foi naquela coisa de "Tira da Rio Branco, põe na Francisco Bernardino. Tira de lá e põe na Getúlio Vargas. Tira da Getúlio, põe em outro lugar", e isso já na década de 80. O fato é que isso começou a zonear a situação. Aliada a isso, começou a acontecer um detalhe: as Escolas que começaram a deter maior poder financeiro, começou a doar fantasia pra quem fosse desfilar. Resultado disso foi que, as Escolas que não tinham fazer isso, porque precisavam do dinheiro para pagar os custos, começaram a perder componentes. A partir daí, o visual se tornou quesito principal das Escolas. Antigamente, se você tinha um samba bonitinho, uma Escola arrumadinha e uma bateria boa, você ganhava o Carnaval. Hoje, o pessoal quer ver a Escola que "enche os olhos", então as que não tem condições de pagar por isso, saem perdendo. O samba no pé praticamente não tem. O componente cantando o samba. Isso hoje em dia é raríssimo. Mas não culpo o componente não. É a Escola que não ensaia, que escolhe o samba muito rápido e não ensaia. Antigamente, ensaiava durante muito tempo os sambas pra aí sim fazer o corte e escolher um. Os componentes sabiam cantar. Aí chegava no desfile, cantava a Escola inteira e o povo na arquibancada, porque os que estão ali e sabem o samba é porque acompanham e gostam da Escola. Outro ponto fundamental, é a divulgação. Aqui, ela é zero. A única divulgação que tem é na semana do Carnaval, porque aí é notícia e é comentado. Promoções nas Escolas também são fracas. Antes elas se encontravam mais, faziam seu almoço, sua feijoada, seu bingo. Mas tudo muito próximo ao Carnaval. Aí começa as agremiações a darem cabeçadas uma nas outras, porque tem evento no mesmo dia, por exemplo, no Ladeira, na Juventude, no Partido Alto e no Acadêmicos do Manoel Honório.

9. Você acha que essa paixão pelo Carnaval morreu?

R: Não acho que morreu não. Mas está morrendo. Está no CTI (risos). Hoje em dia eu faço samba pra agremiação que me chamar ou que eu tiver oportunidade, e sou Partido Alto. Antigamente não Quem era Partido Alto, fazia samba pro Partido Alto. Com isso tinha uma rivalidade e um respeito muito grande. A pessoa era daquela Escola, ela fazia de tudo por ela, lutava para ser campeão. Hoje não tem mais isso. A paixão foi deixada de lado e o interesse acabou falando mais alto.

10. Com o advento das músicas como axé e funk, o povo parece que aderiu mais ao Carnaval de rua e deixou o desfile um pouco de lado. Você acha que esse parâmetro musical teve realmente esse efeito ou é o gosto de cada um que influencia?

R: Acho que é o gosto de cada. Mas tem um detalhe: atrás desses tipos de música, e de qualquer uma outro, existe uma coisa muito grande que infelizmente o samba não tem, que é marketing. Eles trabalham isso o ano inteiro. "Vem pra cá que aqui é o melhor Carnaval do Mundo". Se uma quadra fizer um sertanejo no domingo, é capaz de ter mais gente do que num dia de ensaio. Porque tem divulgação dessa festa, o que pro samba não se faz. É rádio, televisão e jornal, tudo dando apoio. Em termo de Brasil, você vê como cresceu o Carnaval baiano. No Rio de Janeiro eles não falam mais de peito aberto que lá o Carnaval é o maior espetáculo do mundo, porque a Bahia já tomou uma fatia disso. O samba, infelizmente é um negócio relaxado. Ele nasceu relaxado e continua assim.

11. E sobre o sambódromo. É muito discutido isso ainda hoje. Ele foi muito comentado em gestões anteriores, mas não foi realizado. E o desfile acabou indo pra Avenida Brasil. Queria que você desse sua opinião sobre o atual local e se o sambódromo seria a solução ou até mesmo o início dele pra esses problemas que o Carnaval passa?

R: Pra ser solução ia depender da credibilidade. Teria que retomar a credibilidade com esse povo que está saindo, que está indo viajar e que a cada ano aumenta. Porém, seria um grande incentivo. Esse local para a construção ninguém sabe aonde ele pode ser. Já teve época que foi discutida, mas ainda não foi resolvido. Juiz de Fora perdeu grades oportunidades a meu ver, porque isso depende de boa vontade política. Nós tivemos Itamar Franco como Governador, como Senador e como Presidente, e nada saiu. Se isso não aconteceu nessa época, acho quase impossível que hoje alguém manifeste interesse por isso. Não sei o pensamento deles do porque ainda não foi realizado um projeto ou a construção desse sambódromo, porque um carnaval que já foi considerado o 2º maior do Brasil e hoje está nessa penúria que estamos vendo, é triste! Quanto a Avenida Brasil, não me agrada. Mas não vejo outra saída senão ali. É muito estranho esse negócio de um Carnaval, de um desfile que tem que fazer uma curva, mas ainda estamos saindo em vantagem porque, por exemplo, Rio Novo o desfile é ao redor da praça. Não estou falando mal de lá, porque o Carnaval é muito bom, mas é o que eles tem. E nós aqui já tivemos coisas melhores e situações boas, mas que não foram aproveitadas. Na minha opinião, acho que o melhor local hoje seria no espaço da Avenida Brasil que compreende a ponte do Ladeira com a ponte da Benjamim, mas do lado do Ladeira. Tem como fazer a dispersão e a concentração ao longo da avenida, e o mais importante, é linha reta.

Mas a gente torce. Sou um cara do Carnaval, torço e vivo do Carnaval, mas o otimismo está fraco. Mas acho que falta deixar a emoção de lado e olhar pra razão, mas torço pra que tudo dê certo.

ENTREVISTA G:

Entrevista com JOSÉ CARLOS PASSOS (ZÉ KODAK)

(comerciante, ex-diretor da Turunas do Riachuelo e General da Banda Daki)

Data: 13/01/2014, às 9h30 (duração: 15 minutos)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Como começou seu envolvimento com o Carnaval de Juiz de Fora? Porque o senhor não é daqui, não é?

R: Não, eu não sou de Juiz de Fora, sou de Bicas, e desde que eu morava lá, eu já gostava de Carnaval. Tinha os bailes infantis e eu participava deles. Começava às 15 horas e terminava às 18 horas. E ali eu aprendi a brincar o Carnaval, porque tinha muito confete, muita serpentina, então, era o verdadeiro Carnaval. E vindo para Juiz de Fora, eu participei aqui também. Eu morava no São Mateus, e vinha pro Centro pra assistir ao Carnaval. Tinha um movimento grande na Batista de Oliveira, na Rua Halfeld, na São João, na Marechal Deodoro, blocos subindo numa rua e passando em outra, e eu achei muito bonito e passei a gostar mais.

Eu trabalhava na época na Galeria Pio X, em 1972, e tinha uma loja lá chamada Ipiranga. A turma que trabalhava lá, que era a turma de estudantes do São Roque, tinham vontade de sair com um bloco no sábado de manhã, porque naquela época o Carnaval era domingo, segunda e terça e não tinha nada no sábado. Então eles fizeram uma reunião no antigo restaurante Rio Lima, onde hoje funciona o Brasão, mas eu não participei porque estava trabalhando, mas conhecia a turma toda. O bloco saiu, e se chamava "Bloco Daki". Ele concentrava no mesmo local que a Banda se concentra até hoje. Então saia dali (Av. do

Andradas, em frente ao Instituto Vianna Júnior - **grifo meu**), passava pela Rio Branco e descia a rua Halfeld, isso às 9 horas, ela não atrasava. E o charme da época era descer a rua Halfeld. Chegávamos nela às 10 horas, e ficava brincando até 12 horas, 13 horas no máximo. Dali subíamos a São João e dispersávamos o pessoal. Uns iam pro Bar do Bolão e outros pro Faisão Dourado, que na época era do lado do Cinema Central. Era bonito, muito bom. E assim, passamos vários anos.

O bloco foi crescendo e não tinha mais como passar na Halfeld, e mudou o nome também pra Banda. Daki, começamos a passar na Rio Branco e seguir nela, até a Catedral. Saíamos as 10 horas, 11 horas, até chegar no horário que ela sai hoje, entre 12h30, 13 horas.

2. E o posto de General? De onde vem?

R: Surgiu em 1995, porque o bloco Domésticas de Luxo, que eu faço parte tem mais de 50 anos, fizeram uma homenagem para mim, e me chamaram de "General da Banda". E como eu era homenageado, eu fui vestido de General. E daí pra frente, virou minha marca. E eu gostei porque faz sentido pois, desde 1979 que eu estou a frente da Banda, porque nessa época que ela foi criada eu era diretor da Turunas do Riachuelo. Fiquei lá de 73 a 79, aí a turma do São Roque virou pra mim e falou: "a Banda só continua se for na sua mão". Eu já estava a muito tempo no Turunas e sempre gostei mais do Carnaval de rua, porque o desfile você vive mais expectativa, você não aproveita, não brinca, e o Carnaval de rua você brinca, até demais. E eu peguei a Banda com muito prazer e a dirijo até hoje. E sem tirar as características dela, como local que ela sai, o horário e tudo mais. Ela vem aumentando a cada ano, e isso é muito bom, e não é só em número de pessoas, mas em segurança e som também. E um fato interessante é que nunca criamos uma diretoria na Banda, porque a graça dela é ser do jeito que ela é. Ela não tem presidente, nem diretor, nem ninguém. Só tem eu que é para organizar, porque é isso que eu faço, eu organizo para que ela saia bem e que tudo dê certo. O negócio é vir do jeito que ela é. Tanto que nosso slogan é "vir pra Banda com tudo que estiver dentro de casa que a mulher não usa. E se não tiver dinheiro, a garrafinha de cachaça está dentro de casa. Só pegar, colocar debaixo do braço e vim". Então a Banda é isso aí, é uma brincadeira que você não tem que pedir nada a ninguém. E acho que é isso que faz ela continuar até hoje, porque é a brincadeira, é o fato de você vim com o que tiver. E isso só faz também com que ela continue por muitos e muitos anos.

3. E como foi o período que você ficou a frente da Turunas como presidente?

R: Eu fiquei muito satisfeito, porque eu entre lá em 74, e eu fui campeão em 74, 75 e 76. Em 77 foi o ano que a Turunas saiu com mais luxo, mais riqueza, com o enredo que falava da Dona Beija, mas não ganhou o Carnaval, pois a Unidos dos Passos veio com um samba muito bonito. Ganhamos em 78, com "A, E, I, O Urca" e em 79 com "É isso aí, nós temos...". Eu acho que minha parte na Turunas foi feita, e a Banda estava precisando de alguém para levá-la pra frente.

4. Hoje em dia as pessoas gostam mais do Carnaval de Rua, participam mais dele do que do desfiles. O que o senhor acha que poderia ser feito para que o desfile também ganhasse credibilidade do público?

R: Carnaval é uma festa popular, tem seus dias pra acontecer. Não tem que mudar época, nem nada. Igual Natal. Natal é dia 25 de dezembro. Imagina se passasse a comemorar em novembro? Tem vários projetos para antecipar, mas ficou faltando um projeto para você oferecer a cidade o que fazer domingo, segunda e terça de Carnaval? Tem pra antecipar, o que eu não acho certo, e não tem nada no Carnaval em si, o que é ruim, porque a cidade

nunca ofereceu algo a mais pra população durante esses dias, a não ser o desfile. Eu acho que tinha que ter programações para esses dias, pra atrair o público, porque Juiz de Fora é uma cidade pólo. Viajam muita gente, mas vem também muita gente pra cá. Então temos como oferecer atração ao povo. Temos ótimos blocos, ótimas Escolas de Samba, temos como oferecer um grande Carnaval domingo, segunda e terça. Juiz de Fora não pode ficar sem ter nada nesses 3 dias.

5. E o senhor realizou eventos como o Baile da Banda Daki e a Batalha de Confete. Porque da criação dessas ações?

R: Na verdade, eu queria era fazer uma semana de Carnaval em Juiz de Fora. Mas não tinha como porque você não tinha entidades pra fazer isso. Foi daí que eu retornei com as Domésticas de Luxo, que estava parada há 10 anos, e eu montei o Bloco do Batom, que é só para mulheres. Fiz a Batalha de Confete porque, para se iniciar o Carnaval, você tinha que ter um Carnaval antigo, dos corsos e tudo mais. Aí agora tem na segunda, véspera da semana do carnaval, a Batalha de Confete, com os carros antigos e todo mundo descendo a Halfeld. E esse ano será melhor ainda pois teremos a participação das Domésticas de Luxo. Acho que deveria sim ser feito um projeto com os órgãos públicos, porque é um evento muito bonito os desfiles dos blocos da cidade, e se é feito uma semana antes, porque não pode ser feito na semana do Carnaval?

6. Você já participou dos dois lados do Carnaval: o de rua e os desfiles. O que pra você aconteceu para ter a decadência e chegar aonde chegou?

R: Foi a participação do povo também, porque não ouve uma renovação do Carnaval da cidade. Em 70 era uma beleza. Tanto é que em 74, o Carnaval cresceu realmente. Então nós tínhamos homenagens bonitas, além de ter um grande vigor dos diretores das Escolas de Samba. Tinha uma turma boa, que tocava pra frente. Eles foram saindo e não houve renovação, e onde ele foi caindo, onde a gente vê, infelizmente em Juiz de Fora, o Carnaval de Escola de Samba hoje praticamente no chão. Então nós precisamos sim parar, assentar e fazer uma programação melhor, com uma verba um pouco melhor. Ele tem como melhorar sim, mas tem que parar um ano ou dois e reformular tudinho pra poder fazer bonito na avenida.

7. A passarela do samba passou para a Avenida Brasil já a algum tempo, e antes, na Rio Branco, a Banda Daki passava por ela. O senhor cogita uma possibilidade de mudar o local do desfile da Banda e ela passar na passarela?

R: Eu tenho um pensamento totalmente diferente. O Carnaval no Rio de Janeiro é no entro da cidade, é em Ipanema, Copacabana, na Avenida Getúlio Vargas. O de São Paulo é na Avenida Paulista. Então o que está faltando é um apoio do órgão público. Nosso Carnaval é na Avenida Rio Branco, tanto o de rua quanto de Escola de Samba.

ENTREVISTA H:

Entrevista com FLÁVIO ALOÍSIO CARNEIRO (FLAVINHO DA JUVENTUDE)
(compositor e ex-intérprete da Juventude Imperial)

Data: 13/01/2014, às 16h40 (duração: 55 minutos)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Quando você começou a participar do Carnaval da cidade?

R: Bom, eu não sou de Juiz de Fora. Nasci em Ubá, mas vim cedo morar aqui, então eu me considero mais de Juiz de Fora do que muita gente. Meu pai batia muito na minha mãe, e ela fugiu pra cá e depois nos buscou. Vim quando tinha 5 anos. A gente morou praticamente que a vida toda aqui no Furtado. Depois, quando eu já estava maior um pouco, com uns 10 anos, nos mudamos pro Dom Bosco, mas acabamos voltando pra cá mesmo. Eu trabalhava de engraxate na época. E aqui no bairro tinha um bloco da Dona Alzira. Ela falava que era abençoada por Nossa Senhora de Lourdes, que esse vila foi o Olavo (ex prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa - grifo meu) que deu pra ela, era louca mesmo, coitada! E ela que fez o primeiro samba do primeiro bloco que teve aqui, o "Unidos da Vila". O samba era assim: *"Pobre que o sereno molhou / Pobre que a poeira pintou / Nosso barraco matou nossa dor / Olavo Costa, Deus que ajude, senhor"*.

Ai apareceu o David do Rio de Janeiro (o presidente da Juventude Imperial, David Chaves - **grifo meu**). Ele chegou cheio de marra, falavam que ele era amigo do Mestre André (ex-mestre de bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, no Rio de Janeiro - **grifo meu**). Tinha um cara que participava do bloco, o Cidinho, que pegou um samba que falava assim *"que anjo bom / que anjo bom / que vivia nessa rua e parecia um tal de tindo lelê oh lalá / A rosa quando viu apaixonou-se / e com ele começou a namorar / o cravo de tristeza foi embora / deixando a sua rosinha pra lá / o anjo que era bom subiu aos céus / deixando todo mundo a cantar / oh tindô lelê, oh tindô lalá..."*, ai na época tinha uma bateriazinha lá do bloco. Mas o David chegou com a bateria dele, porque ele tinha os instrumentos tudo, e o pessoal quase morreu com aquele ritmo, que era mais cadenciado, né? Aí mudou o nome pra Juventude Imperial, e ela começou a arrasar na cidade. Saímos em 64, mas aí a gente começou com o pé esquerdo. Tinha um cara aqui, o Celso Borelli, que tinha uma loja de eletrodomésticos na Batista de Oliveira, estava ajudando o Inocentes de Santa Luzia, que era nossa rival. Aí teve um cara aí que era nosso mestre-sala e ele era um negro metido mesmo, andava de terno, todo pomposo. No dia do desfile, o juiz falou alguma coisa com ele lá, que ele ficou nervoso e xingou o juiz (risos). Aí no dia da apuração, fomos saber da nota e só tinha a da Inocentes de Santa Luzia. Quando fomos procurar saber, falaram que tínhamos sido desclassificados, por causa desse cara.

Aí dai em diante o povo começou a falar que "a Juventude era Escola de Samba, que não era bloco nada, que tem que mudar", mas nós não mudamos. Aí quando perdemos o Carnaval pra Domésticas de Luxo, aí mudou pra Escola. E eu tinha uma ala de passos muito famosa aqui na Escola, que era a Ala dos Lordes. E era assim que eu participava da Escola de início. Em 70 ela ganhou o Carnaval. Em 71 ganhamos de novo. Em 72 de novo. Aí começou a ficai difícil pra ganhar. Foi aí que apareceu o Zezé do Pandeiro. E o Roberto Medeiros (ex-presidente da Juventude Imperial - **grifo meu**), ele era atrevido, né? Ele era cheio de coisa, parecia músico famoso. Aí ele se juntou com o Coronel Félix, porque a burguesia estava toda reunida aqui na Escola, porque estava sem graça os bailes dos salões, aí eles vieram pra Escola. Aí os dois escolheram o tema "Zumbi dos Palmares", e era proibido falar nessas coisas de liberdade e tudo mais, por causa da ditadura. Mas como foi escolhido por um Coronel... pra você ver, ele "botando lenha na fogueira" por trás dos panos. Aí nessa época, teve um festival de música e eu participei com uma música romântica, que eu fiz pra um amor platônico meu, e ganhei. Aí foi um tumulto no bairro, né? Aquela festa. E quem passa na hora? Roberto Medeiros. Aí ele passou, olhou, perguntou o que estava acontecendo e tudo mais. Eu trabalhava de engraxate ali perto do Central. Aí apareceu uma mulher bonita sabe, perguntando se eu era o Flávio e falando que tinha um amigo dela advogado que queria falar comigo. Era o Roberto. Aí ele falou: "Te achei uma pessoa interessante. E a Escola precisa ganhar o tetra campeonato. E pra ganhar,

eu vou te apresentar uma letra aqui". Era a letra do Zumbi. Ele falou que o Zezé já estava mexendo na letra, mas ele queria alguém do bairro pra entrar na jogada também, cativar o pessoal e ganhar. E nós ganhamos. Foi um negócio retumbante.

E desse festival e do lance do Zumbi, minha carreira deslanchou. Eu continuei saindo na ala, mas eu compunha o samba, dava as melodias, essas coisas. E como o Zezé na época era muito requisitado, eu que ficava cantando na quadra nos ensaios, quando ele não estava presente. Aí veio o enredo da Juventude que era "Carnaval do Povo no Mundo dos Astros". E eu tinha na época brigado com o Roberto Medeiros, não queria mais saber da parceria com ele, porque ele queria que eu fizesse uma parceria com o Gilson Campos. Aí não aceitei e resolvi fazer um samba com o Zoquinha. Mas o Zoquinha não se dava bem com o Medeiros, e acabou que nós perdemos num concurso que teve lá. Aí fui encontrar com o Hegel Pontes. Ele também não se dava bem com o Medeiros e com o Zoquinha. Os três era uma coisa, onde encontravam dava briga (risos). Aí ele me perguntou qual era o enredo da Juventude e eu falei que era o "Carnaval do Povo". Aí ele falou: "Semana que vem volta aqui que eu vou te dar um samba pronto". Fiquei curioso. Aí quando passou uma semana fui lá e ele me deu essa letra do *"A Juventude tem um tarol / que anuncia a morte do Rei Sol / agora é noite, é noite enfim / nas mãos do povo, lua cheia é tamborim"*. Aí peguei e fiz a melodia. E na época eu não interpretava samba. Quem cantava na Escola, e ele definiu que seria ele que iria cantar o samba na avenida. Ele mandava aqui no morro. E aí, ele tirou o samba no tom dele na avenida. Ninguém conseguiu cantar. E ele gostava de andar armado, falava que ia dar tiro nos outros que arrumasse confusão com ele. Aí num ensaio eu falei com ele: "Pode deixar que eu vou dar o início do samba aqui". Aí peguei o microfone no ensaio e cantei. Sabe quando eu fui dar o microfone de volta pra ele? Só na quarta-feira de cinzas. (risos). E ele ficava do meu lado, segurando o fio do microfone, e eu pensando "ele vai me matar". Essa foi a primeira vez que eu cantei. E depois continuei. E fiquei até os dias de hoje. Já fiquei, já sai e voltei de novo. E estamos aí.

2. Como você classifica os sambas de antigamente, em comparação ao samba de hoje?

R: A medida que os caras que faziam os sambas foram morrendo, foi caindo a qualidade. Não existe hoje em dia quem escreva melhor que esses caras como Hegel Pontes, Zoquinha, Paulo Carioca e essa turma boa. Tirando alguns que fazem sambas bons, com boas letras, como o Edynel, hoje temos uma colcha de retalhos. Porque eu considero o seguinte, quando a classe média saiu dos bailes e veio para as Escolas de Samba, colocou um padrão em que, os estilos musicais deles tem que ficar. E não é assim. Você perdeu a cadência, o ritmo que o samba tinha. Virou um baile de clube dentro de uma Escola de Samba.

3. Muitos falam que a queda do Carnaval se deu com a saída dos desfiles da Rio Branco. Pra você, isso é válido ou haviam outras coisas já acontecendo?

R: Quem fala isso é quem não tem experiência de Carnaval. Claro que na Rio Branco era lindo, maravilhoso, mas tinham os moradores que não gostavam, tinha muita gente que não gostava. Além de ter que, quando sua Escola saia, outra agremiação colocava um bloco do lado da avenida para atrapalhar sua bateria. A Rio Branco tinha uma certa bagunça, porque o pessoal ficava do lado de fora avacalhando. Pra mim o melhor local está sendo onde ele está, na Avenida Brasil, porque não tem tumulto. O povo que é um pouco incompreensível, que gosta de bagunça mesmo, porque na Rio Branco passava os blocos, a Banda e tudo mais. Agora, o que falta mesmo é o marketing, uma divulgação boa, ou coisas como trazer artistas de fora, como eles faziam. É pra motivar o povo mesmo. Porque nós ficamos a década de 80

todinha desmotivado. Eu acho mesmo que o Carnaval tinha que acabar, porque continuar desse jeito, essa palhaçada, não dá. Porque esses diretores ganham dinheiro com a Escola. Olha que ponto chega! Acho que tem que ter uma disciplina. Se você dá dinheiro público pra fazer o Carnaval, tem que ter uma contrapartida, uma cobrança, ver o que os presidentes fizeram pra comunidade. Mas não tem isso. É uma série de fatores que vão cansando. Tem que mudar as diretorias, principalmente. Se os militares que foram eles saíram do governo, porque os diretores não saem? É horrível isso. Não tem criatividade de criar coisas novas, é sempre a mesma coisa. Por isso que eu acho que, se for pra continuar assim, é melhor acabar, e vamos arrumar outra coisa pra fazer nesses dias.

ENTREVISTA I:

Entrevista com JOSÉ ALMADA MOREIRA (ZEZÉ DO PANDEIRO)
(compositor e intérprete de Juiz de Fora)

Data: 14/01/2014, às 18h30 (duração: 60 minutos)

Entrevista realizada por: Débora Barbosa Almada

1. Quando o senhor começou a participar do Carnaval da cidade?

R: Comecei em 1970. Tem 44 anos. Foi um início até que interessante, porque eu participava de coral, quarteto e nunca me vi cantando samba. Antes de entrar no exército, meus pais não permitiam que eu participasse do Carnaval, porque eles eram evangélicos. Até que completei 18 anos e me vi um tanto "liberado" pra começar meus passos na música. E foi na Vila São Benedito, antigo Arado que eu comecei. Eu praticamente fui criado ali. Eu iniciei meus passos na Escola Castelo de Ouro, que hoje não existe mais. Meu pai gostava de versar, que as pessoas antigamente chamava de Calango. Tinha sanfona, cavaquinho e meu pai tocava pandeiro. E foi dele que eu aprendi a tocar esse instrumento. Tinha um conjunto musical lá no São Benedito, que antigamente chamávamos de regionais, eu tocava pandeiro e cantava bolero, seresta e samba também.

E nessa época, eu participava da bateria, tocava na bateria do Castelo de Ouro. O pessoal da Escola me viu cantando nos botequins e me chamaram pra cantar na quadra, não na avenida. Em 1970 a agremiação saiu com um samba homenageando o futebol da cidade. E eu comecei a simpatizar com a Escola, achei bonito e fiquei. Em 71, a Escola saiu com o enredo "Brasil de Três Raças". O samba, que não teve concurso pra escolher, era do Mamão e do Hegel Pontes. E eles, me vendo cantar na quadra, pediram pra eu cantar o samba deles. Aí eu topei. E foi o primeiro samba que eu sai cantando na avenida, que era mais ou menos assim: *"Três raças, o índio, negro e o português / E no balanço das três / surge a nação brasileira"*, e por aí vai. Eu fui o primeiro intérprete de samba enredo dentro do Carnaval de Juiz de Fora, porque antes, todas as Escolas saíam com coro pra cantar o samba. Eram tantos homens e tantas mulheres e eles cantavam na avenida. E eu sai nesse ano sozinho. Até questionaram ao presidente quem eu era, se ele tinha me contratado do Rio de Janeiro, essa coisa toda, porque lá essa forma já existia, já tinham Escolas com intérpretes sozinhos. E foi um sucesso, graças a Deus.

Em 72 fui convidado a compor, pelo José Bendito Martins, o Bené. Foi a primeira vez que mexi com samba, mas eu trabalhava e trabalho até hoje mais com a linha melódica. Até dou pitaco, escrevo alguma coisa, vejo rimas, mas sou mais a melodia. E o Bené era ligado a Juventude Imperial, mas não sei o que aconteceu que alguns elementos de lá

saíram da Juventude e foram pro Castelo. E dessa leva foi o Ismael, Sadi, Bené... Foi uma turma tremenda. E o Bené me convidou pra participar com ele no samba pro enredo "Festas Folclóricas". Quando eu cheguei o samba estava praticamente pronto. Mas alterei algumas coisas, dei opinião em outras e fechamos o samba. O Castelo de Ouro saiu muito bonito e estava disputando de fato o Carnaval. Mas infelizmente não ganhou. E esperávamos que depois desse desfile, a Escola levantasse e fosse adiante, Mas foi o contrário. O Euclídes (que era o presidente da escola - **grifo meu**) não deu muita atenção mais, teve um desanimo.

Nessa época, eu comecei a freqüentar o bloco Balaio de Gato. Lá na Vila São Benedito, tinha um compositor, o Sarrafo, que me convidou a participar do bloco, que era no Jardim Glória, era muito bem organizado. E eu já sai cantando lá. E foi justamente através do Sarrafo, que fui convidado pelo Roberto Medeiros (um advogado muito renomado na época e era presidente da Juventude Imperial - **grifo meu**), pra ir pra Juventude. Isso em 73. Aí, o Sarrafo chegou perto de mim e falou que o Roberto queria falar comigo. Eu até achei estranho, pois ele era advogado e nem pensei na Juventude. Até me perguntei "o que será que eu fiz pra um advogado estar querendo falar comigo?" (risos). Mas aí, eu encontrei com ele no Beco (no Bloco do Beco - **grifo meu**) e nesse dia ele estava com a letra do "Zumbi dos Palmares", enredo da Juventude naquele ano. E falou comigo que ele queria que eu trabalhasse uma música com aquela letra. E era uma letra enorme, um testamento. E comecei a trabalhar nela lá mesmo no Beco. O Flavinho da Juventude participou também, porque na época ele já tinha uma liderança, um movimento no Furtado de Menezes, e o Roberto achou interessante a participação dele. E o samba ficou sendo meu, dele e do Roberto Medeiros. Desfilamos e ganhamos o Carnaval. E dali comecei a adquirir um nome. O "Zezé do Pandeiro" começou a surgir a partir daí. E fiquei até 76 lá na Juventude.

Em 76 desfilei na Real Grandeza. E fui convidado pelo Waltinho de Paula, o Walter Kennedy como o pessoal o chamava, porque ele era dono das Fábricas Kennedy, de colchões, que existia na época, a fazer samba, e participamos de vários concursos na cidade. Fui pro Feliz Lembrança também, Partido Alto e ganhei muitos sambas lá.

Em 77 o Waltinho me chamou pra participar de um concurso lá na Unidos dos Passos. Era uma Escola muito boa, muito organizada, era na Zona Sul da cidade. E o enredo lá era "Exaltação ao Rio São Francisco". E fizemos o samba pra lá e ganhamos. Mas eu tinha fechado contrato com a Feliz Lembrança nesse ano, e o presidente, que era o Coronel Félix queria que eu desfilasse na Escola. Não consegui a dispensa e outra pessoa, agora não me lembro quem, saiu cantando. Fiquei mais um tempo no Feliz Lembrança e fui para o Turunas. Foi a Escola que eu fiquei mais tempo. O Ernani que me convidou pra ir pra lá. Era a Escola mais luxuosa que tinha na cidade. Ganhei alguns sambas lá, e fui seguindo minha carreira. E estou ai até hoje.

Mas o ápice da minha carreira foi em 2000, quando o Bené da Portela me chamou pra participar da Ala de Compositores da Escola. Tive oportunidade de conhecer grandes compositores como Noca, Monarco, Camarão, e outros. E então eu, o Edynel, o Edinho Leal, o Ailton e Amilton Damião, fizemos um samba pra lá e conseguimos a vitória. Eu que defendi o nosso samba na quadra. O enredo era "Trabalhadores do Brasil: a época de Getúlio Vargas", e foi uma experiência maravilhosa. Me rendeu muitas coisas boas, como por exemplo receber o convite do Gera, que era o intérprete da Portela na época, de sair no apoio, cantando com ele, na Marquês de Sapucaí. Participei de outros concursos no Rio, em outras Escolas como Porto da Pedra e Tijuca, mas não ganhamos. É difícil. Mas estou aí, graças a Deus seguindo minha vida.

2. Como você avalia o trabalho realizado hoje pela Liga das Escolas de Samba de Juiz de Fora?

R: Acho que em Juiz de Fora muita coisa fica a desejar. A Liga olha pelas Escolas, mas em partes específicas dela. A Liga das Escolas de Samba tem obrigação de zelar mais pelos compositores, porque não é fácil de se fazer um samba enredo. E ele tem o mesmo valor de pontos num desfile que tem alegoria, mestre-sala e porta-bandeira, ala das baianas, comissão de frente, enfim, eles exigem nota. Infelizmente, em outros Carnavais, como na época do Melo Reis, tinha ornamentação, o calor humano era maior. E o samba era mais valorizado. Você ganhava um troféu. Hoje, você participa e não recebe nem um obrigado. Sem contar a despesa, como gravação do samba. E daí a Liga não tem verba, não se preocupa em ressarcir esse valor e as Escolas muito menos. Elas recebem a verba e colocam tudo nas fantasias. Mas Escola não é só isso. Tem que olhar pra outro lado também.

3. Como era a relação da administração municipal com as Escolas de Samba, se tratando de épocas passadas?

R: Eu fui ter um conhecimento maior desse contato com as autoridades da cidade, quando me chamaram pra montar uma chapa pra concorrer a presidência da Liga. Não ganhei. E eu vi, nas reuniões que participei muita incompreensão, cada um querendo levar vantagem. Não existia um consenso em fazer algo para o sucesso do Carnaval. Não estou censurando o que as Escolas fazem, porque não é fácil nem barato montar um Carnaval, mas tem certas coisas que eles perdem com a organização. Em termos de Carnaval, se tratando da Liga, pra mim é uma desorganização total. Hoje ele está assim, mas já teve administrações anteriores em que ele era tratado com maior zelo, com mais atenção.

4. E o Carnaval hoje, como você o avalia?

R: Acho que chegou nesse ponto porque não teve uma renovação. Tem presidente aí que está mais de 30 anos no cargo. Eles não são presidentes, são donos das Escolas. E como dono, não abrem espaço. E quando abrem, ficam por trás torcendo pra que tudo dê errado. Isso é um absurdo! Isso foi uma das coisas que pra mim, detonou com o nosso Carnaval. No Rio, os departamentos das Escolas formam Escolas Mirins, com projetos e tiram as crianças da rua, proporcionando cursos diversos. Lá ela aprende a ter amor a camisa. Hoje se perguntar uma criança, um adolescente as cores do Turunas, Feliz Lembrança, Ladeira, é capaz dele não saber. Não é porque ele não gosta, mas é que ele não é chamado a participar. Aí eles falam que é porque o povo vai embora da cidade que o Carnaval está assim. Mas temos muita gente que mora aqui. Não vão porque não tem incentivo. As Escolas trancam o seus portões e pronto. Igual recentemente, os Bombeiros fecharam as Escolas. As que têm interesse em movimentar a quadra, arrumaram os documentos e liberaram o local. E tem Escola que não fez nada até agora. Aí a culpa é de quem, da administração? Não é não. E outra coisa também é a mania de querer comparar o Carnaval daqui com o do Rio de Janeiro. O Carnaval daqui nunca será como o de lá. Ele tem que ser comparar com o Carnaval que esteja no patamar dele, que é o de Minas, da nossa região para assim ter sucesso. Então tem que ter um planejamento melhor. Mas o prefeito tem que gostar de Carnaval para que as coisas comessem a dar certo. Uma coisa também é a divulgação, que hoje não tem mais. É muito fácil você pegar e ver quanto que tem de verba e sair distribuindo para as Escolas. Não tem uma fiscalização, não tem interesse em saber pra onde esse dinheiro está indo e nem as Escolas de prestarem conta. É verba pública. Acho que faltou uma visão dos administradores, uma visão futura Porque na época que aqui ganhou o título de 2º melhor Carnaval do país, deveria-se pensar em manter isso de

alguma forma. Mas não. De repente eles acharam que o que tinha que ser feito, já estava sendo.

5. O que poderia ser feito pra atrair os público para as quadras?

R: Tinha época que eles traziam famosos para as Escolas. Isso é uma atração. E isso enche qualquer lugar. A Funalfa tem uma verba destinada para o Carnaval. porque não pegar uma parte dela e pagar um cachê pra alguns famosos desfilarem nas Escolas, por exemplo? Acho que seria uma ideia.

6. Quando você começou a notar a decadência do Carnaval?

R: Ele começou a cair quando o Bejani, na primeira administração dele acabou com o Carnaval. Isso foi notório, foi um fato até, pra mim, ditatorial. Ele tirou o prazer do público. O motivo pra mim e indiferente, mas acho que indiferente disso, poderia ter punido os responsáveis de outro jeito. E isso foi um esfriamento total. Se o Carnaval já vinha sofrendo um esfriamento, nessa época, foi a gota d'água pra situação. Agora olha que contrataste: na última administração dele, ele foi o prefeito que deu a melhor verba do Carnaval (risos).

7. Como você qualifica os sambas de agora em relação aos de décadas passadas?

R: Antigamente os sambas eram enormes mesmo. Ele narrava o enredo inteiro. Foi daí que na época, eles intitularam a Escola de Samba como um teatro ambulante, porque os sambas enredos da época narravam a história praticamente inteira do enredo, detalhes sobre ele e a Escola interpretava ele na avenida. O samba era descritivo. Hoje eles não tem essa preocupação. Eles contam a história, mas estão mais focados no refrão. O corpo do samba chama pouca atenção. O que chama atenção mesmo é o refrão. A música dele que dobra o samba, chama o samba e torna ele mais freqüente. Você na maioria das vezes não lembra a música, mas lembra o refrão. Ele fica na sua cabeça e é isso que está importando.

8. Você acha que a paixão acabou?

R: Não acabou, mas está acabando. Houve um esfriamento nas escolas de samba sim, mas o Carnaval de rua tem participação grande do povo, igual no Corredor da Folia. Acho que poderia ter um projeto melhor, um olhar com mais carinho aos desfiles, mas não há. Você tantos blocos na cidade, tem a Banda Daki, onde muita gente participa ainda, as Domésticas de Luxo que voltaram. Ou seja, tem uma admiração pelo Carnaval como um todo, mas o específico do Desfile das Escolas de Samba só está esfriando. Se continuar assim, eu acho, francamente, que a tendência natural é acabar os desfiles. É um absurdo, mas é o que está acontecendo.

9. E sobre o fato de antecipar o Carnaval? Você enxerga isso como um jeito de melhorar a situação atual?

R: Se dará certo ou não, é uma incógnita. Eu posso até me enganar, mas eu não vejo isso como a solução do nosso Carnaval. Porque Juiz de Fora não é cidade turística, então o que vai atrair o público? A maioria do pessoal trabalha também. Em outros lugares deu certo, mas não tem como comparar esses lugares aqui a Juiz de Fora, como Vitória. Lá tem praia, então a pessoa pode ir pro Carnaval e depois ir pra praia. E aqui, o que tem? Eu posso até me enganar, mas não sei. Espero que dê certo sim, mas só quando acontecer é que vamos ter certeza.

APÊNDICE 2 - FOTOS DO CARNAVAL DE JUIZ DE FORA

A- Corsos formado por mulheres, na década de 70. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



B - Foto do que restou do Clube Juiz de Fora, após o incêndio na década de 1950. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



C- Desfile da Escola de Samba Turunas do Riachuelo, em 1958. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



D - Desfile do Rancho "Não Venhas Assim", em 1958. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



E - Foto do Clério Pereira de Souza, o Pimpinela, Rei Momo no Carnaval de Juiz de Fora por 28 anos. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



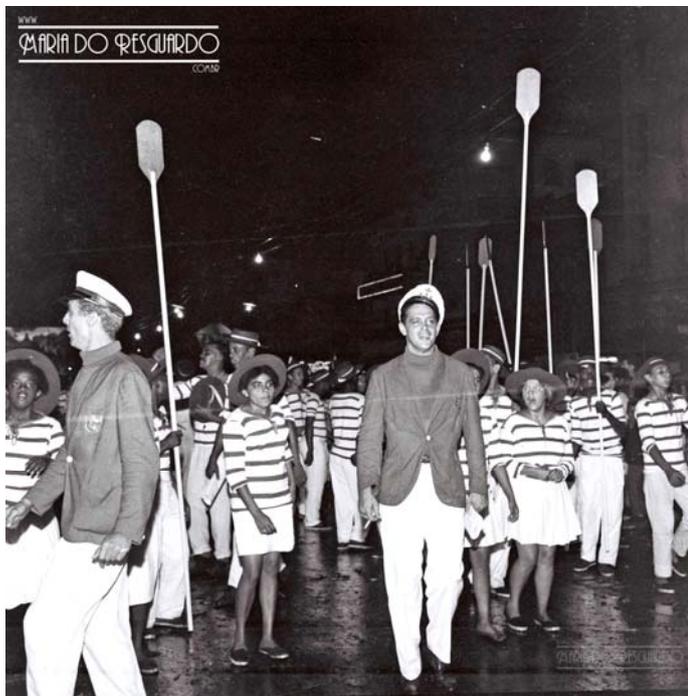
F - Foto da equipe da PRB-3 transmitindo o desfile das Escolas de Samba de Juiz de Fora, no palanque em frente ao Parque Halfeld, em 1958. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



G - Ex-prefeito Adhemar Andrade, entregando a chave da cidade ao Rei Momo Pimpinela, em 1966. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



H - José Carlos de Lery Guimarães (a frente) no desfile da Feliz Lembrança, com o enredo "Mascarada Veneziana", em 1966.(Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



I - Baile no Sport Clube Juiz de Fora, em 1958. (Fonte: site Maria do Resguardo - <http://www.mariadoresguardo.com.br/>)



J - Foto do Djalma de Carvalho (Fonte: arquivo pessoal)



K - Desfile da Feliz Lembrança, na década de 60. (Fonte: arquivo pessoal)



L - Nancy de Carvalho e Nelson Silva (casal ao centro), no desfile da Feliz Lembrança, na década de 60 (Fonte: arquivo pessoal)



M - Nancy de Carvalho (de saia escura) e demais componente da Feliz Lembrança, em desfile na década de 60. (Fonte: arquivo pessoal)



N - Primeiro desfile do Zezé Garcia, na Turunas do Riachuelo, em 1966. (Fonte: arquivo pessoal)



O - Zezé Garcia (ao centro, de vestido), no primeiro desfile pelo bloco caricato, Domésticas de Luxo, em 1967. (Fonte: arquivo pessoal)



P - Zezé Garcia em desfile na Turunas do Riachuelo, em 1972. (Fonte: arquivo pessoal)



Q - Zezé do Pandeiro (a esquerda) em desfile na Castelo de Ouro, em 1972. (Fonte: arquivo pessoal)



**R - Zezé do pandeiro na gravação do primeiro LP das Escolas de Samba, em 1979.
(Fonte: arquivo pessoal)**



S - Zezé do Pandeiro (de azul, a esquerda) na festa de lançamento do LP do carnaval de 1982. (Fonte: arquivo pessoal)



T - Zezé do Pandeiro protesta sobre resultado no Carnaval de 2005. (Fonte: arquivo pessoal)

